

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CENTRO CULTURAL
REGIONAL BAIRRO NOVO

ANNA LUIZA AGOSTINETTO RODRIGUES
GRR20040414

Trabalho de graduação apresentado
como requisito à disciplina de
Metodologia de Pesquisa do Curso
Superior de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Roberto Sabatella Adam

CURITIBA
2008

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES	iv
LISTA DE TABELAS	viii
LISTA DE SIGLAS	ix
RESUMO	x
1. INTRODUÇÃO	1
1. 1 JUSTIFICATIVA	1
1. 2 PROBLEMATIZAÇÃO	2
1. 3 OBJETIVOS	2
1. 4 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS	3
1.5 ESTRUTURAÇÃO	4
2. CULTURA E LAZER	6
2. 1 CONCEITUAÇÃO DE LAZER	6
2. 2 O LAZER COMO REVELADOR DA CULTURA	9
2.2.1 Culturas e Identidades	9
2.2.2 A cultura no lazer	11
2.2.3 Implicações do processo de globalização na cultura	12
2. 3 ORIGENS E HISTÓRIA	13
2. 4 CLASSIFICAÇÃO DO LAZER	16
2. 5 EQUIPAMENTOS DE LAZER	17
2.5.1 Equipamentos específicos.....	18
2.5.2 Equipamentos não-específicos.....	20
2.5.3 Centros Culturais.....	21
2. 6 IMPORTÂNCIA DA CULTURA E DO LAZER.....	22
2. 7 CULTURA E LAZER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	23
2. 8 CULTURA E LAZER NO BRASIL	24
3. URBANISMO, CULTURA E LAZER	27
3. 1 O ESPAÇO URBANO	27
3. 2 DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA E DO LAZER	28
3. 3 O PAPEL DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	30
3.3.1 Plano de Implementação Cultural	32
3. 4 O CASO DE CURITIBA	34

3.4.1 Secretarias e Órgãos Públicos	36
4. ESTUDOS DE CASO	40
4. 1 INTERNACIONAL – CENTRO GEORGES POMPIDOU	42
4. 2 NACIONAL – SESC FÁBRICA DA POMPÉIA	56
4. 3 MUNICIPAL – PAÇO CULTURAL SESC	70
4. 4 EQUIPAMENTOS DA FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA	80
4.4.1 MUMA – Museu Metropolitano de Arte de Curitiba	80
4.3.2 Centro de Criatividade de Curitiba	90
5. PROPOSTA DE CENTRO CULTURAL	99
5. 1 ANÁLISE DA REALIDADE	99
5.1.1 Exclusão e carência da periferia de Curitiba	99
5.1.2 Equipamentos culturais na região Sul de Curitiba	102
5. 2 REGIONAL BAIRRO NOVO	107
5.2.1 Caracterização Histórica, Física, Social e Urbanística	108
5.2.2 A questão da cultura	117
5.3 DIRETRIZES PARA A NOVA PROPOSTA	122
5.3.1 Diretrizes gerais	122
5.3.2 Diretrizes arquitetônicas	125
5.3.3 Programa e uso dos espaços	131
5.4 LOCAL DE IMPLANTAÇÃO	136
5.4.1 Terrenos	140
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	148
ANEXOS	151

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O lazer como revelador da cultura	06
Figura 2 – Índio Tecnológico	13
Figura 3 – Capoeira	25
Figura 4 – Bumba-meu-boi	25
Figura 5 – Jardim Botânico: plano de bosques dos anos 90	35
Figura 6 – Memorial da Cidade: espaços cultural	35
Figura 7 – Componentes da FCC para enriquecimento cultural	38
Figura 8 – Quaterno contemporâneo	40
Figura 9 – Vista geral Centre Georges Pompidou	42
Figura 10 – Tubulações	42
Figura 11 – Planta da “área insalubre n ^o . 1”	43
Figura 12 – Ruela antes da demolição	43
Figura 13 – Meio urbano	45
Figura 14 – Ponto referencial na cidade	45
Figura 15 – Entorno imediato	45
Figura 16 – Praça Beaubourg	46
Figura 17 – Artistas de rua na Praça Beaubourg	46
Figura 18 – Planta baixa do Centre Pompidou	47
Figura 19 – Cortes do Centre Pompidou	48
Figura 20 – Vista do interior da “língua”	49
Figura 21 – “Língua”	49
Figura 22 – <i>Hall</i> de entrada	50
Figura 23 – Biblioteca	51
Figura 24 – Terraço	51
Figura 25 – Praça Stravinsky	51
Figura 26 – Acesso ao IRCAM	51
Figura 27 – Vigas em treliças	52
Figura 28 – Estrutura metálica	52
Figura 29 – <i>Gerberette</i> interligando pilar, vigas e tirantes	53
Figura 30 – Tubulações na fachada da Rua Renard	54
Figura 31 – Elevadores e “língua” na cor vermelha	55
	55

Figura 32 – Sinalização	55
Figura 33 – Escultura-chafariz na Praça Stravinsky	56
Figura 34 – SESC Pompéia	56
Figura 35 – SESC Pompéia	57
Figura 36 – Fábrica de tambores	57
Figura 37 – Configuração atual	59
Figura 38 – “Rio São Francisco”	59
Figura 39 – Mandacaru	60
Figura 40 – Novos edifícios	60
Figura 41 – Passarelas	61
Figura 42 – Planta do SESC Pompéia	61
Figura 43 – Corte da fábrica e blocos esportivos ao fundo	62
Figura 44 – Entrada	62
Figura 44 – Rua Interna	63
Figura 45 – Biblioteca	63
Figura 46 – Sala de Estar	64
Figura 47 – Foyer do teatro	64
Figura 48 – Teatro	64
Figura 49 – Vista geral dos ateliês	64
Figura 50 – Ateliê de Cerâmica	65
Figura 51 – Restaurante	65
Figura 52 – Cozinha	65
Figura 53 – Corte dos blocos esportivos	65
Figura 54 – Quadra Esportiva	66
Figura 55 – Aberturas do bloco esportivo	70
Figura 56 – Tratamento estético das quadras esportivas	70
Figura 57 - Paço Cultural SESC	70
Figura 58 – Torre do Paço Cultural SESC	72
Figura 59 – Foto aérea do local	72
Figura 60 – Praça Generoso Marques	74
Figura 61 – Plantas Paço Cultural SESC	75
Figura 62 – Escada	75
Figura 63 – Corte esquemático	77
Figura 64 – Antiga cobertura do Museu Paranaense	78
Figura 65 e 66- Estado de degradação do edifício	79
Figuras 67, 68 e 69 - Elementos <i>art nouveau</i> nas esquadrias	79

Figura 70 – Ornamentação do forro	80
Figura 71 – MUMA	80
Figura 72 – Acesso principal	82
Figura 73 – Localização do MUMA	82
Figura 74 – MUMA e o Terminal do Portão	82
Figura 75 – Vista do Terminal do Portão	83
Figura 76 – Passagens do MUMA	83
Figura 77 – Galeria de acesso à praça	84
Figura 78 – Acesso direto da calçada às salas	85
Figura 79 – Plantas MUMA (projeto da reforma)	86
Figura 80 – Cortes e Elevação MUMA (projeto da reforma)	87
Figura 81 – Entrada da galeria a partir da praça	87
Figura 82 – Praça	87
Figura 83 – Cinema MUMA	87
Figura 84 – Auditório MUMA	88
Figura 85 – Sala de cursos	88
Figura 86 – Sala de exposições	89
Figura 87 – Cobertura	90
Figura 88 – Centro de Criatividade	90
Figura 89 – Pátio do Centro de Criatividade	91
Figura 90 – Parque São Lourenço	91
Figura 91 – <i>Playground</i> em frente ao CCC	92
Figura 92 – Implantação do Complexo do CCC	92
Figura 93 – Casa Erbo Stenzel	92
Figura 94 – Interior da Casa Erbo Stenzel	94
Figura 95 - Projeto arquitetônico do “B1”	94
Figura 96 – Grande Ateliê Figura	94
Figura 97 – Ateliê de Cerâmica	95
Figura 98 – Administração	95
Figura 99 – Máquinas e sala de exposição	95
Figura 100 – Projeto arquitetônico do “B2”	95
Figura 101 – Clube de Criação do Paraná	95
Figura 102 – Teatro Cleon Jaques	96
Figura 103 – Sala de Gravura	96
Figura 104 – Sala múltiplo uso	96
Figura 105 – Ateliê de escultura	96

Figura 106 – Interior do ateliê de escultura	97
Figura 107 – Aberturas	97
Figura 108 – Trelíça Espacial	98
Figura 109 e 110 – Máquinas preservadas	98
Figura 111 – Escada Escultórica	100
Foto 112 – Divisão de Curitiba de acordo com os grupos	101
Figura 113 – Jovens barrados no <i>Shopping Palladium</i>	104
Figura 114 – Localização das salas improvisadas da FCC	105
Figura 115 – Sala da FCC no barracão da FAS	105
Figura 116 – Sala da FCC na Vila Tecnológica	106
Figura 117 – Protótipos de habitações na Vila Tecnológica	107
Figura 118 – Problemática cultural na Regional Bairro Novo	108
Figura 119 – Histórico das Administrações Regionais	109
Figura 120 – Densidade populacional (2005)	109
Figura 121 – Renda (2005)	110
Figura 122 – Faixa etária (2005)	110
Figura 123 – Malha Viária Principal	111
Figura 124 – Loteamento Bairro Novo	112
Figura 125 – Áreas de Concentração de Problemas	113
Figura 126 – Concentração de comércio na Rua Izaac Ferreira da Cruz	114
Figura 127 – Localização dos equipamentos urbanos	115
Figura 128 – Transporte Coletivo	116
Figura 129 – Índice de qualidade de vida	118
Figura 130 – Localização dos equipamentos e programas culturais	120
Figura 131 – Grupo “Calça Larga” na Regional Bairro Novo	121
Figura 132 – <i>Graffiti</i> na Regional Bairro Novo	137
Figura 133 – Localização favorável do Sítio Cercado	138
Figura 134 – Pontos de facilidade de acesso e concentração de serviços	139
Figura 135 – Contexto urbano da Rua da Cidadania	140
Figura 136 – Contexto urbano do Terminal de Transporte	141
Figura 137 – Zoneamento	141
Figura 138 – Parâmetros de uso e ocupação do solo	142
Figura 139 – Entorno do terreno escolhido	142
Figura 140 – Lotes	143
Figura 141 – Terreno e entorno	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Facilidade de acesso	126
Tabela 2 – Relação com o entorno	127
Tabela 3 – Apropriação pela comunidade	127
Tabela 4 – Funcionalidade	128
Tabela 5 – Flexibilidade dos espaços	128
Tabela 6 – Áreas de convívio	129
Tabela 7 – Construtibilidade	129
Tabela 8 – Conforto ambiental e eficiência energética	130
Tabela 9 – Expressividade	131
Tabela 10 – Espaços e função	132
Tabela 11 – Quadro de setorização e áreas	134
Tabela 12 – Programa: setor social	134
Tabela 13 – Programa: setor administrativo	134
Tabela 14 – Programa: setor cultural	135
Tabela 15 – Programa: setor de serviço	136

LISTA DE SIGLAS

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas

CCC: Centro de Criatividade de Curitiba

CEL: Centro de Esporte e Lazer

FAS: Fundação de Ação Social

FCC: Fundação Cultural de Curitiba

IPPUC: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

MUMA: Museu Metropolitano de Arte

SESC: Serviço Social do Comércio

SMEL: Secretaria Municipal de Esporte e Lazer

TFG: Trabalho Final de Graduação

UIP: Unidade de Interesse de Preservação

RESUMO

Este trabalho de pesquisa se refere ao embasamento teórico necessário para a realização de um Trabalho Final de Graduação intitulado “Centro Cultural – Regional Bairro Novo”. O projeto foi desenvolvido pela aluna Anna Luiza Agostinetti Rodrigues, estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR, em um período de aproximadamente 4 meses, tendo-o finalizado no dia 15 de junho de 2008. A orientação coube ao professor Roberto Sabatella Adam. O trabalho consiste em sintetizar os dados que se referem a um centro cultural, conceituando a cultura e o lazer na sociedade e ressaltando os espaços à eles voltados através de estudos de caso de edificações com usos similares ao propostos. Destaca-se também a análise da realidade curitibana no que se refere à oferta de espaços culturais, sendo evidenciada a carência de equipamentos do gênero na região Sul da cidade, mais especificadamente na Regional Bairro Novo. Traz como solução a implantação de um centro cultural nesta área de Curitiba, sendo elaborados os princípios norteadores do projeto a ser desenvolvido e o programa arquitetônico do mesmo. O objetivo geral da proposta é oferecer um espaço físico adequado para a ocorrência de atividades culturais, promovendo assim o desenvolvimento da comunidade e a integração social. A metodologia de pesquisa segue uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, e os procedimentos metodológicos incluem: entrevistas, visitas técnicas e pesquisa documental.

1. INTRODUÇÃO

As atividades culturais apresentam fundamental importância na sociedade, pois são capazes de manifestar valores que desenvolvem os pensamentos, as condutas e a capacidade criativa dos indivíduos, fazendo também emergir a identidade dos grupos sociais. As atividades culturais podem estar associadas ao conceito de lazer, já que ocupam o tempo livre dos indivíduos com práticas prazerosas que propiciam o desenvolvimento humano e integração dos mesmos no seu contexto social.

Dada a importância da cultura e do lazer na formação de cidadãos, torna-se imprescindível a existência de espaços públicos que promovam atividades do gênero de modo democrático e acessível. Foi essa relevância de um equipamento cultural na comunidade que motivou a escolha do tema para o TFG (Trabalho Final de Graduação). Tendo em vista a carência de espaços específicos de cultura na região Sul de Curitiba e a grande distância desta área da cidade em relação aos equipamentos mais centrais, propõe-se a implantação de um centro cultural na Regional Bairro Novo, de modo que este atenda a população dos bairros do Sul da cidade. O projeto a ser desenvolvido pretende ofertar em um espaço adequado atividades que são inerentes a um centro cultural, atuando principalmente na questão da inclusão social da população e na valorização da cultura local.

1.1 JUSTIFICATIVA

Analisando o contexto de Curitiba na questão da distribuição dos equipamentos culturais pelo território urbano, nota-se que a grande maioria dos espaços se encontra nas áreas mais centrais da cidade, caracterizando assim a deficiência dos bairros mais periféricos na questão da oferta de espaços do gênero. Muitas dessas áreas mais afastadas do centro de Curitiba apresentam um grande volume populacional e se encontram em pleno estado de expansão, como é o caso da região Sul, o que demanda um urgente investimento na área. Além disso, alguns dos bairros do Sul da cidade estão entre os que concentram mais problemas, apresentando baixa qualidade de vida e grande parte da população carente. Devido ao potencial das atividades culturais na criação de condições favoráveis a uma efetiva transformação dos indivíduos, considerou-se de grande importância a implantação de um centro cultural nessa área desfavorecida da cidade, de forma que o mesmo atue na melhoria da qualidade de vida da população local.

A democratização da cultura é essencial para o desenvolvimento desejável de uma cidade, partindo-se da dimensão de que todos os indivíduos devem ser considerados produtores culturais e que devem ser amparados por políticas públicas que proporcionem oportunidades de capacitação crítica, criativa e transformadora. Segundo Marcellino (1996),

“cabe à gestão pública a missão de promover a superação de desajustes sociais e a distância entre os ‘culturalmente integrados’ e os ‘excluídos’”. A FCC (Fundação Cultural de Curitiba) é o órgão da prefeitura que administra os equipamentos públicos e atividades culturais da cidade, e já vem demonstrando interesse em implantar um centro cultural na Regional Bairro Novo, mais especificamente no bairro Sítio Cercado. Como o bairro tratado se encontra em uma posição geográfica central da região Sul de Curitiba e é o segundo mais populoso da cidade, adotou-se o mesmo como local de implantação do equipamento. Portanto, pode-se afirmar que a escolha de um centro cultural na Regional Bairro Novo como tema do TFG está diretamente vinculada às necessidades apontadas pela FCC em relação a esta área da cidade, o que torna o tema adotado bastante real e coerente com as intenções do órgão responsável.

Enfim, busca-se com o projeto a ser desenvolvido a criação de um espaço físico adequado que possibilite a convivência social, a liberação de emoções e o desenvolvimento intelectual. Pelo caráter social do mesmo, imagina-se que o equipamento venha a ser administrado por um órgão público, no caso a FCC.

1. 2 PROBLEMATIZAÇÃO

Observando a questão cultural na Regional Bairro Novo, percebe-se que existem muitas ações culturais e interesse da população em produzir cultura, embora nenhum espaço específico e adequado para estas atividades. Os ambientes utilizados atualmente no local são duas pequenas salas improvisadas da FCC, associações de moradores, salões paroquiais e escolas, os quais não possuem os aparatos técnicos necessários para o perfeito desenvolvimento das atividades. A falta de espaço físico da FCC nas dimensões apropriadas dificulta o andamento das atividades, uma vez que esta depende do empréstimo de outros locais para atender a demanda.

Diante destes problemas, uma questão relevante consiste em: Como melhorar, por meio de um projeto arquitetônico, a qualidade de oferta de atividades culturais na Regional Bairro Novo?

1. 3 OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é fornecer o embasamento teórico necessário para o projeto de um centro cultural na Regional Bairro Novo, a fim de adequar a proposta à realidade e ao público alvo.

Os objetivos específicos são:

- a. Pesquisar e analisar o sentido de lazer e cultura na sociedade, sua importância e os benefícios na prática;
- b. Pesquisar e analisar a relação da cultura com o espaço urbano, bem como as questões políticas que são envolvidas;
- c. Realizar estudos de caso de projetos semelhantes a fim de analisar questões que possam determinar as diretrizes da nova proposta (inserção na cidade, atividades ofertadas, dimensionamento, necessidades técnicas, entre outras);
- d. Pesquisar e analisar a realidade da questão cultural e oferta de equipamentos específicos em Curitiba, mais especificamente nas regiões mais periféricas da cidade, como a Regional Bairro Novo;
- e. Pesquisar e analisar os dados referentes à área de abrangência do projeto, identificando suas características físicas, sociais, culturais e urbanas, a fim de que seja escolhida a localização adequada para o centro cultural;
- f. Determinar as premissas do tema, estabelecendo diretrizes de ocupação e definição do programa de acordo com as necessidades locais.

1. 4 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

A metodologia utilizada para esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa. Isso porque as questões vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve, não sendo apresentadas através de estatísticas ou valores que medem os eventos estudados. Este tipo de abordagem envolve a obtenção de dados descritivos sobre comunidades, lugares e processos interativos pelo contato do pesquisador com a situação estudada, a fim de que seja compreendida a realidade do tema em questão. Este tipo de pesquisa é fundamental no estudo da arquitetura, uma vez que esta apresenta questões bastante subjetivas que não poderiam ser tratadas apenas através de dados mensuráveis.

Para a elaboração do relatório em questão, foram adotados como procedimentos metodológicos pesquisa documental, estudos de casos, entrevistas não estruturadas e visitas técnicas.

Inicialmente, foram coletados dados relacionados à cultura e seu vínculo com o lazer através de pesquisa documental. Paralelamente a essa etapa, foram realizadas algumas entrevistas com profissionais vinculados à promoção da cultura e do lazer em Curitiba, envolvendo arquitetos, professores, orientadores de atividades culturais e coordenadores da FCC e SMEL (Secretaria Municipal de Esporte e Lazer). O objetivo era estabelecer um panorama da realidade cultural em Curitiba, já que ainda não se tinha uma idéia completamente formada do que viria a ser a proposta do TFG. Utilizou-se a técnica de

entrevista não estruturada pela possibilidade de flexibilidade da mesma, uma vez que ainda se estava procurando por informações não muito definidas, caracterizando entrevistas bastante informais. Algumas das entrevistas foram gravadas, transcritas e interpretadas. Pode-se dizer que foram as informações obtidas nas dessas conversas com os profissionais que determinaram a escolha de um centro cultural na Regional Bairro Novo como tema.

Posteriormente, foram realizados os estudos de caso, os quais tiveram como objetivo analisar projetos semelhantes ao proposto para que pudessem ser observadas as premissas e questões inerentes a um centro cultural, a fim de que as potencialidades dos projetos pudessem guiar as diretrizes da nova proposta. Os dados dos projetos localizados fora de Curitiba foram coletados através de pesquisa documental, traduzindo-se em imagens, textos e desenhos. Já os equipamentos localizados em Curitiba foram tratados através do mesmo procedimento, embora tenha se somado visitas técnicas aos locais, com realização de levantamento fotográfico.

Finalmente, partiu-se para a coleta de dados da Regional Bairro Novo, sendo realizadas visitas técnicas aos espaços da FCC no local, levantamento fotográfico da região e pesquisa documental. Nesta etapa também foram realizadas entrevistas com duas funcionárias da FCC (coordenadora da Regional Bairro Novo e arquiteta), a fim de serem verificadas as manifestações culturais locais, bem como os espaços e atividades que o centro cultural proposto poderia vir a apresentar.

Após o levantamento dos dados, foi redigido o presente relatório conclusivo, o qual contém as informações necessárias para a futura elaboração do projeto arquitetônico.

1.5 ESTRUTURAÇÃO

O trabalho se divide em quatro partes principais de acordo com a abrangência do tema:

- “Cultura e Lazer”. Trata-se da conceituação do tema. Neste capítulo optou-se por tratar as atividades de lazer como reveladoras da cultura. Nesta parte foi realizado um estudo sobre cultura e lazer com base nos estudos de alguns sociólogos, sendo tratados assuntos como classificação das atividades, tipos de equipamentos (com enfoque em centros culturais), bem como importância e situação da cultura e do lazer na sociedade atual.
- “Urbanismo, Cultura e Lazer”. Tendo em vista a forte relação do equipamento proposto com a política urbana, considerou-se importante retratar nesta parte principalmente as questões relacionadas à democratização e facilidade de acesso aos equipamentos urbanos, os quais normalmente não se distribuem pela cidade de modo que atenda igualmente a todos. Como o centro cultural proposto se trata

de um edifício administrado pelo poder público, mais especificamente pela FCC, buscou-se também retratar o papel das políticas públicas na questão de equipamentos voltados à cultura.

- “Estudos de caso”. Neste capítulo, foram analisados edifícios similares à função proposta no âmbito internacional (Centre Georges Pompidou), nacional (SESC Pompéia) e municipal (Paço Cultural SESC e equipamentos da FCC). Como a proposta do TFG passaria a ser mais um dos equipamentos administrados pela FCC, tornou-se interessante analisar alguns espaços já de domínio da mesma.
- “Proposta de Centro Cultural”. Esta parte do trabalho destina-se à análise da realidade e às soluções encontradas através da arquitetura. Apresenta os dados da região de implantação do projeto, bem como as diretrizes, programa e terreno escolhido para o mesmo. Esta parte é de grande importância, pois se trata da base para começar a desenvolver o projeto arquitetônico.

2. CULTURA E LAZER

Para propor um projeto arquitetônico, é fundamental que se tenha um razoável conhecimento teórico sobre o tema que será o foco do projeto, sendo neste caso a cultura. A pesquisa em questão trata cultura e lazer como conceitos que caminham juntos, pois afinal, pode-se dizer que as atividades de lazer introduzem valores que revelam a cultura de um povo. Além disso, o lazer possui uma gama de atividades que se são enquadradas conforme os interesses e características das mesmas, entre elas as atividades de caráter cultural. Esquemáticamente:

Figura 1 – O lazer como revelador da cultura



Fonte: elaborado pela autora

Portanto, para adquirir o embasamento teórico necessário ao desenvolvimento do projeto, preocupou-se em conceituar cultura e lazer, seja no passado ou no presente, além de expor as atividades e equipamentos existentes em relação a estes temas.

2. 1 CONCEITUAÇÃO DE LAZER

O conceito de lazer é um importante tema que deve ser explorado, pois nesta pesquisa será considerado como algo que envolve a cultura. O uso indiscriminado e impreciso da palavra “lazer” engloba conceitos diferentes e até mesmo conflitantes, sendo necessária a tentativa de tentar precisá-lo no sentido de orientar esta pesquisa. Há vários

conceitos provenientes de diversos estudiosos sobre o que é lazer, sendo complexo chegar a uma conclusão única sobre o tema. Portanto, para esta pesquisa, buscou-se não uma resposta ao que é lazer, mas sim, a exposição de diferentes opiniões provenientes de especialistas do assunto.

Para conceituar lazer de uma forma geral, pode-se evidenciar uma das definições do sociólogo Dumazedier (1976), já que este entra em acordo com demais estudiosos e profissionais da área quando cita que o lazer é uma resposta às necessidades de relaxamento, desenvolvimento pessoal e divertimento, que, quando supridas, conferem ao homem um certo equilíbrio e bem estar. Dumazedier trata o lazer como:

“...um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.” (DUMAZEDIER, 1976)

Para Marcellino (1996), as atividades de lazer possuem o intuito de satisfazer os desejos e anseios do indivíduo que a pratica, sendo, portanto, uma atividade que proporciona prazer. Já Bougesthos (1974) apresenta o lazer como uma recuperação ou aprimoramento da capacidade física e mental dos indivíduos, além de contribuir para a integração social.

Segundo Marcellino (1996), há basicamente duas variantes para as definições de lazer. Uma delas determina o lazer como atividade desenvolvida no tempo livre do indivíduo, ou seja, desenvolvida quando a pessoa está livre de suas obrigações. O outra desconsidera o fator tempo, tratando o lazer como um estilo de vida que foca basicamente na satisfação do indivíduo. A tendência entre os estudiosos é considerar estas duas variantes na questão da conceituação de lazer. Para Dumazedier (1976), o lazer está ligado à noção de tempo livre como momento destinado à distração, à recreação e ao entretenimento, onde está em questão a satisfação pessoal. Camargo (1986) apresenta uma idéia semelhante, definindo o lazer como um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas e voluntárias realizadas num tempo livre conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho, e que interferem no desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. Porém, vale lembrar que nem todo o período livre conquistado reverte-se necessariamente em lazer.

As atividades culturais podem se ligar ao lazer por esses motivos, já que se tratam de um escolha que parte do indivíduo com o objetivo de satisfação pessoal, ocupando assim o seu tempo livre com alguma atividade que proporcione prazer e o desenvolvimento pessoal.

A oposição entre lazer e obrigações é talvez um dos fatores mais determinantes na conceituação de lazer. Isto vem inclusive de uma questão histórica, tendo em vista que o

lazer é um produto constante da redução da jornada de trabalho. Ao lazer se opõem o trabalho profissional, o trabalho doméstico, as atividades de manutenção (refeições, higiene, sono), atividades resultantes da obrigação social, familiar e espiritual (aniversários, reuniões, ofícios religiosos) e atividades de estudos. Em suma, o lazer é definido nos dias de hoje como oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana, sendo, portanto, o tempo livre do indivíduo para a prática de atividades voluntárias que proporcionem prazer (DUMAZEDIER, 1976).

É importante salientar que lazer é diferente de ócio. Segundo Marcellino (1996), o termo lazer está diretamente ligado a uma ocupação voluntária que visa o aprimoramento intelectual ou físico do indivíduo, enquanto o ócio se trata da não execução de atividades em um determinado período de tempo, sendo um período de descanso. Paralelamente a isto, Dumazedier (1976) deixa claro que tempo livre não é necessariamente sinônimo de lazer, já que o tempo livre pode ser um período ocioso e sem ocupações. O ócio pode transformar-se em violência, neurose, vício e preguiça, mas pode também elevar-se para a arte, a liberdade e a criatividade, mostrando que nem sempre o tempo livre é destinado à atividades benéficas ao intelecto humano.

Atualmente, os conceitos de recreação e lazer podem ser considerados sinônimos, embora suas origens sejam diferentes. O conceito de lazer surgiu depois, sendo um termo mais abrangente e que engloba a palavra “recreação”. A origem do termo recreação surgiu nos Estados Unidos, no século XIX, quando a fuga de pessoas do campo do campo em direção às cidades gerou grandes espaços abandonados. Portanto, a solução para estes espaços foi dar uma função aos mesmos com a criação de parques que oferecessem atividades recreativas, surgindo aí o conceito de recreação. Posteriormente, surgiu o termo lazer devido à necessidade de um termo que englobasse uma gama maior de atividades e ocupações do tempo livre (DUMAZEDIER, 1976).

As três funções mais importantes do lazer são a função de descanso, a função de divertimento, recreação e entretenimento e, por último, a função de desenvolvimento. Com o descanso, é possível reparar as deteriorações físicas e psicológicas resultantes das tensões das obrigações cotidianas. Já a função de divertimento, recreação e entretenimento tem como objetivo afastar o tédio e romper com o monótono universo cotidiano, o que pode ser alcançado através de viagens, esportes, atividades fictícias com base no cinema, entre outros. A função de desenvolvimento da personalidade desemboca em uma participação social maior, formação prática e técnica, integração aos agrupamentos recreativos, sociais e culturais, aprendizagem e incremento da cultura popular. Todas estas funções estão intimamente ligadas entre si, embora há quem pense que uma atividade mais intelectual não está ligada à divertimento, por exemplo. No caso mais específico desta pesquisa, as atividades culturais estão relacionadas a estas três funções, pois além do principal objetivo

de desenvolvimento, as práticas também podem proporcionar divertimento e descanso, já que parte de uma escolha voluntária do indivíduo de acordo com as suas preferências (DUMAZEDIER, 1976).

Por fim, pode-se dizer que o lazer é a forma mais procurada de ocupação do tempo livre, seja para descansar, para repousar, para divertir ou para se desenvolver fisicamente e psicologicamente. Trata-se de um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural.

2. 2 O LAZER COMO REVELADOR DA CULTURA

Para esta pesquisa, pode-se tratar o lazer como algo mais abrangente que engloba cultura, sendo indispensável estabelecer o vínculo existente entre estes dois conceitos. Como o foco do projeto a ser desenvolvido será na oferta de atividades voltadas mais à função de desenvolvimento humano do que às funções de descanso e divertimento, será dada ênfase na cultura como instrumento de formação de cidadãos. Sendo assim, torna-se necessário estabelecer um panorama sobre a cultura e a importância de atividades culturais na sociedade.

2.2.1 Culturas e Identidades

Definir o que é cultura é algo extremamente complexo, mas a sua compreensão é necessária para o desenvolvimento do TFG. Para isso, buscou-se não uma conceituação de cultura, mas sim a sua importância nas atividades de lazer como difusora de valores.

A primeira definição de cultura divulgada no meio científico é atribuída a Edward Taylor, que, em seu livro *Primitive Culture* (1871), assim traduzia o termo *culture*: “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Posteriormente, a cultura ainda foi definida como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética. Isso porque, anteriormente, acreditava-se que certas atitudes, potenciais ou hábitos eram inatos, ou seja, que certas características de um indivíduo ou povo eram herdadas e se manifestavam inevitavelmente. A antropologia moderna mostrou que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais, como argumenta Laraia (1986). Como exemplo, pode-se citar uma criança de origem indígena nascida em ambiente selvagem e que foi levada para crescer em uma cidade grande, sendo criada por pessoas representantes da

vida moderna. É bem provável que essa criança passe a agir de modo semelhante às pessoas que agora a cercam, acumulando valores e hábitos do mundo moderno e demonstrando que o comportamento dos indivíduos depende principalmente de aprendizado, e não somente de fatores biológicos.

Outro engano quanto à idéia de cultura ocorre também em relação ao determinismo geográfico. Cada região oferece possibilidades de adaptação, onde cada povo escolhe os melhores hábitos e costumes para encontrar sua maneira de sobreviver. Acontece que nem sempre uma localidade com as mesmas condições ambientais provoca reações de adaptação iguais. Como exemplo, tem-se os lapões e os esquimós, que, apesar de viverem em um ambiente semelhante, constroem suas habitações com formas e materiais diferenciados. Isso porque a força decisiva está na cultura e história de cada povo, fazendo surgir costumes e escolhas diferenciados em relação a outros indivíduos que se encontram diante de uma mesma situação. Assim, segundo Laraia (1986), percebe-se que a cultura não é determinada nem pela biologia e nem pelo meio ambiente, tratando-se, portanto, de um aprendizado.

A cultura é dinâmica, altera-se com o passar do tempo, e identificam-se, basicamente, dois tipos de mudança cultural: a interna (resultante da dinâmica do próprio sistema cultural) e a externa (contato de um sistema cultural com um outro). É importante salientar que cada mudança ocorrida pode passar por uma série de rejeições e causar choques entre gerações distintas. Por isso, deve-se tomar cuidado ao introduzir determinado ato ou valor em alguma sociedade, pois o mesmo pode não ser aceito pelo fato de ir contra os princípios dos indivíduos (LARAIA, 1986).

Cada indivíduo adota sentidos e significados distintos para uma mesma coisa, tendo como base a sua bagagem cultural. E o que pode ser considerado correto para determinada pessoas, pode ser errado para outra. O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são expressões culturais (LARAIA, 1986).

É da cultura que emerge a identidade dos indivíduos e grupos sociais. De acordo com a abordagem interpretativa de Geertz (1989), a cultura pode ser compreendida como o conjunto de significados construídos pelas pessoas ao longo de suas vidas, a partir dos quais se desenvolvem seus pensamentos, valores e a sua conduta. Cada indivíduo, portanto, difere culturalmente de outro.

O fato da área escolhida para a implantação do projeto de TFG se tratar de uma região mais carente e com uma população menos instruída implica em uma forte importância da cultura como difusora de valores que formem cidadãos, educando os indivíduos para a vida. Porém, é necessário uma certa cautela com a introdução de novas idéias e conceitos em uma comunidade, pois estas podem ser inicialmente mal aceitas. É comum que se tenha

receio do novo, do diferente, do que vem de fora. Mesmo assim, é importante que novas idéias e atividades sejam trazidas de comunidades ou grupos diferentes, a fim de abrir as mentes para novos pensamentos e oportunidades. Apesar das vantagens, deve-se tomar cuidado para que as novidades não ocultem a identidade dos indivíduos, pois, acima de tudo, deve-se respeitar, preservar e valorizar os costumes característicos de determinado grupo.

2.2.2 A cultura no lazer

O vínculo existente entre cultura e lazer é bastante forte, sendo imprescindível tratar estes dois temas juntos. Segundo Dumazedier (1976), as atividades de lazer, ligadas a modelos e valores, determinam o conteúdo da cultura popular de uma comunidade. Isso porque as atividades de lazer possuem algum conteúdo cultural, o qual pode ser considerado de extremo valor no desenvolvimento humano ou indiferente no crescimento intelectual.

Ainda segundo Dumazedier (1976), “o lazer se apresenta como elemento central da cultura vivida”. De certa maneira, “cultura vivida” é o modo como a sociedade ou o indivíduo se comporta, o que pode auxiliar na verificação dos valores levados em conta por aquela determinada comunidade. Portanto, pode-se dizer que o tipo de atividade de lazer praticada revela qual é a cultura ou identidade do indivíduo. A cultura também pode ser associada ao lazer pelo fato de ser produzida pelo homem no seu tempo livre, já que a seu desenvolvimento ou aquisição se torna muito mais eficiente nas horas livres de obrigações.

Como a cultura se trata dos costumes de um povo, pode-se afirmar que ela influencia o conteúdo das atividades de lazer existentes na sociedade, pois estas atividades são desenvolvidas baseadas no interesse da população. Há comunidades que valorizam as festas, por exemplo, enquanto outras destinam seu tempo livre ao culto das artes. Isso depende dos valores de cada sociedade, determinando assim quais atividades são de maior importância para o desenvolvimento e bem estar do ser humano de acordo com a cultura vigente. Porém, a cultura é dinâmica e varia com o passar do tempo, o que pode ocasionar mudanças em relação à importância dada por uma sociedade a determinadas atividades de lazer. Como exemplo, a prática do esporte não é tão valorizada na Roma atual como era na Antiguidade, afinal, a cultura e os costumes das sociedades que por ali passaram sofreram mutações que alteraram a maneira de pensar e agir da população (DUMAZEDIER, 1976).

As relações entre o lazer e as obrigações da vida cotidiana determinam, de certo modo, uma participação crescente e ativa na vida social e cultural. Nos dias de hoje, a cultura depende cada vez mais das maneiras como o lazer é praticado, pois é através do lazer que muitos ideais e atos penetram na comunidade. Isto pode ser muito benéfico à sociedade, pois esta introdução de valores através de atividades de lazer pode auxiliar na formação de cidadãos íntegros e corretos. Porém, muitas mídias ocupam o tempo livre das pessoas com

informações de baixo nível intelectual, oferecendo à população uma cultura medíocre que, por trás de tudo, tem como único objetivo incrementar o lucro de produtoras e demais empresas. Infelizmente, a maioria das pessoas troca as atividades intelectuais de bom conteúdo cultural por atividades que simplesmente proporcionam divertimento sem acréscimo de desenvolvimento pessoal. Isso se torna algo bastante preocupante na questão da preservação da cultura popular, uma vez que valores que identificam uma sociedade podem sofrer mutações ou se perder com o tempo (DUMAZEDIER, 1976).

Portanto, cabe a profissionais capacitados a orientação de idéias e atos que façam com que os indivíduos não se tornem indiferentes a determinados fatos considerados importantes caracterizadores da sua cultura. Devem ser estabelecidas políticas culturais que ofereçam atividades de lazer que contribuam tanto para o fortalecimento de identidade da população como para o desenvolvimento intelectual do indivíduo.

2.2.3 Implicações do processo de globalização na cultura

Segundo Ono (2006), no início do processo histórico, o homem organizava o espaço, a vida social e a produção, utilizando meios originais para o domínio da natureza. Porém, isso foi se desfazendo, e muitas sociedades passaram a adotar meios comuns a determinados grupos, deixando de assumir muitas das ações próprias.

A moderna tecnologia tem levado, em certa medida, ao que se pode chamar de “democratização” da cultura, já que um grande número de pessoas pode ter acesso a determinados objetos e informações, devido à facilidade de sua produção ou divulgação.

O processo de globalização promove, em certa medida, a homogeneização cultural, na medida em que se aplicam estratégias mundiais em diferentes partes do mundo, impondo, assim, características que antes não eram comuns a determinadas culturas e sociedades. Isso provoca certo domínio cultural das nações industrializadas mais poderosas no mundo, pois estas inserem seus padrões em outros países a elas subordinados no sistema capitalista. Como exemplo, pode-se citar certas atividades de lazer, as quais são originárias de determinado país e repassadas a muitos outros lugares com um mínimo de adaptação, não estando de acordo com a cultura do país em que a atividade está sendo inserida (ONO, 2006).

Apesar das forças no sentido da padronização, a globalização também promove, por outro lado, a resistência de culturas particulares a este tipo de sistema. Coexistem, assim, forças paradoxais na sociedade: algumas no sentido da padronização, enquanto outras no sentido da diversidade.

No contexto do processo de globalização, que tem afetado em muito as manifestações populares, há sérias implicações às culturas e identidades, na medida em que há a imposição de elementos que não correspondem a elas.

Diante deste cenário, o projeto de TFG que se propõe busca valorizar e expor as características da comunidade local, a fim de que possam expressar referenciais culturais importantes. Curitiba apresenta uma grande diversidade cultural em seu espaço físico, existindo assim grupos com diferentes valores e comportamentos ao longo do seu território e que necessitam de políticas culturais adaptadas aos seus costumes. Assim, o projeto a ser desenvolvido pretende valorizar os costumes e tradições da região escolhida para intervenção, oferecendo um espaço que fomente as expressões culturais já existentes e que seja apropriado pela população como forma de fortalecer a sua identidade.

Figura 2 – Índio e a tecnologia



FONTE: www.bp1.blogger.com

2. 3 ORIGENS E HISTÓRIA

O fato de cultura se associar ao lazer por ser produzida pelo homem no seu tempo livre faz levar em consideração que a produção cultural do homem esteve ao longo da história diretamente ligada ao tempo disponível para se dedicar à mesma. Portanto, pode-se dizer que o lazer e a cultura estiveram, na história da civilização, ligados à jornada de trabalho. Segundo Dumazedier (1976), “o lazer é um produto constante do progresso técnico”, pois o avanço tecnológico permitiu a criação de máquinas que possibilitaram a redução das horas de trabalho do homem, proporcionando assim mais tempo livre para o lazer e, conseqüentemente, para a produção e consumo cultural.

Na pré-história, o homem primitivo dedicava quase todo o seu tempo às atividades de sobrevivência como a caça, a pesca e a coleta de alimentos, dispondo assim de poucas horas de lazer. As mais expressivas manifestações culturais deste período são as pinturas rupestres que representavam a natureza e o homem, além da manufatura de objetos que auxiliavam na sobrevivência humana.

Com o surgimento da agricultura, da domesticação de animais e da invenção de alguns artefatos que facilitaram a vida, o homem deixou de ser nômade, surgindo assim os primeiros assentamentos. A fixação do homem em um determinado local permitiu o desenvolvimento do pensamento intelectual, pois agora o homem dominava melhor a natureza, o que resultava em mais tempo livre.

De acordo com Camargo (1986), houve na Grécia antiga uma grande valorização do lazer em detrimento do trabalho. Aos escravos cabia o trabalho destinado à sobrevivência humana, enquanto que os nobres cidadãos dispunham de todo o tempo livre para se dedicarem ao conhecimento e às artes. Para Aristóteles, filósofo da época, o lazer era preferível ao trabalho, pois enquanto o trabalho levava ao desenvolvimento da técnica, o lazer conduzia à educação e ao conhecimento. Neste período houve um importante desenvolvimento cultural e filosófico, desenvolvendo uma rica mitologia que é referência até hoje. A dramaturgia grega também pode ser destacada. Quase todas as cidades gregas possuíam anfiteatros, onde os atores apresentavam peças dramáticas ou comédias, usando máscaras. As artes plásticas e a arquitetura foram muito importantes na cultura grega, buscando-se ao máximo o equilíbrio e a harmonia compositiva.

Na Roma antiga, muito da cultura grega foi tomado como referência. Neste período, vale destacar a política do “pão e circo”, a qual contava com eventos de entretenimento destinados às massas - teatros, circos, arenas de gladiadores, termas, entre outros – com o objetivo de distrair a população dos corriqueiros problemas e desgostos da vida urbana (CAMARGO, 1986).

A Igreja se torna a detentora do poder na Idade Média, e com isso, a visão sobre o lazer e a cultura sofre mudanças. O pensamento da época propõe o lazer como algo a ser desfrutado após a morte, sendo uma espécie de recompensa pelo árduo trabalho terreno durante a vida. Sendo assim, a produção intelectual é extremamente fraca, ficando restrita apenas ao clero. As atividades de lazer mais exercidas pela população em geral da época são as esportivas, embora o tempo livre dessas pessoas fosse bastante escasso (CAMARGO, 1986).

Todo o aprisionamento da produção intelectual da Idade Média foi resgatado no Renascimento, época de grandes descobertas científicas e artísticas. Porém, apesar da riqueza cultural da época, os operários continuavam a cumprir muitas horas diárias de trabalho. A miséria de alguns era tão grande, que muitos não se atreviam a aspirar por menor carga horária, pois isso os empobreceria. O que existiam, então, eram os chamados “dias sem trabalho”, os quais eram em pouquíssima quantidade e se referiam apenas a feriados religiosos e casos de doenças mais sérias. Os horários de descanso eram escassos e mais comparados a “intervalos” que a atividades de lazer. Portanto, pode-se dizer que a produção cultural no Renascimento foi ampla, embora um privilégio de poucos (CAMARGO, 1986).

Segundo Dumazedier (1976), é com o advento da Revolução Industrial do século XVIII que se pode verificar uma idéia de lazer mais concreta, sendo o lazer um fruto da sociedade urbano-industrial. Isso porque a mecanização, a divisão do trabalho e a crescente organização das tarefas fizeram com que a capacidade de produção do homem aumentasse, permitindo maior produtividade em menos tempo de trabalho, restando assim mais tempo livre. Apesar de a Revolução Industrial ter substituído o trabalho de muitos homens pelas máquinas, ainda se constatava no século XVIII jornadas de trabalho de 16 horas diárias, sendo que quase todos os dias do ano eram trabalhados, sem que sobrasse muito tempo livre de obrigações.

Com o passar do tempo, os operários passaram a reivindicar seus direitos, sendo a redução da jornada de trabalho uma das medidas mais desejadas. A primeira redução do número de horas trabalhadas foi nos Estados Unidos em 1860, sendo seguida na Europa em 1900. No Brasil, a primeira greve por direitos trabalhistas ocorreu apenas em 1901, em São Paulo. Aos poucos, os brasileiros foram conquistando seus direitos até compor a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), a qual regulamentava salário mínimo, férias, aposentadoria e a redução da jornada de trabalho para oito horas. Estas medidas sem dúvida proporcionaram um maior envolvimento da população com as atividades culturais, já que agora dispunham de mais tempo livre para tal, o que antes era um privilégio de poucos. Isso permitiu à classe dos operários maiores oportunidades desenvolvimento pessoal e a integração social (CAMARGO, 1986).

Segundo Dumazedier (1976), a descoberta da imprensa, dos sons e das imagens em movimento fez com que o rádio, a televisão e as revistas se tornassem um dos passatempos preferidos da sociedade em geral. A moderna tecnologia industrial levou, em certa medida, ao que se pode chamar de “democratização” da cultura, já que facilitou o acesso a variados veículos da informação como forma de lazer e enriquecimento intelectual. Sem dúvida, a maior facilidade de comunicação possibilitou a difusão de informações em lugares e circunstâncias inimagináveis no passado, popularizando o conhecimento.

Segundo previsões baseadas em dados reais do economista francês Fourastié, em 1960, a jornada de trabalho tenderia sempre a cair nas próximas décadas. Porém, nota-se que o contrário está ocorrendo, pois devido aos adventos tecnológicos como internet e telefone celular, os trabalhadores se mantêm ligados aos seus estabelecimentos empresariais até mesmo nos momentos de descanso.

De maneira geral, pode-se afirmar que no século XIX, na época da industrialização, a cultura foi um fenômeno de classes, e que no século XX se tornou um fenômeno de massa. Além disso, a moderna tecnologia permitiu meios que facilitaram a comunicação e divulgação de informações, apesar de terem contribuído negativamente para a homogeneização cultural. Nos últimos cem anos, as oportunidades de acesso a atividades culturais cresceram e foram

valorizadas, encontrando-se atualmente em plena expansão, justificando assim, uma maior preocupação com a implantação de espaços que ofertem consumo e produção cultural.

2. 4 CLASSIFICAÇÃO DO LAZER

Segundo Dumazedier (1976), o lazer pode ser classificado em grupos de atividades conforme o interesse cultural de cada uma. Portanto, no lazer existem as atividades físicas, manuais, intelectuais, artísticas e sociais, todas com um enfoque cultural diferente. Alguns autores ainda incluem as atividades turísticas nesta classificação. As atividades mencionadas abaixo estão classificadas conforme Dumazedier (1976), e podem ser de prática coletiva ou individual:

- Atividades físicas: atividades com predomínio do movimento, como as caminhadas, a ginástica e os esportes em geral.
- Atividades manuais: atividades de manipulação, exploração e transformação de objetos, como a jardinagem, o tricô, o crochê e demais atividades relacionadas ao artesanato. As atividades manuais podem estar diretamente relacionadas com a expressão artística, pois geralmente envolvem criatividade, uso do imaginário e preocupação estética.
- Atividades artísticas: prática ou assistência de diversas formas de cultura como o teatro, a dança, a literatura, as artes plásticas, o cinema, entre outros. São atividades que envolvem o imaginário, apresentando conteúdo estético na busca da beleza e do encantamento.
- Atividades intelectuais: atividades relacionadas à busca de conhecimento e informações objetivas, o que pode se dar através de livros, jornais, revistas, televisão, cursos de leitura, entre outros.
- Atividades sociais: busca de relacionamentos e contato pessoal, como os bailes, festas, frequência em associações e idas a lugares que promovam o encontro de pessoas.

- Atividades turísticas: prática do indivíduo pela quebra da rotina, troca de paisagem e desejo de conhecer outros lugares. Os passeios e viagens são exemplos dessas atividades.

Pode-se afirmar que todos estes tipos de atividades agregam algum significado, pois são capazes de difundir valores que refletem na cultura do indivíduo. O projeto a ser desenvolvido pretende abrigar atividades manuais, intelectuais, artísticas e sociais, todas sempre com o objetivo de agregar um determinado valor na vida das pessoas. Será enfatizado o lado intelectual dessas atividades e a potencialidade das mesmas para o desenvolvimento e produção cultural.

Sem dúvida, o ideal era que os indivíduos praticassem atividades diversificadas, desenvolvendo assim aspectos variados como a habilidade manual, a aptidão física, a imaginação, o raciocínio e a associabilidade. Porém, observa-se que as pessoas apresentam como foco apenas um ou poucos tipos de atividades, deixando de se desenvolver por completo. Muitas vezes, isso pode ocorrer devido à falta de tempo dos indivíduos para praticar mais de uma modalidade, ou ainda, pela falta de oportunidade de contato com as demais atividades (MARCELLINO, 1996).

Segundo Marcellino (1996), as modalidades do lazer podem ser divididas em duas classes: o lazer ativo e o lazer passivo. O lazer ativo engloba atividades em que o indivíduo participa física e psicologicamente, como atividades manuais, artísticas e esportivas. Já o lazer passivo se refere às atividades intelectuais, em que o indivíduo apenas estuda ou percebe determinada atividade prática, atuando como receptor de mensagens. Uma atividade de lazer passiva não quer dizer que o indivíduo se torna necessariamente passivo, pois ele mantém certa admiração e sensibilidade em relação à atividade, não se tornando indiferente à mesma. Já uma atividade ativa nem sempre pode ser considerada prática, pois o indivíduo pode manter uma atitude passiva em relação à aprendizagem de determinada tarefa praticada, não lhe acrescentando intelectualidade nada. Como exemplo destas definições, é melhor que se saiba apreciar um bom concerto musical a tocar mal um instrumento.

2. 5 EQUIPAMENTOS DE LAZER

Segundo Marcellino (1996), o espaço de lazer possui uma importância especial, pois se caracteriza como espaço de encontro e convívio social. São nestas áreas onde se procura a vivência de alguma coisa pela escolha e satisfação, onde ocorre o encontro com o “novo” e o “diferente”, onde se encontram as possibilidades de questionamento dos valores sociais, e principalmente, onde se criam as diferenças para o conflito que desemboca em reflexões.

Para tratar de equipamentos de lazer, é necessário que inicialmente se conceitue o termo “equipamento”, não esquecendo que no caso desta pesquisa a palavra está diretamente relacionada à arquitetura e ao urbanismo. A norma NBR9284, da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), define equipamento urbano como “todos os bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados”. A citada norma subdivide os equipamentos urbanos nas seguintes categorias: circulação e transporte, cultura e religião, esporte e lazer, infra-estrutura (sistemas de comunicação, energia, iluminação pública, saneamento), segurança pública, abastecimento, administração pública, assistência social, educação e finalmente saúde.

Já a Lei Federal 6.766/79 divide o conceito de equipamento em duas partes: de um lado os equipamentos urbanos e de outro os equipamentos comunitários. Os equipamentos urbanos englobam os equipamentos públicos de abastecimento de água, serviços de esgoto, energia elétrica, coletas de água pluviais e rede telefônica. Enquanto isso, os equipamentos comunitários envolvem os equipamentos públicos de educação, cultura, lazer, saúde e demais similares.

Portanto, o projeto de TFG a ser desenvolvido pode ser considerado um equipamento comunitário, já que presta oportunidades de atividades culturais e de lazer à população. Existem os equipamentos específicos de lazer e os não-específicos. Os específicos são aqueles espaços concebidos para oferecer atividades de lazer, enquanto que os não-específicos existem para exercer outras funções, embora acabem abrigando também estas atividades.

2.5.1 Equipamentos específicos

Segundo Camargo (1986), os equipamentos específicos de lazer podem ser classificados quanto à dimensão física do espaço e suas finalidades programáticas. Eles podem ser equipamentos especializados ou equipamentos polivalentes.

Os equipamentos especializados de lazer podem ser considerados microequipamentos, já que são espaços destinados a atender uma programação específica ou uma faixa de interesses culturais específicos, como no caso dos teatros, auditórios, cinemas, academias de ginástica, centros esportivos voltados para um interesse específico (natação, futebol, tênis, voleibol), bibliotecas, parques aquáticos, entre outros. Sua programação é voltada para um segmento dos interesses socioculturais da clientela, estruturada sobre uma modalidade específica de animação. São localizados geralmente em áreas urbanas ou de grande concentração populacional, apresentando um público bastante

delimitado. Por serem especializados, estes equipamentos apresentam geralmente um único tipo de instalação, em dimensões não muito exageradas (CAMARGO,1986).

Os equipamentos polivalentes são caracterizados por oferecer uma programação diversificada que atenda a variados interesses socioculturais. Podem ser equipamentos de médio ou grande porte, estes últimos caracterizados por macroequipamentos. Os equipamentos de médio porte apresentam na sua programação atividades permanentes, temporárias e eventuais diversificadas, segundo públicos e interesses culturais. Como exemplos, têm-se os centros esportivos e os centros culturais em geral, estes últimos quando associam instalações diversificadas - teatro, áreas de exposição, bibliotecas, entre outros. Localizam-se preferentemente em áreas urbanas, próximas ao centro da cidade ou em regiões comerciais, ou então em regiões de grande concentração populacional. Seu funcionamento ocorre durante os dias da semana em período integral e nos finais de semana em maior carga horária, já que nos Sábados e Domingos há maior número de visitantes e, conseqüentemente, maior oferta de atividades. Seu público é mais abrangente que os equipamentos específicos, podendo abranger a cidade toda ou alguma região importante e populosa. Suas instalações são variadas para atender aos diferentes tipos de atividades, cada qual focada em interesses socioculturais, público-alvo e conteúdos distintos. As instalações são de dimensões e capacidades entre média e grande, conforme o caso (CAMARGO,1986).

Já os equipamentos polivalentes de grande porte são destinados a atendimentos de massa, em uma programação diversificada, abrangendo variados interesses socioculturais e com instalações de grandes dimensões e capacidade. É o caso de extensos parques que abrigam construções variadas, por exemplo, havendo geralmente bastante área verde. Este tipo de equipamento trabalha com programações permanentes, temporárias e de eventos, amplamente diversificada. Localizam-se geralmente em uma região importante de um estado ou de uma grande cidade, sendo possível também estar localizado em regiões da periferia das cidades, devido às dimensões de terreno necessárias. Seu atendimento se dá preferencialmente nos finais de semana, embora existam alguns eventos durante os outros dias, atendendo o público de toda a cidade. Neste equipamentos, há várias instalações de grande capacidade, complementada por algumas instalações menores, diversificadas por interesses socioculturais, conteúdos e públicos (CAMARGO,1986).

Em uma escala menor, os equipamentos específicos de lazer podem também ser classificados segundo a modalidade atuante nos mesmos. Abaixo estão alguns segmentos das atividades de lazer seguidos de alguns espaços adequados para a prática das mesmas:

- Cultural: cinemas, teatros, bibliotecas, museus, centros culturais;
- Social: clubes, associações;

- Esportivo: clubes, quadras esportivas, centros aquáticos, campos de golfe;
- Expressão física e atlética: academias de dança, de ginástica;
- Recreativa: jardins, praças, parques urbanos, parques aquáticos;

Enfim, é perceptível a vasta gama de equipamentos destinados às atividades de lazer. Eles podem ser de variados portes e focados em modalidades diversas. Pode-se dizer que entre os equipamento apresentados, o centro cultural proposto para o TFG se enquadra como um equipamento polivalente de médio porte destinado à atividades de caráter cultural. Isso porque pretende oferecer em uma área populosa de Curitiba instalações variadas que atendam a gostos diversos.

2.5.2 Equipamentos não-específicos

Segundo Marcellino (1996), os equipamentos não-específicos de lazer são aqueles que não são construídos com o objetivo de abrigarem atividades de lazer, mas que acabam cumprindo estas funções. É o caso das habitações, dos bares, das escolas e das ruas.

Observa-se que a maioria da população desenvolve atividades culturais e de lazer dentro de casa. Para algumas atividades, o espaço do lar não é adequado, pois exige uma área não adequada às dimensões habitacionais, e raras vezes, há um quintal ou jardim para prática das mesmas. Sem dúvida, a parcela da população mais carente é a que mais se prejudica nessa questão, pois suas moradias são geralmente de tamanho reduzido, impróprias para a prática de algumas atividades (MARCELLINO, 1996).

Os bares são bons pontos de encontro, embora exista um preconceito pelo fato de haver venda de bebidas alcoólicas no estabelecimento. Cada vez mais, os bares procuram se envolver em atividades culturais, promovendo exposições, apresentações e demais atividades do gênero (MARCELLINO, 1996).

Infelizmente, os espaços de lazer das escolas não são usufruídos como deveriam ser. Canchas esportivas, auditórios, piscinas e pátios apresentam seu horário de funcionamento restrito, estando disponíveis apenas nos períodos de aula. Além disso, muitas vezes é vetado o uso destes equipamentos para a utilização da comunidade externa, já que os responsáveis das escolas não querem colocar o prédio em risco de degradação (MARCELLINO, 1996).

As ruas são utilizadas, na maioria das vezes, apenas como locais de passagem, não explorando o potencial das mesmas para ações culturais. A ausência desse tipo de uso pode ser explicada por algumas problemáticas urbanas atuais, como violência nas ruas e degradação da paisagem urbana (MARCELLINO, 1996).

2.5.3 Centros Culturais

Como o projeto a ser desenvolvido para o TFG se trata de um centro cultural, considerou-se necessário discorrer sobre este tipo de equipamento a fim de serem observados os seus objetivos, instalações principais e demais características relevantes.

Centro cultural é um termo de origem recente, embora tenham existido espaços que se assemelham ao mesmo ao longo da história. O conceito atual sobre o que é um centro cultural surgiu por volta de 1970, e se pode afirmar que eles não possuem uma tipologia definida e aclamada ao longo da história, como acontece com museus e bibliotecas, por exemplo. Na Europa e nos Estados Unidos, sua organização movimentou diferentes segmentos profissionais e atraiu verdadeiras multidões. A principal ideia de um centro cultural é reunir equipamentos variados relacionados à cultura e ao lazer, englobando salas de exposição, cinema, ateliês de arte, sala de música, sala para atividades manuais, sala de dança e movimento, museu, biblioteca, auditório e demais espaços destinados a manifestações culturais de diversas modalidades. É cada vez mais frequente a inclusão de lojas, cafés e livrarias em suas instalações. Portanto, seu funcionamento é bastante variado e envolve uma gama de atividades que pretendem atingir um público interessado em consumir e produzir cultura, proporcionando assim o bem-estar da população e auxiliando no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. Todo centro, como toda região cultural, ganha se tiver uma especialidade. Pode ser tanto uma biblioteca especializada em determinado assunto como um laboratório musical que possui um certo diferencial, por exemplo.

Segundo Coelho (2007), os centros culturais mais genéricos ofertam tipos de espaços semelhantes (teatro, cinema, biblioteca, café, galeria de arte, entre outros), embora sejam os serviços prestados que os tornem diferentes entre si. Como exemplo, um centro de cultura de uma região de Lyon, Villeurbanne, empresta obras de arte para que as pessoas possam levar para casa, o que não ocorre normalmente em outros centros. Outros se distinguem por oferecer salas de esporte, piscinas e quadras diversas, como o SESC Pompéia em São Paulo, o que não ocorre na Europa, por exemplo, uma vez que o conceito de esporte não vem associado ao de cultura como se costuma fazer no Brasil.

Os centros culturais podem apresentar dimensões e escala variadas conforme o número de pessoas a ser atendido. Geralmente funcionam a semana toda, embora sejam os finais de semana o período com maior índice de atividades, apresentações e exposições ofertadas.

No Brasil, o *boom* dessas instituições aconteceu nas décadas de 80 e 90, após o surgimento das leis de incentivo fiscal e de leis que estimularam a ocupação de prédios para preservação do patrimônio histórico e de áreas centrais da cidade. Alguns exemplos refletem o interesse de empresas e instituições em apoiarem a cultura criando vínculos mais amplos e

diferenciados com a sociedade, como as unidades do SESC, o Centro Cultural São Paulo, o Itaú Cultural, os espaços da Funarte, o Espaço Cultural dos Correios, entre outros.

Os centros culturais podem ser equipamentos ligados à iniciativa pública ou à privada. Poder-se-ia chamar de privados os centros culturais que estivessem ligados a corporações financeiras, embora a verba empregada nestes espaços venha geralmente de leis de renúncia fiscal devido ao incentivo do poder público na criação de espaços deste tipo. Portanto, muitos dos centros culturais denominados privados são alimentados com verba pública, o que não implica, contudo, em um controle do Estado na utilização da verba.

2. 6 IMPORTÂNCIA DA CULTURA E DO LAZER

A criação de espaços públicos voltados ao lazer pode estimular o desenvolvimento cultural de determinada comunidade, moldando a sociedade através da introdução valores. É evidente que as atividades de lazer tornam os praticantes mais saudáveis, alegres e pacíficos. As atividades de lazer melhoram a fisiologia humana, pois ajudam a reduzir a fadiga física e nervosa decorrentes do trabalho e demais obrigações diárias. Além disso, o lazer promove a integração do indivíduo no seu contexto social, desenvolvendo sua capacidade crítica e criativa. Ao mesmo tempo em que proporcionam prazer, as atividades culturais de lazer contribuem para o crescimento pessoal e para o desenvolvimento de atitudes críticas e de responsabilidade social. A preocupação com o lazer deve ser constante, uma vez que ele exerce conseqüências sobre a família, o trabalho e a cultura. (CAMARGO, 1986).

Apesar da importância da difusão cultural na sociedade, Dumazedier (1976) retrata que há alguns fatores que impedem ou retardam o desenvolvimento quantitativo e qualitativo de certas atividades: insuficiência ou inexistência de um equipamento cultural coletivo, falta de recursos familiares e dificuldades ligadas ao exercício da profissão. Assim, torna-se necessário contornar estas dificuldades através da oferta de mais equipamentos culturais a nenhum ou baixo custo, além de atividades diversas em horários variados como forma se adequarem à jornada de trabalho dos indivíduos.

Sabe-se que a oferta de atividades culturais pode preparar um indivíduo em vulnerabilidade social para as exigências profissionais do mercado de trabalho, e acima de tudo, pode transformá-lo em um cidadão íntegro e correto. Em áreas com população mais carente, é fundamental que existam equipamentos de lazer voltados às atividades culturais, considerando que estes podem ser grandes aliados na superação de problemas comuns como desemprego, violência, crime, marginalidade e uso de drogas. No caso do combate a estes problemas, pode-se dizer que o lazer diminui as chances de envolvimento com os

mesmos, pois ocupa o tempo dos indivíduos com atividades culturais ao invés de deixá-lo livre para o envolvimento com atividades ligadas à marginalidade (MARCELLINO, 1996).

Além disso, os corriqueiros problemas da vida urbana nas comunidades mais carentes tornam a população descrente, esquecendo que há formas simples de transpor os obstáculos e tornar a vida melhor e mais feliz, o que pode ser alcançado através da prática de atividades de lazer. Torna-se interessante desviar a atenção dos indivíduos de fatos que os aborrecem, oferecendo às pessoas oportunidades de desenvolvimento emocional. Mas antes de tudo, deve-se tratar o lazer como possibilidade de formação de cidadãos, e não apenas como um assimilador de tensões (MARCELLINO, 1996).

Portanto, deve-se compreender que para resolver os problemas de determinada comunidade, não basta se preocupar apenas com necessidades básicas como moradia, saúde e escola, mas sim oferecer oportunidades que moldem a maneira de pensar e os hábitos dos cidadãos, o que pode ser alcançado através de iniciativas culturais.

Sem dúvida, estes foram alguns dos motivos que levaram à escolha de uma área da região sul de Curitiba para a implantação de um centro cultural. Isso porque trata-se de uma área com concentração de problemas e pouco beneficiada pela presença de equipamentos culturais. A idéia é oferecer um ambiente que promova a melhoria da qualidade de vida da população através da oferta de atividades culturais.

2. 7 CULTURA E LAZER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Como já retratado anteriormente, a moderna tecnologia tornou os meios de comunicação muito mais acessíveis, popularizando alguns veículos de lazer como o rádio e a televisão, revistas, jornais, entre outros. Graças à tecnologia aplicada a estas mídias, o que permitiu reproduções mais rápidas a um baixo custo, um maior número de pessoas passou a usufruir de dados que antes eram restritos às pessoas mais ricas. Como exemplo, pode-se citar a apreciação de uma obra de arte, ato que antigamente apenas as pessoas com maior poder aquisitivo podiam se dar ao luxo, e que agora se tornava acessível ao resto da população por estar exposta em milhões de jornais, livros e revistas (DUMAZEDIER, 1976).

Cabe observar, no entanto, que há aspectos também negativos, e não só positivos, nessa multiplicação da informação. Atualmente, a maioria do tempo de lazer do qual as pessoas dispõem é passado em suas moradias, mais especificamente, em frente à televisão. É através deste veículo de comunicação que certos padrões culturais são difundidos à população, trazendo, além de informação de qualidade, muita bagagem de pobre conteúdo. Ao invés de utilizar o potencial desses meios de comunicação de massa para divulgar à população informações de bom nível intelectual, muitos deles apresentam programações de

baixo calão, não acrescentando algo muito positivo na mente das pessoas. Além disso, a televisão faz com que o lazer seja consumido de uma maneira não participativa, em que o telespectador se mantém passivo ao conteúdo que lhe é apresentado (DUMAZEDIER, 1976).

Além disso, a modernização do lazer faz com que algumas manifestações culturais mais tradicionais sejam transformadas, ou ainda, dissolvidas no tempo. Os costumes característicos de uma comunidade ou local são substituídos pelos lazers da massa, os quais são geralmente introduzidos sem sofrerem adaptações à cultura local, sendo esta uma consequência da globalização (DUMAZEDIER, 1976).

O lazer tem também se tornado cada vez mais individualista, perdendo sua ação coletiva e colaborando para o isolamento das pessoas. Os variados problemas das cidades levam os indivíduos a se recolherem em suas moradias, havendo a troca dos encontros coletivos pelo tempo destinado à televisão ou à internet. Assim, muitos indivíduos deixam de lado o aprendizado da vida em grupo, não desenvolvem um sentimento comunitário e não se integram no seu contexto social. A questão do associativismo nas atividades de lazer é muito importante, pois se acredita que a união de determinados grupos ou pessoas estimula a criatividade, permite a troca de informações e desenvolve o senso crítico (MARCELLINO, 1996).

Diante deste cenário, fica evidente a importância da existência de espaços para se produzir cultura. A questão da conservação ou revitalização de certos costumes ou atividades não possui um caráter saudosista, mas sim um objetivo de oferecer à população um lazer mais próximo da cultura, evitando que o mesmo se torne uma mercadoria ou prática de consumo. Além disso, é imprescindível que se proponham espaços de encontro com o objetivo de tornar o lazer uma prática associativa, e não tão individualista como tem sido recentemente.

2.8 CULTURA E LAZER NO BRASIL

A cultura brasileira é resultante da fusão das culturas indígenas, européias e africanas devido à história de sua colonização. Diversas manifestações provenientes de diferentes regiões ou países foram introduzidas no Brasil, adaptando-se aos costumes locais e fazendo surgir assim uma nova identidade, ou seja, uma cultura brasileira própria (REQUIXA, 1977).

Segundo Requixa (1977), as manifestações populares brasileiras mais comuns surgem de rituais religiosos, sendo expressas através da música e da dança. Pode-se afirmar que muitas das tradições e festas populares foram adaptações da herança cultural deixada pelos índios, europeus e africanos, os quais estimularam principalmente as atividades

lúdicas. Como exemplo de manifestações culturais mais tradicionais é possível citar o carnaval, o bumba-meu-boi, a capoeira, entre outros.

Figura 3 – Capoeira



FONTE: www.plugcultura.wordpress.com

Figura 4 – Bumba-meu-boi



FONTE: www.sxc.hu

Sem dúvida, o advento da tecnologia no país passou a alterar cada vez mais as expressões culturais de cada região. As tradições específicas de cada local do vasto território brasileiro se mantinham conservadas quando ainda os meios de comunicação e transporte não eram tão bem desenvolvidos. Com a modernização, verificou-se uma globalização cultural, a qual promoveu, em certa medida, a homogeneização cultural no Brasil, na medida em que se aplicam estratégias mundiais em diferentes partes do mundo, impondo, assim, características que antes não eram comuns a determinadas sociedades. Isso provoca certo domínio cultural das nações industrializadas mais poderosas no mundo, pois estas inserem seus padrões em outros países a elas subordinados no sistema capitalista. Infelizmente, algumas práticas culturais brasileiras acabaram se perdendo no tempo (REQUIXA, 1977).

Assim como no restante do mundo, no Brasil a diminuição da jornada de trabalho também esteve ligada ao acréscimo de tempo livre, o que automaticamente incumbiu em uma maior prática das atividades de lazer. Na primeira metade do século XX já se conquistaram alguns direitos trabalhistas e alguns sindicatos foram criados, o que levou a uma maior preocupação com o bem-estar da classe operária. No caso particular do lazer, destaca-se a criação do SESC (Serviço Social do Comércio) e do SENAI (Serviço Social da Indústria), os quais possuíam o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores, oferecendo atividades de lazer, entre demais serviços (REQUIXA, 1977).

Na metade do século XX, a sociedade brasileira apresenta transformações, surgindo muito rapidamente pólos urbanos com grande contingente de pessoas. Foi neste período que se iniciou uma maior preocupação com o lazer no Brasil, já que o assunto se encontra mais vinculado à urbanização nas grandes cidades, enquanto que na Europa, esta preocupação se

deu com o advento da industrialização, alguns anos antes. Com o crescimento das cidades, mudaram também as formas de lazer, pois a população ocupava agora cada vez mais o seu tempo livre em com o rádio, a televisão, o cinema, atuando assim de forma passiva e receptiva nas atividades de lazer (REQUIXA, 1977).

Atualmente, o brasileiro pratica ou consume variadas atividades de lazer, embora sejam as esportivas as predominantes, sendo o futebol a prática mais popular. Paralelo a isso, a população apresenta como forma de lazer predominante os passeios pelos parques, idas ao cinema e os churrascos nos finais de semana.

O lazer ligado à idéia de entretenimento tem sido uma prática bastante vivenciada no Brasil. Nunca se investiu tanto na indústria do lazer como agora, já que o brasileiro, com a moeda mais estável, consegue reservar parte do orçamento para a compra de computadores, equipamentos esportivos, ingressos para espetáculos e parques de diversões, entre outros. Porém, estas práticas do lazer estão muito mais relacionadas à função de divertimento do que à de desenvolvimento humano, embora possam ser observados muitos aspectos positivos nas atividades de entretenimento, mesmo que algumas vezes sejam vistas como algo supérfluo ou de pouco conteúdo (MARCELLINO, 1996).

Por fim, percebe-se que as atividades de cunho mais intelectual são realmente menos vivenciadas pelos brasileiros, embora uma parcela restrita da população tenha o hábito da leitura ou de freqüentar museus e teatros. No brasileiro, falta o costume de consumir cultura, sendo fundamental criar estímulos que levem a população a despender seu tempo livre com atividades que desenvolvam o seu senso crítico e enriquecimento intelectual.

3. URBANISMO, CULTURA E LAZER

3. 1 O ESPAÇO URBANO

Como o projeto de TFG a ser desenvolvido apresenta uma forte conexão com a problemática urbana, principalmente na questão da democratização dos equipamentos de cultura e lazer, é necessário estudar o espaço urbano e sua influência na implantação de espaços culturais.

Segundo Marcellino (1996), “o espaço para o lazer é o espaço urbano”. Porém, muitas cidades apresentam características indesejáveis na questão do lazer, não sendo notada uma política cultural que atenda a todos de maneira igualitária. No geral, os maiores problemas são a falta de equipamentos específicos, a centralização destes equipamentos, a especulação imobiliária, o crescimento desordenado das cidades e a falta de iniciativa dos órgãos públicos.

No geral, algumas cidades apresentam um traçado ou forma física consolidados resultantes do crescimento desordenado da população, não comportando uma adequada política de implantação de equipamentos. De um lado estão os conglomerados urbanos nas regiões centrais, que, por questões espaciais e de custo, inviabilizam a existência de pontos destinados ao encontro, embora concentrem grande número de benefícios. Já de outro está a expansão urbana horizontal, que cria regiões periféricas de difícil acesso a equipamentos de lazer, estes localizados geralmente na região central (MARCELLINO, 1996).

Em relação à configuração dos grandes centros urbanos atuais, Marcellino (1996) retrata que “o vazio que fica entre o amontoado de coisas é insuficiente para permitir o exercício mais efetivo das relações sociais produtivas em termos humanos”. A verticalização das áreas centrais se dá pelo alto valor dos terrenos dessa zona, levando a uma máxima ocupação do solo e a uma grande aglomeração urbana, o que inviabiliza a implantação adequada de equipamentos de lazer, seja na questão do alto custo ou da metragem exigida. Infelizmente, o interesse econômico é um dos principais determinantes deste tipo de configuração das cidades. Cabe ao poder público a adoção de medidas, drásticas ou não, que adaptem a malha urbana aos novos equipamentos recreativos que possam vir a ser implantados (MARCELLINO, 1996).

Em contrapartida, a especulação imobiliária promove a ocupação horizontal do território urbano com o objetivo de lucrar com o crescimento da cidade, estendendo a malha urbana a regiões ainda não dotadas de digna infra-estrutura. Como acontece em muitas cidades, o crescimento populacional não é acompanhado, na mesma proporção, pela implantação de mais equipamentos urbanos na extensão do território ocupado. Isso faz com

que as regiões periféricas sejam caracterizadas por abrigarem um grande número de unidades habitacionais, as quais muitas vezes não são beneficiadas pelos equipamentos e infra-estrutura necessários. Os moradores das regiões periféricas muitas vezes deixam de freqüentar os espaços de cultura e lazer que geralmente se encontram no centro da cidade pelo fato do trajeto até os mesmos ser bastante desgastante e caro devido à distância (MARCELLINO, 1996).

Segundo Bougestohs (1974), as cidades geralmente não estão preparadas com equipamentos específicos adequados para oferecer condições adequadas para a prática de atividades culturais. Em sua maioria, cabe ao poder público a gestão destes espaços. Porém, a falta de recursos faz com que cada vez mais a iniciativa privada seja responsável pela implantação de espaços voltados à cultura, fazendo com que estas atividades tenham o seu caráter social substituído pelos ideais de lucro e consumo. Apesar disso, a iniciativa privada deve ser apoiada, pois afinal, estarão encobrindo em alguns aspectos o desfalque da ação pública.

Yurgel (1983) retrata que “as cidades modernas pouco tem, na sua geografia, em termos de espaço aberto ou construído, um local dirigido para as horas de lazer da população”. Apesar disso, observa-se que muitas cidades apresentam ações culturais, embora as mesmas sejam desenvolvidas em escolas, ruas, áreas verdes e demais locais não destinados especificamente à prática destas atividades. Estes espaços podem abrigar diversas atividades de lazer, mas não podem ser considerados totalmente adequados às necessidades.

Enfim, uma série de fatores contribui para que a configuração das cidades não seja a mais apropriada para a prática do lazer e desenvolvimento cultural. Muito se faz em função da economia, do lucro e da funcionalidade, o que acaba resultando em espaços específicos de pouca qualidade ou ainda de difícil acesso para a maioria da população devido à concentração de equipamentos em uma única região.

3. 2 DEMOCRATIZAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS DE CULTURA E LAZER

Segundo Marcellino (1996), existem muitas barreiras para a participação nas atividades culturais e de lazer, sendo as principais delas a diferença de classes, o nível de instrução, a faixa etária e o acesso aos equipamentos, limitando o lazer a uma minoria da população.

O fator econômico é algo determinante desde a distribuição do tempo disponível entre as classes sociais até às oportunidades de acesso a equipamentos de lazer, contribuindo assim para uma apropriação desigual das atividades ofertadas. Infelizmente, muitas vezes as

atividades culturais podem ser consideradas um privilégio, já que estão ao alcance de poucos, principalmente da população com condição econômica acima da média. Muitos equipamentos que proporcionam lazer são privados, exigindo algum tipo de taxa para utilização. Paralelamente a isso, existem espaços públicos, embora muitos não tenham condições de atender a demanda existente. O que acaba acontecendo é que a maioria das pessoas de renda mais baixa possuem acesso apenas aos meios de comunicação de massa, como a televisão e o rádio, ficando fora de atividades como idas ao teatro ou ao cinema, já que estes são gastos muitas vezes fora da renda familiar (MARCELLINO, 1996).

A diferença de nível de instrução cria uma atmosfera exclusiva para as classes menos privilegiadas. Muitos indivíduos de classes mais humildes se sentem intimidados a frequentar locais de cunho intelectual como museus e teatros, causando, muitas vezes, sentimento de inferioridade na utilização de equipamentos culturais, já que muitos deles são frequentados por uma população mais privilegiada (MARCELLINO, 1996).

Muitos equipamentos ou atividades de lazer privam uma parcela da população na questão da faixa etária. A maioria dos lazeres são formulados para pessoas adultas, havendo pouquíssimos equipamentos adaptados para pessoas idosas e crianças, por exemplo. É necessário que as atividades de lazer sejam as mais variadas possíveis, assim como os equipamentos de lazer, a fim de que não se exclua uma parcela da população (MARCELLINO, 1996).

Na questão do urbanismo, verifica-se que a configuração da maioria das cidades prejudica a população periférica quando o assunto é oferta de equipamentos. É evidente que, pelo menos no Brasil, a localização de museus, teatros, centros culturais e demais estabelecimentos do ramo se dá, quase que totalmente, nas áreas mais centrais, dificultando o acesso por parte da população periférica (MARCELLINO, 1996).

Todas estas barreiras citadas acima são indesejáveis para o lazer e necessitam ser atacadas por ações que objetivem a democratização cultural, tendo como objetivo uma melhor distribuição e popularização da “alta cultura”. Afinal, a cultura deve ser igual para todos. Porém, pelo fato da preocupação com a cultura ser recente, há um menor investimento nessa questão.

Deve-se insistir na democratização cultural, garantindo à população o acesso aos bens culturais por meio de serviços públicos e procurando incentivar a comunidade a participar nas decisões públicas para uma política cultural distanciada dos padrões do clientelismo. Como exemplo de democratização das ações culturais por parte do poder público pode-se destacar o “orçamento participativo”. Trata-se de um sistema democrático que aproxima os cidadãos do centro das discussões relativas às políticas públicas, permitindo aos cidadãos influenciar ou decidir sobre os orçamentos públicos, geralmente no orçamento de investimentos de prefeituras municipais. Esses processos costumam contar com

assembléias abertas e periódicas e etapas de negociação direta com o governo. Sem dúvida, é uma prática muito interessante que já vem ocorrendo em algumas cidades brasileiras, permitindo identificar as reais necessidades da população aliado a um orçamento livre de fraudes.

3. 3 O PAPEL DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Propõe-se que o projeto de TFG a ser desenvolvido seja um equipamento cultural administrado e implantado pelo poder público, mais especificadamente pela prefeitura de Curitiba. Sendo assim, é importante estudar quais as funções da prefeitura nesta questão, bem como suas responsabilidades.

As ações do poder público com relação ao lazer das populações se encaminham para o tratamento institucional do problema, e se verificam na criação de órgãos que se ocupem diretamente de assuntos culturais. Assim, observa-se a criação do Conselho Nacional de Cultura no âmbito federal, por exemplo, assim como outros órgãos no âmbito estadual e municipal. Observa-se que muitas vezes o lazer, a cultura e o esporte são tratados como políticas integradas, havendo órgãos que tratam juntamente estas questões: Secretarias do “Esporte e Lazer”, “Cultura e Lazer”, “Recreação e Lazer”, entre outros. Porém, isso dificulta o estabelecimento de ações específicas, já que se torna necessária a adoção de medidas muito generalizadas que tratem juntamente estas três modalidades de desenvolvimento humano. Paralelamente às ações dos órgãos públicos, atuam ainda na questão da cultura e do lazer entidades privadas e organizações comunitárias (REQUIXA, 1977).

Segundo Marcellino (1996), cabe à gestão pública a missão de promover a superação de exclusões e desajustes e da distância entre os “culturalmente integrados” e os “excluídos”. A necessidade de implantação de políticas públicas que tenham como objetivo o fortalecimento da cidadania e a inclusão social surge de uma dimensão que considera que todos os indivíduos são produtores culturais, e, por isso, devem ser o foco de atividades e projetos da administração governamental. O poder público deve utilizar o lazer como instrumento de educação, mobilização e participação cultural, atuando a partir das manifestações culturais locais para transformar indivíduos conformistas em mentes críticas e criativas.

Vale lembrar que o papel da administração pública não pode se restringir apenas a uma política de atividades e programações, mas contemplar também questões relativas à conservação dos espaços culturais tradicionais, como grandes galerias, teatros e museus, além da criação de novos espaços com a infra-estrutura necessária. Na implantação de novos equipamentos culturais, é necessário que se conheça a realidade e os interesses da

região que sofre a intervenção, bem como o papel que a prefeitura irá exercer no planejamento, na organização e na avaliação das ações.

A responsabilidade de divulgação dos equipamentos e eventos culturais implantados está alocada no Estado. Cabe ao poder público a adoção de medidas que interfiram nos hábitos da população do local como maneira de influenciar os indivíduos a utilizar um novo espaço implantado ou a participar de determinada ação cultural. Essa divulgação é necessária, pois em muitos locais não há o hábito de consumir e produzir cultura (MARCELLINO, 1996).

Apesar dos deveres do poder público em proporcionar bem-estar à população, verifica-se que em muitas cidades o investimento em lazer é muito inferior ao necessário, já que a massa popular aclama por outros serviços de infra-estrutura de necessidade básica que julgam ser estes mais importantes e necessários. Porém, em locais onde a demanda desse tipo infra-estrutura já foi atendida, sente-se que a necessidade do lazer já se incorpora à preocupação do planejamento local (REQUIXA, 1977).

A criação de espaços destinados à atividades culturais é algo que gera um ótimo custo-benefício para as prefeituras, tendo em vista que se trabalha com uma ação preventiva. O custo de implantação de um equipamento cultural ajuda a compensar os gastos que seriam destinados a encobrir problemas decorrentes da marginalidade e violência, por exemplo. Isto porque se investe inicialmente na educação e formação de cidadãos com o objetivo de que no futuro sejam reduzidos os índices de marginalidade. Trata-se, portanto, de uma medida com resultados a longo prazo, onde os resultados da ação dependem em grande parte da qualidade dos espaços criados.

Segundo Hertzberger (1996), os espaços públicos podem funcionar muito bem quando a comunidade se sente inclinada a assumir a responsabilidade por sua manutenção. Trata-se de uma troca mútua, em que os órgãos públicos oferecem à população um local de oportunidades e aprendizado, enquanto que, em troca, a comunidade se sente estimulada a retribuir tais benefícios, zelando assim pelo espaço e deixando suas marcas.

Segundo Medeiros (1971), os fundos que o Estado utiliza para suas ações são provenientes de dotações orçamentárias, subvenções do governo, impostos especiais, incentivos fiscais, doações particulares e demais contribuições diversas (renda de espetáculos, aluguel de material, entre outros).

Ao invés do próprio Estado implantar equipamentos de cultura e lazer, o mesmo pode apoiar iniciativas privadas através de leis de incentivo fiscal, fundos para investimentos diretos e outros mecanismos de transferência de recursos. Isso facilita a difusão de novos equipamentos no meio urbano sem que haja um gasto tão exorbitante por parte do poder público. Além de aplicar a verba pública na implantação de equipamentos de cultura e lazer, o Estado pode aplicar seus fundos em determinadas ações culturais de menor escala,

oferecendo ao público a oportunidade de participar de ações culturais com entradas mais baratas ou até mesmo gratuitas através de parcerias, por exemplo.

É visível que muitas vezes o Estado atua de forma positiva nas iniciativas culturais, cabendo apenas à população o interesse de aproveitar as oportunidades para produzir e consumir cultura. Porém, há também casos em que o Estado não atua da maneira desejada. As decisões sobre as políticas culturais são centralizadas demasiadamente apenas nos governos e instituições, constituindo uma esfera pública estatal. A cultura é definida pela burocracia das secretarias de cultura, sem passar pelo crivo do público a que se destina (REQUIXA, 1977).

Por fim, pode-se dizer que um dos principais deveres da administração pública é garantir que cada vez mais pessoas possam freqüentar espaços culturais, diminuindo assim o contraste entre os culturalmente integrados e os excluídos. Cabe aos órgãos públicos a busca de soluções para fomentar a cultura, de forma que a população se envolva no processo. E para que isso se viabilize, é necessário trabalhar com estratégias de ação que privilegiem a participação da população.

3.3.1 Plano de Implementação Cultural

Como já salientado anteriormente, as práticas do lazer vêm ganhando prestígio na sociedade contemporânea, pois parecem representar cada vez mais uma grande oportunidade de enriquecer a vida em diversos aspectos. Percebendo tal contexto, a administração pública procura cada vez mais oferecer atividades culturais e de lazer à população, devendo ser levados em conta os seguintes elementos básicos de planejamento: condições e recursos existentes na comunidade, padrões desejáveis nas acomodações e critérios de atendimento ao público.

Pelo fato do projeto de TFG a ser desenvolvido simular a iniciativa do poder público, foi considerada interessante estudar uma metodologia de intervenção e implantação de políticas de cultura e lazer em uma determinada região, de modo que isto pudesse auxiliar na realização do projeto e principalmente no procedimento de estudo da área de abrangência. Apesar de se tratar apenas de um trabalho acadêmico, é interessante saber como se dá o verdadeiro procedimento por parte do poder público para a implantação de um equipamento de lazer, a fim de que o projeto a ser desenvolvido fique o mais próximo possível da realidade. Para isso, foi adotada a metodologia de trabalho proposta por Ethel Bauzer Medeiros em seu livro “O Lazer no Planejamento Urbano”, publicado em 1971, estando expostas a seguir, em ordem de acontecimento, as providências a serem tomadas para uma política de implantação de equipamentos de lazer em determinada região:

- Formação de uma equipe com representantes de grupos interessados para o desenvolvimento do projeto, designando a cada um deles o respectivo papel;
- Definição objetiva e inequívoca dos fins a serem alcançados e estabelecimento da ordem de prioridades;
- Elaboração um orçamento-programa, no qual estará discriminada a destinação precisa de cada verba;
- Sensibilização da opinião pública para a relevância do problema, bem como estudo da comunidade através de levantamento das suas condições, o que inclui recursos materiais, fatores geográficos e socioeconômicos que afetam os hábitos culturais da população e as tendências que se figuram para o aproveitamento do tempo livre.
- Coleta das seguintes informações (na questão da cultura e do lazer): densidade populacional, distribuição da população por idade e nível socioeconômico, características fisiográficas básicas, principais aspectos culturais (hábitos locais, tradições, manifestações, artesanato, entre outros), acomodações e instalações já existentes para a cultura e lazer (estado de conservação e localização), facilidade de acesso às áreas atuais (vias existentes e transporte coletivo), órgãos públicos e entidades particulares que possam prestar colaboração ao desenvolvimento do projeto, problemas principais encontrados, necessidades sentidas pela população e tendências observadas;
- Análise da legislação vigente a fim de averiguar as possibilidades de execução de cada etapa do projeto, além da análise dos instrumentos urbanos existentes para aquisição ou uso de terrenos e demais trâmites;
- Destinar a parte executiva do projeto ao órgão competente;
- Investigar a possibilidade de conseguir o maior rendimento dos recursos disponíveis e do novo espaço criado, oferecendo usos diversos a um mesmo espaço: flexibilidade.
- Recrutar pessoal e equipes para organizar e orientar as atividades ofertadas no espaço, de modo que a programação atenda às necessidades e anseio do público alvo. Além disso, deve ser oferecidas atividades com flexibilidade de horário e modalidade, a fim de que vários segmentos da comunidade sejam atendidos;
- Articular o trabalho de várias instituições no mesmo espaço, buscando sempre parcerias como forma de enriquecer o conteúdo das atividades, além de estimular o intercâmbio com comunidades próximas para trocas de idéias e experiências;
- Fazer a avaliação dos resultados obtidos para que o programa e o espaço possam ser readaptados conforme as necessidades, tendo sempre em mira consolidar, melhorar e ampliar as acomodações e serviços.

3. 4 O CASO DE CURITIBA

A preocupação com a promoção cultural em Curitiba se mantém ligada ao planejamento da cidade, mostrando-se mais acentuada a partir de 1970. Em 1966, o IPPUC detalha o Plano Diretor de Urbanismo, o qual propõe, entre outras diversas melhorias, a revitalização dos setores históricos tradicionais e a oferta de serviços públicos e equipamentos comunitários, o que viria a causar na próxima década revoluções física, econômica, cultural e social. Nos anos 70, o Plano de Recreação propunha atividades recreativas e culturais com o objetivo de desenvolvimento humano e ocupação do tempo livre da população. Baseava-se no estudo dos equipamentos de lazer já existentes e a necessidade de implantação de mais unidades conforme a demanda de cada região, analisando assim o raio de abrangência de cada equipamento. Nesta época, observou-se que a quantidade de espaços destinados à cultura e ao lazer era muito inferior ao necessário, e que mesmo os poucos bons equipamentos já existentes se julgavam subutilizados. Ainda na década de 70, foram apresentadas propostas de animação para o centro da cidade, propondo calçadas para pedestres, como o da Rua XV e criação das UIPs (Unidade de Interesse de Preservação), recompondo assim a memória da ocupação histórica da cidade. Um ponto negativo desta época foi o início da transformação das praças em terminais de ônibus, perdendo-se alguns espaços de lazer para o desenvolvimento do transporte.

Na década de 80, a cidade se volta às ações sociais. A cidade é dividida em nove Administrações Regionais e a prefeitura fica mais próxima do cidadão, descentralizando as ações setoriais do governo executadas por secretarias e órgãos de atividades-fim. Com isso, a periferia passou a ter mais equipamentos de cultura e lazer implantados em seu território. A democratização do país cria condições para o incremento das manifestações artísticas e culturais, exigindo a ampliação dos espaços culturais e maior participação popular nas decisões.

Nos anos 90 ocorre um *boom* na criação de parques temáticos, bosques e memoriais na cidade, enfatizando o lazer, a preservação da memória e a conservação das áreas verdes. A cidade se multiplica, também em espaços culturais. Nesse período, foram inaugurados o Conservatório de MPB de Curitiba, a Ópera de Arame, o Memorial da Cidade, entre outros. As Administrações Regionais ganham sede administrativa, as Ruas da Cidadania, edificações que reúnem em um mesmo espaço físico, os serviços públicos essenciais, entre eles a cultura e o lazer, transformando-se em ponto de encontro da população e contribuindo para a descentralização dos equipamentos.

Figura 5 – Jardim Botânico:
plano de bosques dos anos 90



FONTE: www.curitiba.pr.gov.br

Figura 6 – Memorial da Cidade:
espaço cultural



FONTE: foto da autora

Atualmente, a oferta de estabelecimentos voltados à cultura e ao lazer em Curitiba pode ser considerada ampla. Curitiba se caracteriza pela implantação de parques urbanos de excelente qualidade, os quais geralmente abrigam algum tipo de memorial ou museu que promove atividades culturais, como o caso do Memorial Ucrâniano no Parque Tingui, o Centro de Criatividade e Casa Erbo Stenzel no Parque São Lourenço, o Memorial Polonês no Bosque do Papa, entre outros. Além disso, uma vasta gama de equipamentos como museus, teatros e cinemas estão presentes na cidade, oferecendo à população um repertório variado de atividades culturais. Essa oferta de espaços destinados à cultura e o lazer partem tanto da iniciativa pública como da privada.

Infelizmente, percebe-se que a população não incorpora o uso dos espaços destinados ao lazer como deveria ser. Alguns espaços se encontram degradados, embora existam alguns equipamentos bastante interessantes que não são explorados da maneira como foram criados para atender o público. Frequentemente se encontram espaços que, apesar de ofertarem boas exposições ou atividades culturais interessantes, encontram-se vazios. A realidade é que as opções de cultura e lazer são amplas, embora falte a apropriação dos espaços pela população, assim como o hábito de frequentar espaços do gênero.

Curitiba pode ser considerada beneficiada em relação a outras cidades brasileiras na questão da promoção de atividades culturais. Porém, apesar da cidade estar dividida em regionais administrativas que descentralizam as ações da prefeitura, nota-se a concentração de equipamentos culturais e de lazer em alguns pontos do território urbano, desfavorecendo assim algumas áreas. É evidente que os principais e mais estruturados parques da cidade se encontram na porção norte de Curitiba, enquanto que a maioria dos equipamentos culturais se localiza na área mais central.

Tendo em vista a configuração dos equipamentos de cultura e lazer em Curitiba, percebe-se que a região Sul da cidade é bastante desfavorecida na questão de oferta de

espaços desse tipo. Além dessa diferença de equipamentos em relação às outras partes da cidade, há um grande contraste social, econômico e cultural que envolve o modelo de ocupação da porção Norte e da porção Sul de Curitiba, já que ambas são bastante distintas entre si. De acordo com um artigo do jornalista José Carlos Fernandes publicado em 2007 na Gazeta do Povo, “O arquipélago de Curitiba”, a parte Norte da cidade apresenta uma ocupação mais antiga e com forte incidência da população descendente de imigrantes europeus, enquanto que o Sul é caracterizado por uma ocupação mais recente e com moradores provenientes em sua maioria do fluxo de migrações do interior do estado e de outros bairros de Curitiba. No artigo, o jornalista aborda os contrastes que dividem a cidade em duas partes e relata que as condições sócio-econômicas do Sul são mais problemáticas em relação ao Norte, afirmando que a demanda por equipamentos sociais é enorme nesta área mais carente de Curitiba.

Segundo dados levantados pelo IPPUC em 2005, a regional Bairro Novo e Pinheirinho, ambas no Sul da cidade, são as menos populosas, com 137.692 e 144.208 habitantes respectivamente, enquanto a mais populosa, a Regional Portão, apresenta 256.843 habitantes. Esses números podem vulgarmente justificar a menor oferta de equipamentos na região Sul da Cidade, já que há aparentemente uma menor demanda. Porém, isso não se justifica, já que as regionais Bairro Novo e Pinheirinho contam com uma população bastante carente, o que exige a implantação de mais equipamentos públicos culturais como forma de desenvolvimento humano e superação de problemas. Além disso, a mesma pesquisa do IPPUC demonstra que estas duas regionais foram as que obtiveram maior crescimento populacional nos últimos anos, e que esta tendência pretende continuar e aumentar, justificando assim um maior investimento nesta região.

Por fim, pode-se afirmar que oportunidades de cultura e lazer na cidade não faltam, visto a grande quantidade de programações e espaços destinados a estas atividades. Porém, a grande distância física existente entre algumas regiões periféricas e determinados estabelecimentos culturais dificultam o acesso a estes equipamentos, seja pelo desgastante trajeto ou pelo custo do transporte. Portanto, é necessário que sejam implantados equipamentos culturais em áreas desfavorecidas neste aspecto, sendo no caso as regiões mais afastadas do centro da cidade e com uma grande população carente, mais especificamente a região Sul da cidade.

3.4.1 Secretarias e Órgãos Públicos

Como o projeto a ser desenvolvido no TFG pretende ser um equipamento público, implantado pela prefeitura de Curitiba, considerou-se importante estudar quais são os principais órgãos e secretarias da cidade responsáveis pelo desenvolvimento da cultura e do

lazer e pela implantação de espaços destinados a esses fins. Entre os principais responsáveis estão a SMEL (Secretaria Municipal de Esporte e Lazer), o IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba) e a FCC (Fundação Cultural de Curitiba).

A SMEL é responsável pela promoção de práticas de esporte, lazer e atividades físicas ao cidadão curitibano, procurando desenvolver a inserção social e o bem estar dos indivíduos. Na secretaria há três departamentos: o de esporte, o de incentivo ao esporte e o de lazer. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram enfatizadas principalmente as informações obtidas no departamento de lazer, já que este está diretamente ligado à cultura.

Através de uma entrevista com a funcionária Leiloir Santos, em Abril de 2008, foram identificadas quais as principais atividades de lazer oferecidas à população curitibana, assim como as principais políticas vigentes. Segundo a entrevistada, as propostas da SMEL são elaboradas na sede principal de modo geral e repassadas a cada uma das nove sub-sedes localizadas nas regionais de Curitiba, as quais possuem como objetivo aplicar as atividades nos bairros de sua abrangência. As atividades ofertadas ocorrem apenas em espaços públicos da prefeitura, não havendo intervenção em estabelecimentos privados. Os locais de aplicação das atividades são os mais variados, englobando ruas, praças, escolas e associações de moradores, embora os mais estruturados e utilizados sejam os chamados CEL (Centro de Esporte e Lazer), que no caso são equipamentos públicos específicos de esporte e lazer, e se tratam geralmente de ginásios onde são desenvolvidas atividades diversas. A promoção de atividades em locais não específicos de lazer (ruas, escolas,...) contribui para a descentralização do lazer, atendendo a regional como um todo e não se restringindo apenas aos CELs. Vale lembrar que as Ruas da Cidadania também podem ser consideradas CELs, pois possuem a infra-estrutura necessária para a prática do lazer. No total, Curitiba apresenta 28 CELs, sendo que 6 deles estão na região Sul da cidade.

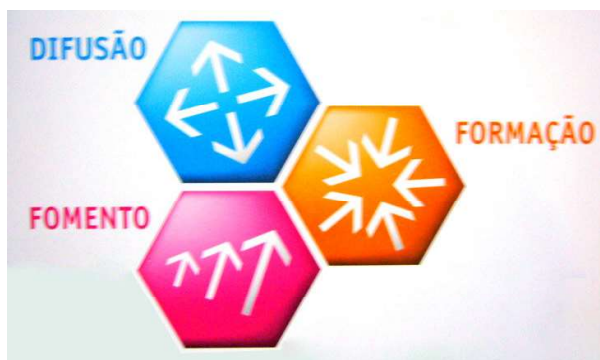
As atividades de lazer ofertadas pela SMEL são diversas, mas se enquadram em quatro diferentes programas: Lazer na Cidade, Eventos Comemorativos, Dança Curitiba e Pedala Curitiba. O Lazer na Cidade compreende principalmente atividades que são levadas aos bairros através de brincadeiras recreativas para as crianças. O Dança Curitiba se trata de apresentações de grupos de dança profissionais e amadores nas ruas, ginásios a até mesmo em importantes teatros da cidade. O programa Eventos Comemorativos se destina a atividades culturais e recreativas ofertadas em espaços públicos principalmente no dia das crianças e no aniversário de Curitiba. Por fim, o Pedala Curitiba promove diversos tipos de passeios ciclísticos, promovendo assim a integração social, exploração de novos pontos da cidade e bom condicionamento físico. Todas essas atividades colaboram para o desenvolvimento da comunidade e poderiam ser aplicadas também no espaço a ser desenvolvido para o TFG.

Já o IPPUC tem como missão coordenar o processo de planejamento e monitoramento urbano da cidade. Para isso, elabora pesquisas, planos, projetos e programas, buscando um bom planejamento urbano como meio de melhorar as condições sociais e econômicas da população. Focando mais no assunto desta monografia, cabe ao IPPUC planejar a implantação de equipamentos culturais, tendo como base as diretrizes do planejamento e os dados econômicos, sociais e políticos da área em questão. Como exemplo, parte da FCC a necessidade de um equipamento cultural em determinada região, embora seja o IPPUC o responsável pela implantação urbana e pelo projeto arquitetônico deste espaço.

Por último, é papel da FCC promover o desenvolvimento sociocultural e artístico da comunidade, subsidiado pelas necessidades e expectativas de todos os segmentos da sociedade curitibana de modo a enriquecer e compartilhar o conhecimento, criando igualdade de oportunidades para todos. Este é órgão mais relacionado com a proposta de TFG a ser desenvolvida, já que se optou pelo projeto de um equipamento cultural administrado pela FCC. O órgão procura cumprir sua função de disponibilizar o acesso à cultura, enriquecendo o repertório da população através de três fatores: formação, fomento, e difusão.

- Formação: trata-se dos níveis pelo qual o artista passa. Inicialmente, há uma sensibilização do indivíduo por meio da vivência ou apreciação de trabalhos alheios. Posteriormente, deve-se investir no artista para que ele se profissionalize e ofereça arte. Em um nível mais avançado, estão ações de aperfeiçoamento da artista;
- Fomento: as ações de fomento visam apoiar propostas de artistas, sendo obrigação do poder público criar mecanismos que fomentem novas formas e produções de arte;
- Difusão: trata-se da inclusão de trabalhos artísticos na sociedade de modo que o cidadão se identifique com a sua cultura. As atividades são as mais variadas possíveis para mostrar ao público o que está sendo produzido na FCC, a fim de abranger um público interessado em consumir e produzir arte cada vez maior.

Figura 7 – Componentes da FCC para enriquecimento cultural



FONTE: FUNDAÇÃO CULTURAL, 2004

A FCC atua com estes componentes na música, nas artes visuais, no cinema, nas artes cênicas, na literatura e demais expressões culturais bastante variadas, de modo a oferecer opções culturais que se adapte à identidade e gosto de todos. A FCC administra em Curitiba alguns equipamentos voltados à cultura, oferecendo espaço para artistas desenvolverem os seus projetos e aprimorarem seus conhecimentos. No total são aproximadamente 47 equipamentos distribuídos pela cidade, e vão desde pequenas bibliotecas localizadas nas Ruas da Cidadania até edifícios mais conhecidos como o Conservatório de MPB, o Centro de Criatividade, a Casa Hoffmann, o Memorial de Curitiba, entre outros. Os equipamentos serão especificados mais detalhadamente quando forem realizados os estudos de caso.

Além de utilizar os espaços físicos tratados, a FCC procura também difundir e fomentar a arte através de ações que descentralizam as atividades, atuando em escolas e associações dos mais variados bairros de Curitiba. É uma medida bastante interessante, pois leva a arte a muitos indivíduos que, por diversos motivos, não tem a oportunidade ou o hábito de freqüentar um espaço cultural. Os principais programas da atual gestão da FCC encarregados desta descentralização cultural são o “Arte por onde você anda”, o “Comunidade Escola” e o “Cinema nos Bairros”, os quais utilizam espaços da comunidade para ofertar atividades diversas.

A FCC será ainda muito citada nesta pesquisa, e em cada momento será decorrido sobre assuntos mais específicos relacionados à mesma.

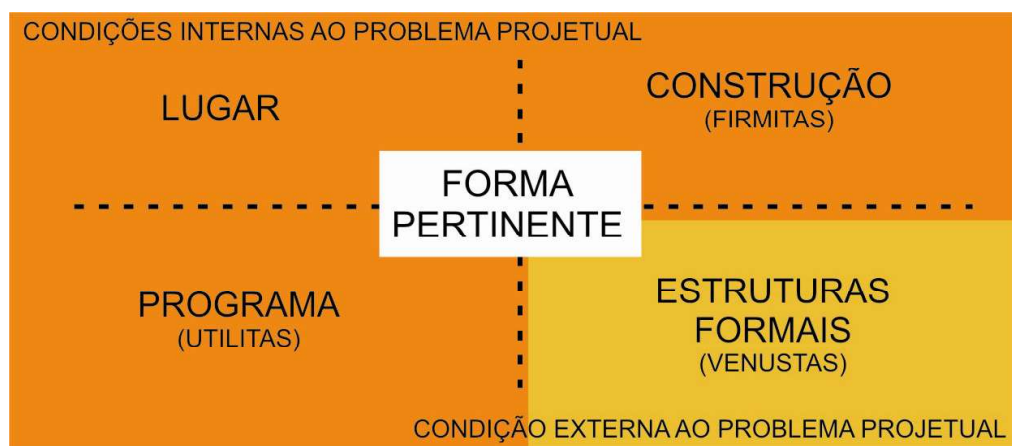
De modo geral, percebe-se que as atividades ofertadas pelos órgãos responsáveis são diversas e em grande quantidade, embora muitas regiões não disponham de espaços específicos para a prática de atividades culturais e de lazer. Apesar da presença de atividades em equipamentos não-específicos de cultura e lazer como ruas, escolas e associações contribuir para a descentralização dos serviços oferecidos ao longo de determinado bairro, nota-se que falta, em algumas regiões, falta um espaço específico e digno de apropriação que ofereça identidade aos moradores locais. Também há críticas em relação ao programa das atividades ofertadas pela FCC e SMEL, as quais são muitas vezes elaboradas como um todo, sem valorizar ou se adaptar à cultura e necessidades de cada regional. Ou seja, os programas pecam na homogeneização cultural, pois as atividades chegam simplesmente prontas e são aplicadas em um tempo pré-estabelecido.

4. ESTUDOS DE CASO

Em busca de compreender melhor como são concebidos os espaços que desenvolvem atividades culturais e de lazer, realizou-se uma pesquisa de projetos de arquitetura que tivessem alguma relação com o tema proposto para este trabalho. Para isso, foram escolhidos casos no âmbito internacional, nacional e municipal, com o objetivo de identificar aspectos positivos e negativos dos mesmos, a fim de que se pudesse melhor conceituar a proposta de centro cultural.

Segundo o artigo “Reflexões sobre a construção da forma pertinente” do arquiteto Edson Mahfuz, publicado em 2004, “não há consenso sobre os procedimentos projetuais que podem conduzir à boa arquitetura, e muito menos sobre o que caracteriza obras de qualidade superior no início deste novo século”. Até meados do século XVIII, a boa arquitetura seria aquela que apresentasse um equilíbrio entre os três componentes da tríade vitruviana: *firmitas* (solidez), *utilitas* (adequação funcional) e *venustas* (beleza aplicada de acordo com as ordens clássicas). De acordo com Mahfuz, “a beleza estava no centro das preocupações arquitetônicas até recentemente”, embora hoje seja a forma pertinente que determine um bom resultado arquitetônico. Através de discussões com o arquiteto Alejandro Aravena, Mahfuz retrata essa forma pertinente é o resultado do quaterno contemporâneo (figura 8), o qual envolve três condições internas ao problema projetual (programa, lugar e construção) e uma condição externa, o repertório de estruturas formais, o qual sintetiza as outras três. Isso porque a beleza é algo muito relativo e mutante, parecendo ser mais adequado tratá-la como uma adequação da forma e das necessidades.

Figura 8 – Quaterno contemporâneo



FONTE: Edson Mahfuz

“Talvez nosso horizonte não seja outro senão verificar certa pertinência na arquitetura; pertinência na leitura do problema, pertinência da forma proposta. Decompor corretamente a situação em seus aspectos constituintes essenciais e conhecer as propriedades da forma de tal modo que ela encarne a situação pertinente. É nesse sentido que um arquiteto é um profissional da forma: conhece exatamente suas conseqüências.” (ARAVENA, 1999, adaptado)

Diante desses conceitos de “avaliação” da boa arquitetura, buscou-se determinar quais seriam as condições de análise dos edifícios selecionados para estudo. Apesar da tríade vitruviana ser um método de análise arquitetônica respeitado e utilizado até hoje, considerou-se adequado inserir nos conceitos de *firmitas*, *utilitas* e *venustas* a idéia de lugar, caracterizando assim uma preocupação mais contemporânea e relacionada com o projeto do TFG, tendo em vista a preocupação que se deverá ter com o contexto urbano. Enfim, os critérios utilizados nesta para análise dos edifícios se tratam de uma mescla entre a tríade vitruviana e o quaterno proposto por Mahfuz, tendo em vista o caráter mais atual deste último.

As condições de análise escolhidas foram as seguintes:

- Contexto histórico, urbano e social: derivado do quaterno contemporâneo de preocupação com o *lugar*, onde serão avaliados principalmente as relações que o edifício estabelece com o entorno e a sociedade;
- Conceito: trata-se do partido adotado pelo arquiteto perante o problema encontrado, ou seja, suas idéias gerais em relação ao projeto;
- Aspectos funcionais: derivado do conceito de *utilitas* da tríade vitruviana e do *programa* do quaterno contemporâneo, onde serão avaliadas a articulação dos espaços e suas funções, bem como as relações humanas propiciadas nos mesmos;
- Aspectos técnicos e construtivos: derivado do conceito de *firmitas* da tríade vitruviana e da *construção* do quaterno contemporâneo, onde serão avaliadas a solução estrutural do projeto e os recursos técnicos utilizados;
- Aspectos plásticos: derivado do conceito de *venustas* da tríade vitruviana e das *estruturas formais* do quaterno contemporâneo, onde serão avaliados os princípios de ordenação dos elementos arquitetônicos e o efeito estético proporcionado dos mesmos.

Para selecionar os edifícios que seriam analisados nesta pesquisa, buscou-se casos que se assemelhassem com o objetivo proposto para o projeto do TFG. Portanto, deveriam ser espaços que oferecessem atividades de modalidades diversas, e não uma única especialidade artística, por exemplo. Além disso, deveriam ser importantes representantes culturais no seu país ou cidade. Portanto, optou-se pela análise dos clássicos Centre George

Pompidou e SESC Fábrica da Pompéia, aquele um dos centros culturais mais visitado e conhecido no mundo, e este, um representante expressivo do lazer e da cultura popular brasileira.

Como o projeto a ser desenvolvido para o TFG corresponde a um equipamento público de cultura em Curitiba, imagina-se que o mesmo venha a ser administrado pela FCC. Portanto, considerou-se interessante analisar espaços da FCC, principalmente aqueles que ofertassem atividades variadas e que se encontrasse em um contexto urbano semelhante ao que será proposto no TFG, devendo estar localizado em um bairro mais afastado do centro. Os equipamentos da FCC que mais atendem a estes requisitos são o MUMA (Museu Metropolitano de Arte) e o Centro de Criatividade de Curitiba, sendo consequentemente analisados nesta pesquisa.

Porém, tendo em vista o fato destes dois equipamentos não serem tão atuais e se tratarem de edifícios adaptados a um pré-existente, buscou-se alguma referência de espaço concebido recentemente em Curitiba e que apresentasse um programa mais relacionado aos anseios da sociedade atual. Para isso, realizou-se uma análise do ainda não inaugurado Paço Cultural SESC, que, apesar de ser uma reciclagem de um edifício histórico, desenvolverá atividades bastante contemporâneas em seu interior através de recursos tecnológicos atuais (laboratório multimídia, laboratório de artes digitais, entre outros).

Os edifícios foram analisados com base em fotografias, textos, desenhos e, em alguns casos, visitas técnicas e entrevistas.

4. 1 INTERNACIONAL – CENTRE GEORGES POMPIDOU

Figura 9 – Vista geral Centre Georges Pompidou



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Figura 10 – Tubulações



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

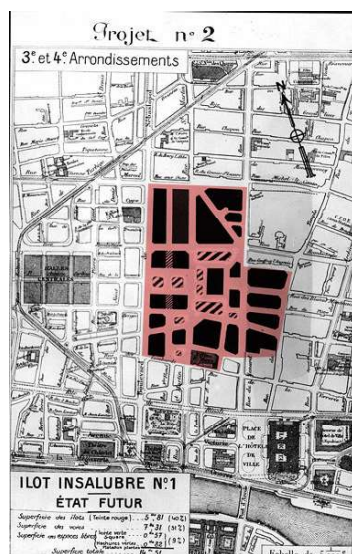
O Centre Georges Pompidou foi escolhido como referência de centro cultural internacional para estudo. Apesar de se encontrar em um contexto urbano diferenciado e apresentar grandes dimensões diferentes das que serão propostas para o projeto de TFG, o edifício é um ótimo exemplo de funcionalidade e flexibilidade na oferta de espaços culturais.

Localizado no coração de Paris, capital da França, o prédio se trata de um projeto do arquiteto italiano Renzo Piano e do inglês Richard Rogers, tendo iniciada a sua construção em 1971 e sido entregue em 1977. Trata-se de um edifício que se assemelha a uma “máquina” devido à tecnologia empregada e ao seu esqueleto metálico exposto, causando um grande contraste com o entorno de construções medievais, e gerando assim, uma grande polêmica de agressão à paisagem. Compreende em 103.305 m² museu, salas de exposições, teatros, cinemas, biblioteca, café, salas de música, entre outros espaços destinados a atividades artísticas e culturais contemporâneas. O Centre Georges Pompidou foi por muito tempo o edifício cultural mais visitado do mundo, com uma média de 20.000 pessoas por dia.

Contexto Histórico, Urbano e Social

O edifício está localizado no coração de Paris, no *4^{ème} arrondissement*, em uma região conhecida como Les Halles. Trata-se de um dos setores mais antigos de Paris, ficando próximo do Rio Sena, da Île de la Cité. No século XIX, esta região era densamente povoada, e devido ao seu crescimento desordenado, muitos habitantes viviam condições precárias de higiene e moradia, além de existirem ruas estreitas e com pouca iluminação, o que auxiliava na proliferação de doenças. O terreno onde hoje está inserido o Centre Georges Pompidou era denominado como “área insalubre n^o. 1” por apresentar péssimas condições urbanas, assim como mostram as figuras 11 e 12.

Figura 11 – Planta da “área insalubre n^o. 1”



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Figura 12 – Ruela antes da demolição



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Em 1930, esta área insalubre é demolida e durante os próximos trinta anos adquire a função de estacionamento da vizinhança próxima. Na década de 60, um século depois dos grandes trabalhos de reformulação urbana de Haussmann, uma nova série de transformações veio à tona para adaptar a cidade à evolução da sociedade, organizando assim o seu espaço de acordo com novas as necessidades.

É neste contexto que o Presidente da República francês Georges Pompidou decide criar um centro nacional de arte e cultura. O local da antiga “área insalubre nº 1” é escolhido para sediar o futuro edifício. A sua localização no coração da metrópole é privilegiada para abrigar um projeto que deveria irradiar em toda a França e ao redor do mundo. George Pompidou descreve, em 1969, que o centro cultural a ser implantado deveria se dedicar à produção artística moderna e contemporânea, onde estaria presente a arte, a música, o cinema, os livros, os recursos audiovisuais, entre outras manifestações culturais. Como a comunicação entre diversas áreas da cultura deveria ser valorizada neste projeto, grandes departamentos da área cultural se reuniram para ocupar o edifício: o Museu Nacional de Arte Moderna (MNAM), o Centro de Criação Industrial (CCI), o Centro Nacional de Arte Contemporânea (CNAC), o Instituto de Pesquisa e Coordenação Acústico-Musical (IRCAM) e a Biblioteca Pública de Informação (BIP).

Em 1971, um concurso foi lançado com o objetivo de selecionar um projeto que seria a sede do centro cultural. 681 equipes de arquitetos de todo o mundo participaram e enviaram seus projetos, embora o projeto de Piano e Rogers, até então pouco conhecidos, tenha vencido quase que por unanimidade. A banca julgadora, que contou também com a presença do arquiteto Oscar Niemeyer, justificou a escolha pelo fato do projeto ser uma construção funcional, flexível e adaptável a diferentes necessidades, respondendo assim às exigências de simplicidade de espaços, comodidade de circulação do público, existência de grande espaço exterior e possibilidade de alteração volumétrica do exterior sem modificar o espírito do projeto.

O projeto de Piano e Rogers é bastante provocativo pelo contraste extremo existente entre a sua arquitetura e o meio urbano no qual está inserido, já que em raio próximo pode ser encontrada a Catedral de Notre Dame e uma série de outras edificações mais antigas. Seu grande porte faz com que o mesmo se destaque de maneira gritante na horizontalidade da paisagem, tornando-o um ponto referencial na cidade (figura 13).

A relação social do Centro Pompidou com o entorno próximo é bastante forte, pois uma grande praça articula o edifício com os estabelecimentos comerciais que se situam no térreo dos prédios vizinhos: cafés, livrarias, restaurantes, entre outros. Isso gera um espaço de convívio interessante, além de integrar as atividades do edifício com o entorno, apesar do contraste arquitetônico ser agudo.

Figura 13 – Meio urbano



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Figura 14 – Ponto referencial na cidade



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Figura 15 – Entorno imediato



FONTE: fotografia de Camila Albers

O Centre Pompidou encontrou muita resistência da população contra a sua instalação, sendo criticado pela sua megalomania, excesso de despesas e desrespeito ao sítio histórico. Foi chamado de “Refinaria de Petróleo” ou ainda “Fábrica” por muitos, já que alguns franceses o consideram uma cicatriz na cidade e se dizem “obrigados” a utilizar o prédio para não desperdiçar o alto investimento público utilizado na construção. Algo similar aconteceu com a construção da Torre Eiffel na cidade cem anos antes, quando a população ficou escandalizada com uso do ferro exposto e uma altura tão monstruosa, embora hoje seja considerado motivo de orgulho e até mesmo transformada em um dos ícones mais importantes de Paris.

Apesar de todas as críticas, a presença de milhares de visitantes por dia no edifício prova a importância do espaço na vida cultural parisiense. A população parece ter assimilado o choque, tendo se familiarizado com o “monstro urbano” e incorporado a obra a seu cotidiano.

Conceito e Proposta

Pompidou deixou clara a intenção de ruptura com a ideia do museu hermético ao propor a criação do novo centro cultural, incentivando as equipes participantes a abrir as portas da arte a um espaço polivalente, que colocasse o visitante em contato com as diferentes formas de produção artística. No edital do concurso estava explícito que o conceito de “Museu do Futuro”, de André Malraux, deveria ser seguido, sugerindo a criação de espaços que fossem flexíveis aos gostos e necessidades de cada artista, oferecendo um amplo espaço que não limitasse as exposições e que pudesse sofrer ampliações futuras. Este conceito também foi apresentado pelo arquiteto Le Corbusier, com a ideia de “museu de crescimento ilimitado”.

Dois grandes desafios determinam o projeto: criação de relações e intercâmbios entre as distintas atividades ofertadas e promoção do encontro com o público no sentido de tornar este centro de arte e cultura um lugar de convívio. Diante deste cenário, os arquitetos Piano e Rogers propõem uma relação direta do prédio com o entorno através da criação de uma grande praça que ocupa metade do terreno previsto para a construção, propiciando assim uma grande área cultural aberta e pública para o encontro de mímicos, músicos e demais artistas de rua (figura 16). O outro importante ponto adotado pela dupla foi a criação de um espaço que pudessem ser facilmente transformado, com plantas livres que se adaptassem a diferentes atividades, assim como limites que permitissem alterações volumétricas com o passar do tempo.

Figura 16 – Praça Beaubourg



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Figura 17 – Artistas de rua na Praça Beaubourg



FONTE: <http://rpbw.r.ui-pro.com/>

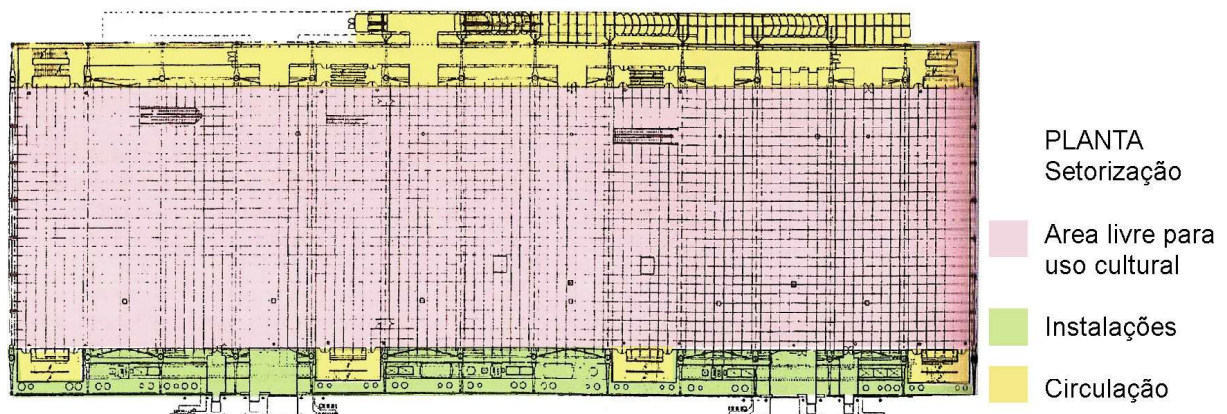
Seguindo essas diretrizes, os arquitetos propuseram um edifício de planos livres, como se fossem “bandejas” sobrepostas, de 7.500m² cada. Para tornar estas grandes plantas realmente livres, colocou-se toda a estrutura interna do edifício para fora, ou seja, a circulação, a tubulação e o esqueleto do prédio se encontram totalmente expostos ao exterior. Isso é tanto uma consequência de uma necessidade de espaço como da materialização do pensamento dos arquitetos: “em um edifício, tudo deve ser mostrado, nada deve ser escondido, e o usuário deve saber exatamente como o edifício funciona”.

Sem dúvida, o partido adotado é bastante provocativo e instiga a população pela sua ousadia. Apesar das críticas, o prédio não é considerado por Piano e Rogers como um “hino à produção” industrial. Para eles, o edifício pode ser até mesmo tratado como uma gigante produção artesanal, já que a montagem se deu peça a peça. Além disso, o controverso e o polêmico quebram com o tradicional, abrindo o espaço para um novo tipo de pensamento.

Aspectos Funcionais

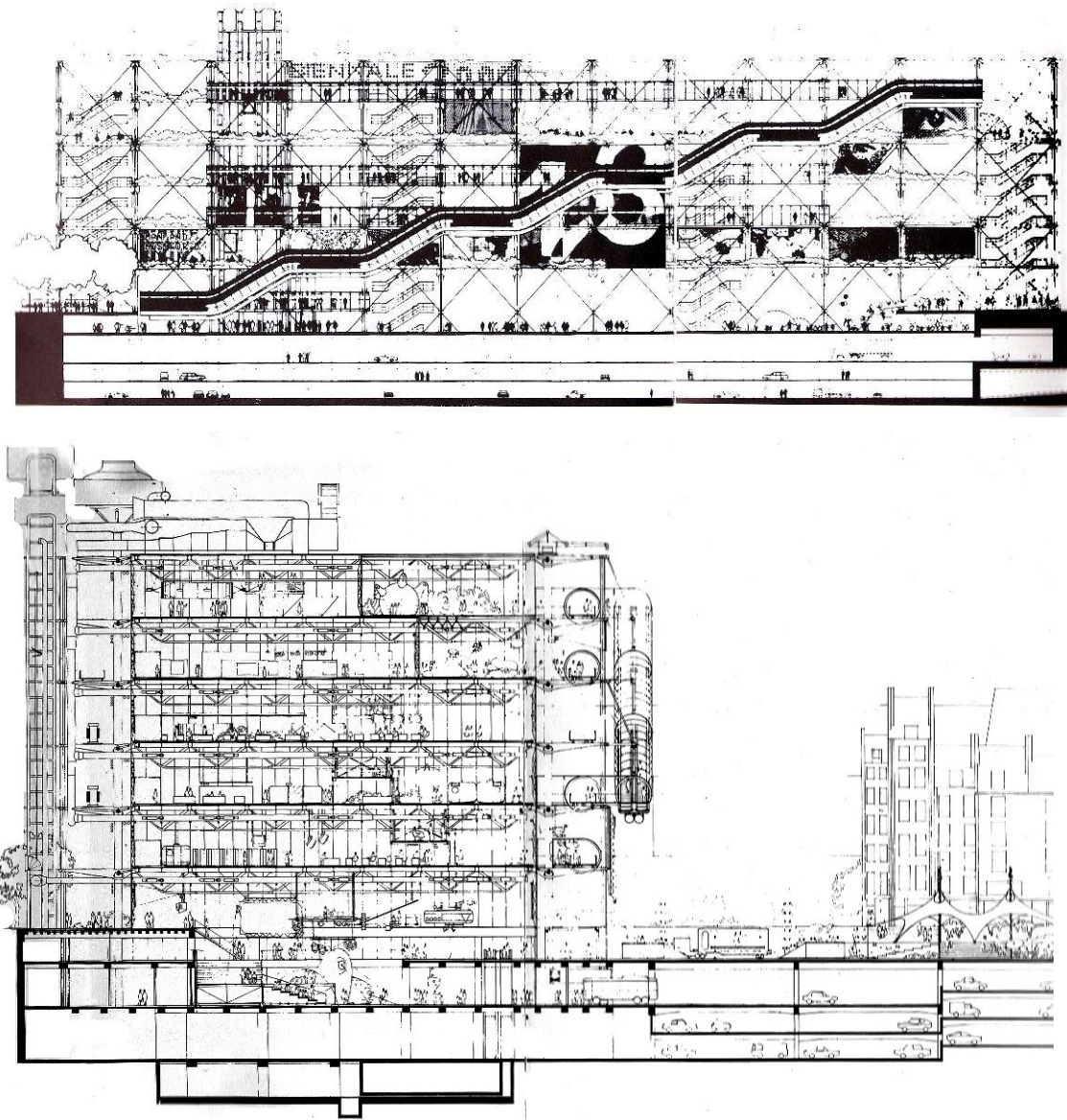
Um das grandes características do Centro Pompidou é a sua funcionalidade, já que a presença de plantas livres e sistema de circulação bastante claro contribuem para um fácil e legível funcionamento do edifício. O prédio apresenta quatro pavimentos no subsolo e mais seis acima do nível do chão. Pode-se dizer, portanto, que o Centre Pompidou é dividido em duas partes, já que o subsolo compreende espaços técnicos e de serviço, enquanto que os outros seis pavimentos se tratam de uma superestrutura de vidro e aço que concentra a maior parte das atividades culturais e de lazer. Além disso, há em frente a grande Praça Beaubourg e, ao lado, a praça Stravinsky, sob a qual se encontra o IRCAM.

Figura 18 – Planta baixa do Centre Pompidou



FONTE: PIANO, Renzo. Buildings and Projects.

Figura 19 – Cortes do Centre Pompidou



FONTE: PIANO, Renzo. Buildings and Projects.

A circulação do prédio se dá através de elevadores e escadas rolantes. Todas estas circulações são colocadas do lado de fora do edifício, a fim de que os visitantes já enxerguem de fora como acontece o acesso aos pavimentos, além da vantagem de deixar a planta bastante livre e fluida. Na fachada posterior é possível ver os elevadores monta-carga, enquanto que na fachada principal, de frente para a praça, uma grande “língua” em patamares distintos de escadas rolantes transporta os visitantes como se estes fossem “o sangue de uma artéria”. Esta língua apresenta plana em alguns momentos e inclinada em outros, e se encarrega de levar os usuários aos pavimentos do edifício por dentro de um tubo, além de proporcionar uma bela visão da cidade, já que apresenta transparência e se encontra do lado externo. Além da “língua”, há em cada pavimento um tubo horizontal que faz

o deslocamento do visitante ao longo do próprio pavimento por largos corredores abertos ao exterior. Na fachada principal, mais quatro conjuntos de escadas e dois elevadores percorrem os pavimentos, mas com um destaque visual bem menor que o da “língua”.

Figura 20 – Vista do interior da “língua”



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Figura 21 – “Língua”



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

O subsolo é quase que totalmente ocupado por estacionamento e instalações técnicas. É interessante ressaltar que a área dos pavimentos subterrâneos é bem maior do que os que se situam acima do térreo. Isso porque os espaços se prolongam por debaixo da praça, garantindo assim mais área construída sem que seja utilizada toda a superfície do terreno.

Já a parte situada acima do nível do chão é composta por plataformas de planta livre com 50m x 170m de dimensão com pé-direito bastante alto de 7 metros de altura, e podem abrigar qualquer tipo de atividade devido à sua flexibilidade, já que elementos estruturais e circulação são totalmente independentes, localizando-se no exterior.

O acesso principal ocorre pela Praça Beaubourg, em uma cota abaixo das ruas circundantes, e logo na entrada há um grande *hall* que promove o encontro de pessoas e é compreendido em três níveis. O térreo é maior e mais espaçoso deles, sendo uma continuidade da praça e destinado à convivência social e promoção de atividades culturais, como freqüentes exposições de arte contemporâneas, por exemplo, além de partirem daí os acessos para muitas outras instalações do edifício. Um outro nível mais inferior do *hall* é acessível por elevadores e escadas localizado no hall central, e se destina seu espaço também a algumas exposições, além de reagrupar a entrada de teatros, cinemas e salas de debates e conferências. No grande hall há também os *mezzaninos*, compreendendo um outro

nível, o qual é alcançado por escadas rolantes ou elevadores, e uma *boutique* de design de objetos, galerias de arte e um café. Por fim, pode-se dizer que o *hall* é uma área bastante aberta e fluida, sem muitos bloqueios físicos e visuais, promovendo assim a integração dos espaços. Os tubos, cabos e vigas são aparentes, e o espaço possui um grande potencial arquitetônico para promoção do encontro e da descoberta.

Figura 22 – *Hall* de entrada



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Ao utilizar as escadas rolantes existentes no grande hall, o visitante acessa a circulação principal do edifício, a "língua", e através desta pode se deslocar para os outros andares. Várias atividades e espaços culturais são ofertados no Centre Pompidou e vão dando vida ao mesmo em cada pavimento, com o objetivo de mostrar ao público a arte moderna e contemporânea.

No primeiro pavimento está localizada a Galeria das Crianças, onde são organizadas oficinas e exposições ao público mais jovem. No segundo pavimento, duas áreas expõem a arte criação contemporânea nas artes visuais, na arquitetura e na fotografia: a Galeria Sul e o Espaço 315. No quarto e quinto pavimentos, o Museu Nacional de Arte Moderna apresenta sua coleção de obras. A Biblioteca Kandinsky localiza-se no terceiro pavimento, e o seu acervo contém basicamente assuntos relacionados às artes moderna e contemporânea destinados a profissionais e estudantes da área. No sexto pavimento estão as Galerias 1 e 2, onde são organizadas exposições dos acervos de artistas e demais mostras temáticas. Uma outra biblioteca pode ser acessada pela fachada posterior do edifício, na Rua Renard: a Biblioteca Pública de Informação. Esta possui seu acervo aberto ao público em geral, disponibilizando o acesso à cultura a todos, e se distribui por mais dois pavimentos, ocupando parte deles. Na cobertura ainda há um terraço com restaurante.

Figura 23 – Biblioteca



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Figura 24 – Terraço



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Sob a Praça Stravinsky se localiza o IRCAM. Trata-se de uma organização ligada à música que apresenta instalações separadas do Centro Pompidou, dispondo de três níveis no subsolo para abrigar salas de isolamento acústico, laboratórios de música e estúdios para a investigação sobre o som. Estas são atividades que não necessitam de incidência solar, e encontram vantagem na localização subterrânea por apresentarem melhor isolamento acústico. Já as áreas com maior volume de pessoas, como biblioteca, salas de exposição e escritórios, recebem uma boa quantidade de iluminação natural pelas aberturas zenitais, já que se encontram em um pavimento mais próximo do nível do solo. O acesso ao IRCAM ocorre por uma abertura no chão no nível da rua, ao lado dos vidros das aberturas zenitais que iluminam o interior do instituto. A praça que incobre o prédio apresenta um grande espelho d'água com chafarizes produzidos pelos artistas Jean Tinguely e Niki de Saint Phalle.

Figura 25 – Praça Stravinsky



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Figura 26 – Acesso ao IRCAM



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

A praça principal do Centre Pompidou, denominada Beaubourg, é bastante livre e toda pavimentada, sendo bastante flexível e passível de se adaptar a distintas atividades ali apresentadas. A idéia é que o grande hall do edifício seja uma extensão da praça, com uma transição quase imperceptível do espaço público para o privado.

Analisando o funcionamento do edifício, pode-se dizer que a atuação cultural do Centre Pompidou não se restringe aos limites do edifício, mas se estende por espaços exteriores ou anexos, como as praças Beaubourg e Stravinsky, o IRCAM, o *atelier* Brancusi, bem como a relação com os cafés, livrarias e demais estabelecimentos comerciais dos edifícios vizinhos. O prédio mostra-se conectado ao exterior tanto socialmente como funcionalmente, já que expõe para quem vê de fora todo o seu modo de circulação, distribuição dos pavimentos e demais aspectos técnicos, contribuindo assim para a legibilidade do edifício.

Aspectos Técnicos e Construtivos

As dimensões do edifício, no exterior, são de 166 metros de comprimento, 60 metros de largura e altura de 42 metros. Cinco chapas se encontram empilhadas, cada uma cobrindo uma área de 7.500 m² (cinco campos de futebol oficiais sobrepostos), e a altura entre cada placa é de 7 metros. Através dessas dimensões, pode-se ter uma idéia de como o Centre Pompidou é generoso na questão espacial.

O prédio se caracteriza por ser um esqueleto estrutural externo que sustenta as plataformas metálicas horizontais. Trata-se de uma armadura metálica, pintada de branco, e constituída por elementos que se repetem e se unem para formar uma composição regular. Essa estrutura metálica compreende os pilares tubulares, as vigas em treliça, os “*gerberettes*” e os tirantes de contraventamento, estes últimos fundamentais para a estabilidade do edifício. Interiormente a este esqueleto, os arquitetos fazem a vedação dos espaços através de uma pele de vidro de modo que não se bloqueie a relação visual exterior-interior.

Figura 27 – Vigas em treliças



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Figura 28 – Estrutura metálica



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Para construção dos quatro pavimentos do subsolo, um buraco de 16 a 20 metros de profundidade foi cavado no terreno, e paredes de retenção foram construídas para suportar as cargas. As fundações para suportar os pilares são realizadas e os pavimentos do subsolo tomam forma, todos com estrutura em concreto armado, diferenciando-os dos andares superiores que são de estrutura metálica.

Ao mesmo tempo em que se preparava o terreno e os pavimentos do subsolo, as peças necessárias para montar a estrutura metálica eram fabricadas na Alemanha. Os “*gerberettes*”, elementos fundamentais do edifício que servem como nós de ligação entre as peças, apresentavam aproximadamente 8 metros de comprimento e pesavam em média 10 toneladas cada, enquanto que as vigas mediam 45 metros de comprimento, 2,85 metros de altura e pesavam 75 toneladas. Tendo em vista essas dimensões e pesos exagerados, é possível perceber o nível de dificuldade de transporte das peças da Alemanha para França. O processo de logística teve que ser adaptado com reforços e vários guindastes tiveram que auxiliar na movimentação das peças estruturais.

Figura 29 – *Gerberette* interligando pilar, vigas e tirantes



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

O prédio possui sistema de ar condicionado, e quatro torres de arrefecimento foram instaladas na cobertura para exercer esta função. Além disso, o edifício é equipado com demais serviços (água, instalações elétricas,...) que são identificados do lado externo do prédio através da cor utilizada em suas respectivas tubulações.

Atualmente, o Centre Pompidou parece não atender adequadamente o grande volume de pessoas, já que em algumas exposições contam com horas de filas para contemplação. Apesar de o prédio possuir uma planta bastante flexível, crescer em altura ou para os lados torna-se bastante complicado. Por se tratar de uma estrutura delicada, com esforços bastante controlados, a adição de mais pavimentos superiores pode interferir neste equilíbrio estrutural. Já o aumento para o lado tem como desvantagem a “invasão” da praça, o que agrediria completamente o conceito do projeto.

Aspectos Plásticos

O Centre Pompidou se trata basicamente de um prisma retangular com estruturas em aço aparente e fechamento em vidro, caracterizando-se pela sua aparência *high-tech*. Sua estrutura metálica aparente, totalmente pintada de branco, marca a presença do Centro Pompidou na cidade. Sua arquitetura difere em relação ao restante do bairro pelos seus materiais que não são encontradas em quase que nenhum dos edifícios circundantes. A sua arquitetura original, ainda hoje, oferece impressão de modernidade. A sua fachada em vidro, visível em três dos seus lados, destaca a estrutura modular opaca. Em um jogo de luz, é possível criar uma conexão visual do exterior com interior e vice-versa devido à transparência do vidro, fazendo com que o interior do edifício faça parte do espaço urbano.

As tubulações do edifício são tomadas como ornamento, sendo expostas nas fachadas em cores variadas. Cada cor representa um tipo de serviço técnico: azul para o sistema de ventilação, verde para o encanamento de água, vermelho para a circulação em escadas e elevadores, amarelo para as instalações elétricas, cinza para os serviços em geral. Sem dúvida, este jogo de cores desperta a atenção dos usuários e dão identidade ao prédio, correspondendo ao conceito dos arquitetos de “exposição das vísceras” do edifício. Vale lembrar que no interior dos espaços as tubulações também se mantêm aparentes, embora na área de exposições de obras de artes elas sejam pintadas de branco para não interferir na apreciação dos objetos.

Figura 30 – Tubulações na fachada da Rua Renard



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

A “língua” é o elemento mais marcante na fachada principal do Pompidou, de frente para a praça Beaubourg, sendo considerada o ícone representativo do edifício. Trata-se de um tubo que percorre diagonalmente a fachada em movimento de ascendente, e sua cor vermelha na base identifica o serviço de circulação. Na mesma fachada, um volume vermelho no alto do edifício demarca a caixa dos elevadores. Já a fachada oposta, na Rua Renard, refere-se a uma fachada mais técnica, pois há grande concentração de tubulações coloridas.

Figura 31 – Elevadores e “língua” na cor vermelha



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Apesar do Centre Pompidou ser um prédio bastante técnico e funcional, sem presença de uma ornamentação específica, pode-se dizer que alguns pequenos detalhes artísticos contribuem para o embelezamento e caráter atrativo dos espaços. Isto pode ser visto na sinalização do prédio através de luminosos coloridos que indicam os espaços, espelhos d'água nos dois pavimentos superiores ou ainda nas instalações temporárias das exposições.

Algo bastante interessante para ser citado neste aspecto plástico é o espelho d'água na Praça Stravinsky, sendo este uma belíssima obra de cores e formas. As dezesseis esculturas-chafarizes desenhadas pelos artistas Jean Tinguely e Niki de Saint Phalle se tratam de uma homenagem ao compositor Igor Stravinsky, sendo cada qual uma referência às composições do músico: L'Amour, Le Serpent, La Grenouille, entre outras. As esculturas pertencem aos acervos do Museu de Arte Moderna de Paris e são feitas de poliéster sobre uma estrutura metálica.

Figura 32 – Sinalização



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Figura 33 – Escultura-chafariz na Praça Stravinsky



FONTE: <http://www.cnac-gp.fr>

Por fim, pode-se afirmar que o contraste entre a estética industrial do Centre Pompidou e o seu entorno histórico enaltece o edifício como um espaço aberto ao novo pensamento e à descoberta, sendo estes requisitos fundamentais para um edifício envolvido com a questão cultural moderna e contemporânea.

4. 2 NACIONAL – SESC FÁBRICA DA POMPÉIA

Figura 34 – SESC Pompéia



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Figura 35 – SESC Pompéia



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

O SESC Fábrica da Pompéia é uma importante referência brasileira na questão de equipamentos de cultura e lazer. Localizado no oeste da cidade de São Paulo, mais especificadamente no fabril bairro Pompéia, o projeto da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi se destaca pela simplicidade e caráter popular. O projeto começou a ser desenvolvido em 1977, com a colaboração de Marcelo Carvalho Ferraz e André Vainer. Trata-se da restauração e recuperação de uma antiga fábrica de tambores, complementada pela inserção de novos edifícios, tudo com o objetivo de abrigar um centro cultural comunitário e esportivo do SESC, o qual já ofertava aos trabalhadores do comércio atividades no local em instalações provisórias. Em 1982 foi concluída a primeira parte do projeto, com a inauguração da fábrica reciclada, embora só em 1986 tenham sido finalizados os novos prédios que passariam a ser a área esportiva. Com área de 23.500 m² construídos, o projeto compreende biblioteca, sala de exposições, ambiente de estar, sala de vídeo, restaurante, choperia, café, teatro, laboratório fotográfico, oficinas, piscina coberta, miniginásio, quadras esportivas, lanchonete, vestiários, salas de luta, salas de dança e ateliês de cerâmica, gravura, tipografia, desenho, marcenaria, tapeçaria, música, além das dependências administrativas e de serviço.

Antes de Lina assumir o projeto do SESC Pompéia, a tarefa havia sido incumbida ao arquiteto Julio Neves, o qual propunha a demolição da antiga fábrica existente para que um novo prédio pudesse ser construído. Porém, a idéia foi descartada pelos diretores do SESC, e, influenciados pelo Ghirardelli Square nos Estados Unidos, imaginaram uma reciclagem para a antiga fábrica. Assim, Lina Bo Bardi foi convidada para realizar o projeto, sendo reconhecida por um trabalho semelhante de reciclagem que havia feito no Solar do Unhão em Salvador.

Contexto Histórico, Urbano e Social

O bairro Pompéia em São Paulo, onde se localiza o centro de cultura e lazer em questão, é caracterizado pela presença de casas geminadas, galpões e prédios industriais que começaram a surgir na área já no século XIX, sendo um importe representante do início da industrialização na cidade. O bairro possui traçado regular e, apesar de estar localizado no subúrbio da cidade, já foi atingido pela expansão do centro de São Paulo, contando com ruas movimentadas e características bastante urbanas.

O edifício adquirido pelo SESC em 1971 para abrigar sua respectiva programação era no passado uma fábrica de tambores da empresa alemã Mauser & Cia, passando a ser posteriormente uma fábrica de geladeiras. A antiga fábrica, a qual foi construída no final da década de 20, era um dos poucos marcos que restavam do período de expansão capitalista e industrial ocorridos no início do século XX em São Paulo, e por isso mesmo, Lina a considerou um documento histórico que deveria ser preservado.

Figura 36 – Fábrica de tambores



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Figura 37 – Configuração atual



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

O terreno no qual o SESC veio a ser implantado possui 16.500 m² e testada para quatro ruas: Rua Clélia, Rua Barão do Bananal, Rua Turiassú e Avenida Pompéia. Apesar de possuir quatro testadas, o terreno não ocupa a quadra toda, apresentando alguns recortes.

Na época de execução do projeto do SESC Pompéia, o contexto existente era de uma região desfavorecida na questão do lazer, e, paralelamente a isso, viviam no local vários trabalhadores e uma classe média mais baixa. Este cenário que une trabalhadores e necessidade de lazer entrou em perfeita harmonia com a idéia de implantação do centro em uma antiga fábrica, já que o conceito de lazer está diretamente relacionado com o tempo livre resultante da jornada de trabalho, sendo as indústrias e fábricas importantes ícones representativos do trabalho. Assim, optou-se por preservar a imagem de fábrica para subverter a dialética entre lazer e trabalho, já que este último torna-se agora aliado do prazer, e não o seu oposto.

Antes da intervenção de Lina, o SESC já atuava na antiga fábrica com algumas instalações improvisadas. Em uma das primeiras visitas ao local, a arquiteta descreve o ambiente de maneira inspiradora, retratando uma alegria que fez questão de manter em seu projeto:

“Na segunda vez que estive lá, um sábado, o ambiente era de um público alegre de crianças, mães, pais e anciãos que passavam de um pavilhão para o outro. Crianças corriam, jovens jogavam futebol debaixo da chuva que caía dos telhados rachados, rindo com os chutes da bola na água. As mães preparavam churrasquinhos e sanduíches na entrada da Rua Clélia; um teatrinho de bonecos funcionava perto da mesma, cheio de crianças. Pensei: Isto tudo deve continuar assim, com toda esta alegria.” (Lina Bo Bardi)

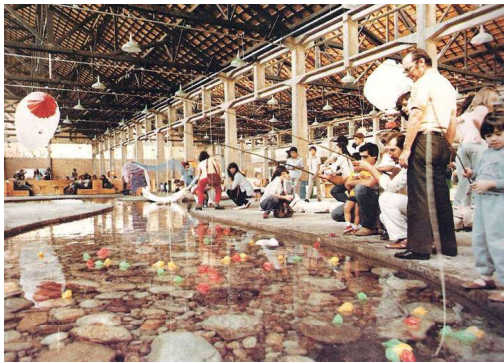
Apesar de o espaço parecer estar atendendo bem à necessidades de convívio, havia a necessidade de adaptação do local a fim de que toda a programação do SESC fosse inserida nos padrões desejados, já que as instalações em vigor até então não eram lá as mais adequadas. Evidentemente, o local possuía um forte potencial para um centro de lazer, tanto pelo grande número de usuários que já procuravam pelos serviços ofertados como pelo interesse de preservar a fábrica como documento histórico.

Conceito e Proposta

Segundo Lina Bo Bardi, o desenho da arquitetura do SESC Pompéia partiu do desejo de construir uma outra realidade, sendo necessárias não muitas intervenções para alcançar este grande objetivo. Analisando o conjunto em estudo, fica evidente que a arquiteta buscou ao máximo a simplicidade e humildade para oferecer à comunidade uma “pequena alegria numa triste cidade”. Para a arquiteta, “o SESC é uma homenagem à gente comum, aos esquecidos, aos ‘feios’ contra um mundo que castiga o fracasso”.

Foram os pequenos detalhes que fizeram do SESC Pompéia um centro rico em cultura popular, tornando o espaço íntimo e digno de apropriação por parte dos usuários. Aparentemente marginais em relação ao todo, foram os detalhes que deram “forma” à arquitetura. Lina focou bastante o projeto na questão da preservação da cultura, evocando através de detalhes da arquitetura o imaginário criativo popular e simbólico que caracteriza o povo brasileiro, evitando assim que a comunidade local perca sua identidade devido ao processo de globalização cultural. Isso demonstra bases conceituais distintas da tradição modernista, onde se propunha um modelo universal livre de ornamentação expressiva. Como exemplo de detalhes utilizados no projeto, pode ser citado o “rio São Francisco” que invade a antiga fábrica, os mandacarús vermelhos que servem de grade de proteção e os móveis de caixotes de madeira. Através destes e outros artifícios, a arquiteta conseguiu a magia de manter o espírito festivo que preenchia o ambiente de quando as pessoas freqüentavam os galpões ainda deteriorados.

Figura 38 – “Rio São Francisco”



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Figura 39 – Mandacaru



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Lina demonstrou imensa maturidade no projeto do SESC Pompéia, pois além de atender a todas as necessidades programáticas, fez questão de se preocupar com a paisagem urbana, considerando questões estéticas e patrimoniais. Além de preservar as características originais da fábrica, incluiu no terreno novos edifícios que agregaram valor contemporâneo ao conjunto.

A arquitetura da antiga fábrica - distribuição racional dos galpões, paredes de tijolos a vista, estrutura em concreto, cobertura em *sheds* e tesouras em madeira – foi mantida tanto por já apresentar as características exigidas pelo novo programa quanto por remeter à dialética entre trabalho e lazer devido ao seu caráter industrial. De forma geral, Lina propôs nos galpões da fábrica atividades de cunho mais intelectual e cultural, como ateliês, teatro e biblioteca, além de refeitório e algumas áreas administrativas, já que o espaço existente era mais apropriado para tal.

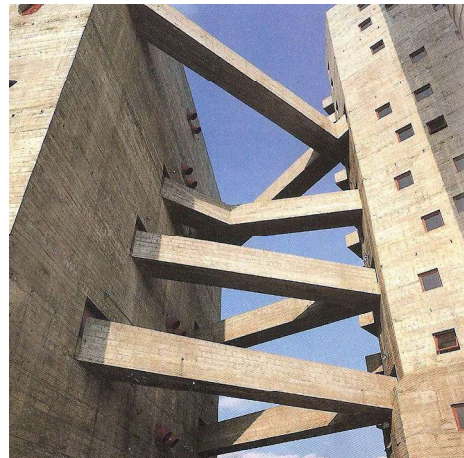
Devido à necessidade de espaços mais amplos e com grandes vãos para as práticas esportivas, optou-se por construir novos edifícios para abrigar estas atividades, já que a arquitetura da antiga fábrica não era adequada para este fim. Porém, uma galeria subterrânea de águas pluviais – o córrego das Águas Pretas – que ocupa o fundo da área da Fábrica da Pompéia transformou quase que todo o espaço livre do terreno em área não edificável, dividindo a área livre restante em duas pequenas porções e limitando a ocupação do terreno pelos novos edifícios. Apesar deste cenário problemático, Lina transformou a dificuldade em potencial, propondo dois edifícios verticais separados pelo córrego, um em cada porção do terreno, interligando ambos por passarelas flutuantes. Os dois prédios foram projetados para abrigar a área esportiva, compreendendo quadras poliesportivas, piscina, salas de ginásticas, salas de luta, vestiário e demais instalações de apoio e serviço.

Figura 40 – Novos edifícios



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Figura 41 – Passarelas



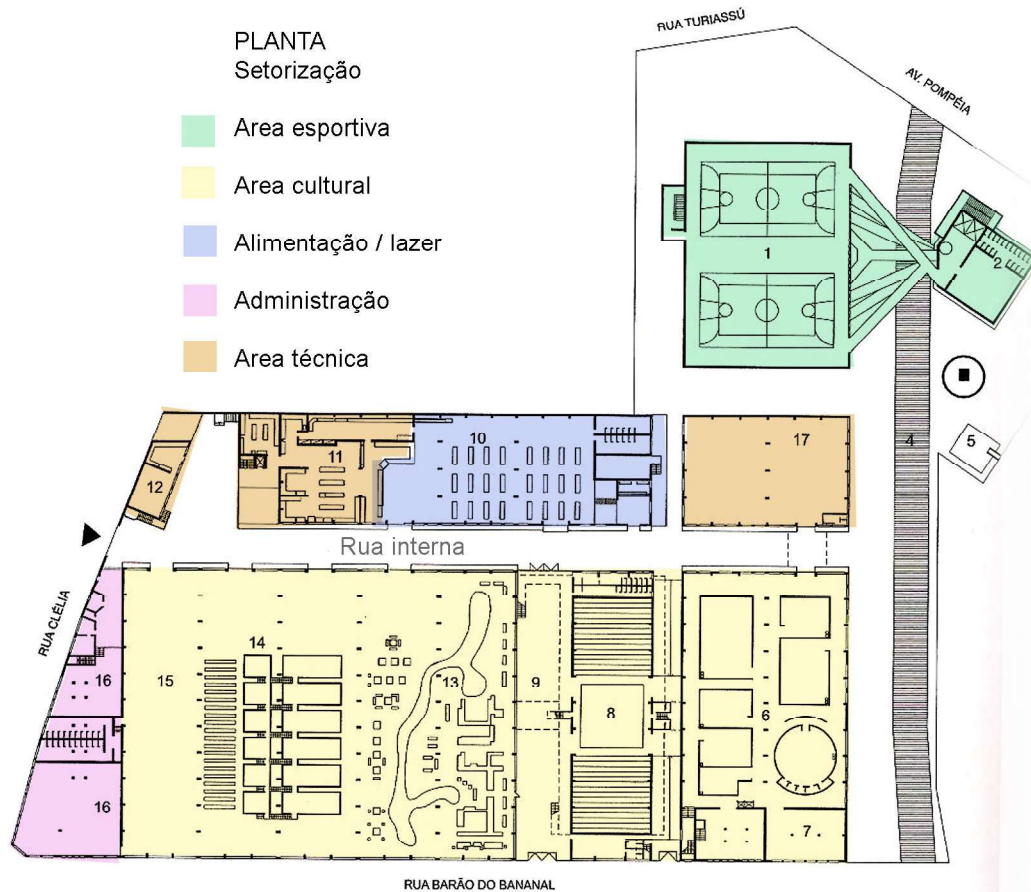
FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Além dos dois novos edifícios, um terceiro importante e novo volume deve ser citado: o reservatório da água. Apesar de sua função, a construção cilíndrica de concreto faz referência às chaminés das fábricas, representando o caráter industrial do bairro. É o ponto mais alto do projeto e pretende “reconstruir” a original chaminé da Fábrica da Pompéia, a qual foi mandada demolir no processo de intervenção do arquiteto Júlio Neves.

Sobre a área não edificável, Lina propôs a criação de um grande *deck* em madeira que se prolonga linearmente pelo “terreno proibido”, encontrando em seu ponto final uma cachoeira. Esta área do projeto é popularmente conhecida com “praia”, já que muitos paulistanos vão ao local para se refrescar e se expor ao sol.

Aspectos Funcionais

Figura 42 – Planta do SESC Pompéia



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Figura 43 – Corte da fábrica e blocos esportivos ao fundo



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Como retratado anteriormente, pode-se dizer que conjunto do SESC Pompéia é dividido em basicamente duas partes: a antiga fábrica que abriga de modo geral as atividades de cunho cultural e social e os novos edifícios que abrigam as atividades esportivas.

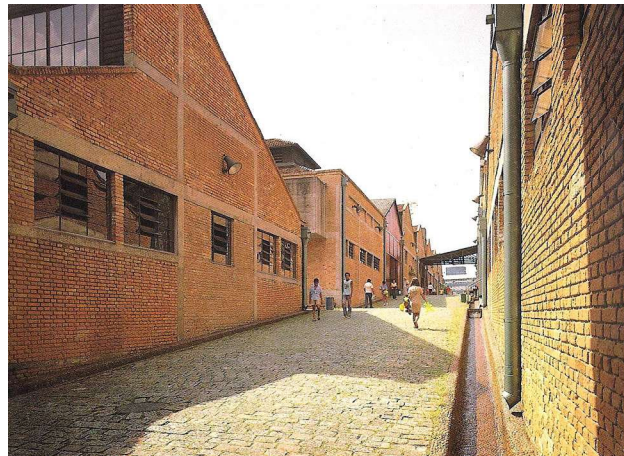
O acesso principal ao complexo ocorre pela Rua Clélia e é marcado por um portal de entrada, encontrando-se em seguida uma “rua interna” de paralelepípedo. Esta rua provém da configuração de implantação da antiga fábrica, sendo um corredor central que dá acesso aos diversos pavilhões que a ladeiam. Esta rua se estende até os fundos do terreno, mais especificamente até o *deck* de madeira, e possibilita um passeio pela arquitetura. Durante este passeio, algumas sutilezas são encontradas, como a marquise que demarca o acesso ao restaurante, as fachadas contínuas e variadas, assim como as canaletas laterais para a água feitas com seixo rolado.

Figura 44 – Entrada



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Figura 44 – Rua Interna



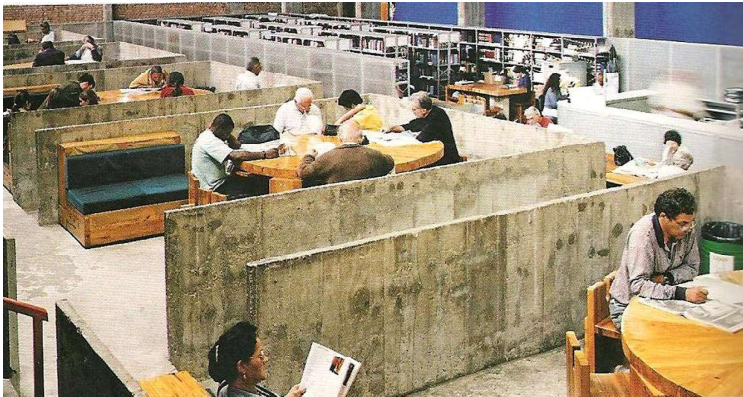
FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Percorrendo a rua central é possível ingressar em diversos pavilhões reciclados da fábrica, os quais sofreram algumas intervenções discretas para serem adaptados ao novo uso. Lina procurou criar nos pavilhões espaços bastante livres e integrados, e aproveitou em grande parte os *sheds* já existentes como alternativa de iluminação natural. Encontra-se logo na entrada, à direita, a área administrativa. Em seguida, é possível acessar uma grande área livre, o qual se trata de um espaço multiuso que abriga área de exposições, biblioteca e sala de estar. A biblioteca separa de maneira sutil a sala de estar da área de exposições por se tratar de um volume em concreto inserido no grande pavilhão livre. As mesas de leitura e o acervo estão entre paredes baixas, permitindo garantindo assim intimidade na amplidão do espaço multiuso.

A sala de estar é caracterizada pelo aspecto de convívio social. Trata-se de uma grande praça de lazer aberta ao povo. Lina libera o interior do edifício de modo a obter um único e amplo espaço de convivência para compô-lo com elementos básicos e transitórios

como a água, a luz e o fogo. Há um grande espelho d'água representando o Rio São Francisco, uma lareira como maneira de criar um espaço de lar intimista e a luz que penetra dos *sheds*. Juntamente a estes elementos, o local é composto por vários nichos de sofás, poltronas e mesinhas, todos em madeira e um *design* bastante simples e popular, propiciando assim um local de descanso e interatividade com as pessoas.

Figura 45 – Biblioteca



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

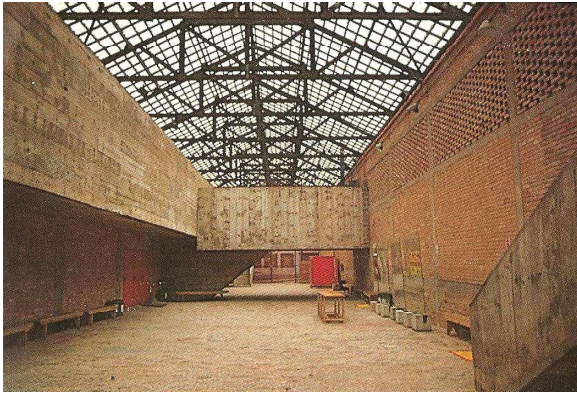
Figura 46 – Sala de Estar



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Em um espaço vizinho do espaço multiuso há o *foyer* do teatro. Trata-se de um local entre dois pavilhões que foi coberto com telhas de vidro, criando assim um grande *hall* coberto que integra duas partes segregadas da antiga fábrica. Ao lado do *foyer*, e ainda à direita de quem passeia pela rua interna, encontra-se o teatro com capacidade para 760 pessoas. Trata-se do galpão mais alterado do original, pois vários elementos foram acrescentados em seu interior. Envolto por uma caixa retangular, Lina procura dar ao teatro características dos teatros de arena, apresentando duas platéias voltadas para o palco em sentidos opostos no sentido de proporcionar envolvimento. Porém, percebe-se que esta configuração longitudinal resulta em problemas que vão de apropriação cênica, já que algumas apresentações exigem instalações que ficam comprometidas pela ausência de fundo de palco. Outro problema presente no teatro é a acústica, já há falta de materiais absorventes no espaço. A busca pela rudeza e simplicidade do projeto limitou o tipo e variedade dos materiais utilizados, favorecendo a estética em detrimento da funcionalidade. Para os balcões, dois volumes em balanço tiveram que ser criados, assim como a introdução de escadas para acesso a estes. Não existem poltronas estofadas no teatro, mas sim cadeiras simples feitas de madeira devido à tentativa de criar um espaço de participação e envolvimento, de modo que o espectador não ficasse apenas sentado. Isso porque, nos teatros greco-romanos e nos da Idade Média não havia conforto, gerando platéias bastante dinâmicas, com as pessoas andando, ao ar livre, sem que fossem meros consumidores como na sociedade atual.

Figura 47 – Foyer do teatro



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Figura 48 – Teatro



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

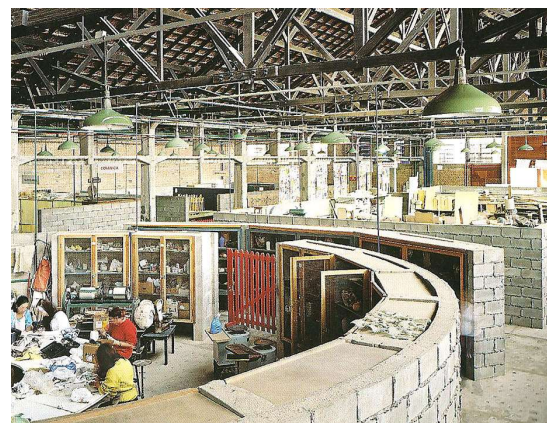
Em um outro galpão ao lado do teatro pode ser encontrada uma área onde existem ateliês de atividades manuais, assim com demais atividades de cunho artístico. Trata-se de um espaço com circulação totalmente fluida, com células conjugadas com paredes de meia altura que delimitam, sem dividir, as diferentes atividades ali realizadas: cerâmica, gravura, tipografia, desenho, marcenaria e tapeçaria. Segunda Lina, podem ser chamados de “muros-labirintos”, sendo isto uma clara referência aos edifícios de “clareza labiríntica” do arquiteto Aldo Van Eyck. Sem dúvida, esta configuração dos ateliês reforça mais ainda os conceitos de convivência e trocas de experiência. Além disso, há duas salas no final do galpão, sendo uma delas um laboratório fotográfico e a outra uma sala para música.

Figura 49 – Vista geral dos ateliês



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Figura 50 – Ateliê de Cerâmica



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Já do lado esquerdo da rua interna, há primeiramente uma área de serviço, a qual se encontra recuada em um pequeno pátio e abriga as dependências dos funcionários (vestiários, copa), além de estar ligada aos fundos da cozinha do restaurante. Logo em seguida, no pavilhão seguinte da antiga fábrica, o usuário se depara com a entrada do

restaurante, demarcada por uma marquise que a interliga ao espaço multiuso do outro lado da “rua”. O restaurante é amplo, apresentando também um singelo mobiliário em madeira. Mais uma vez a idéia de integração dos espaços está presente, já que se separa a cozinha do restaurante através de um vidro que permite a continuidade visual. A cozinha é bastante funcional, apresentando um ciclo coerente de armazenamento, preparo dos alimentos e higienização, além de estar dimensionada de maneira adequada à capacidade do restaurante. O restaurante atende o público em geral, oferecendo um cardápio balanceado e de qualidade a um preço bastante acessível.

Figura 51 – Restaurante



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

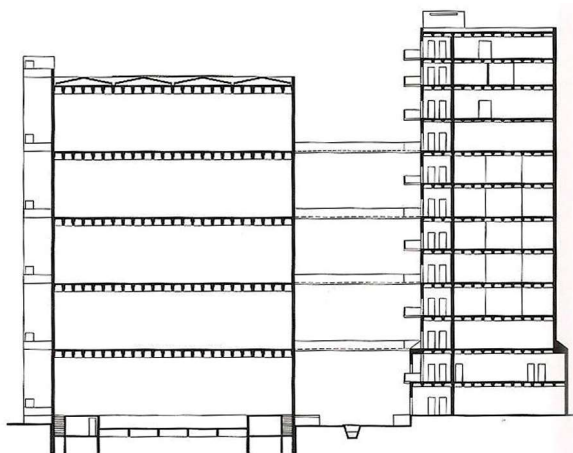
Figura 52 – Cozinha



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

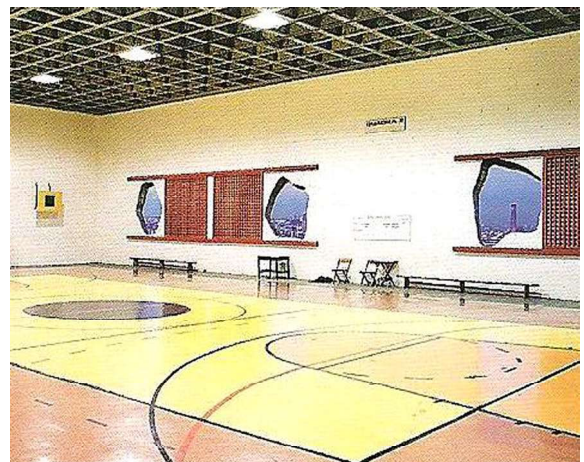
Juntamente às instalações contidas na antiga fábrica e já descritas anteriormente, um novo conjunto de prédios integra o complexo do SESC, compondo a área esportiva. Trata-se de três volumes robustos em concreto, sendo que dois deles são interligados por quatro passarelas dispostas de maneira dinâmica.

Figura 53 – Corte dos blocos esportivos



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Figura 54 – Quadra Esportiva

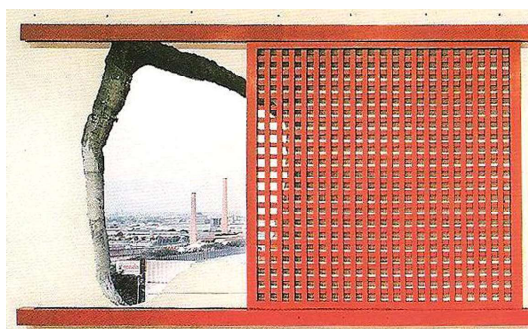


FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

O primeiro deles abriga a piscina e as quadras esportivas, sendo um prisma retangular de cinco pavimentos de pé direito duplo. Cada pavimento é dotado de planta livre de 30m x 40m, sendo importante salientar que as dimensões das quadras e piscina não são oficiais, já que se pretendeu focar o esporte no aspecto da convivência social e bem-estar físico, e não como prática competitiva. Neste bloco não há banheiros, vestiários e nem mesmo circulação vertical: é uma “caixa absolutamente vazia”. Para se deslocar de um pavimento ao outro, é necessário ir até o outro edifício lateral pelas passarelas, e assim, transpor os pavimentos pelas escadas e elevadores do outro bloco. Também não existem arquibancadas, já que o esporte não é concebido no local como espetáculo.

Optou-se por inserir a piscina aquecida no primeiro pavimento deste edifício, já que se trata de um equipamento bastante pesado para estar em andares superiores devido à carga gerada pela água. É totalmente murado, com o mínimo contato com o exterior, apresentando apenas uma porta de acesso. A inserção da piscina em um ambiente interno e no primeiro pavimento impediu o aproveitamento da luz solar através de aberturas zenitais para o aquecimento da piscina, o que poderia gerar uma grande economia de energia. Já no pavimento acima da piscina está um ginásio, enquanto que os outros três abrigam duas quadras poliesportivas cada um, num total de seis quadras. Os quatro pavimentos superiores possuem ventilação natural e permanente através de “buracos” nas paredes, podendo-se dizer que estes elementos são a marca registrada da arquitetura de Lina. Apesar de parecerem pequenos por quem vê de fora, estas aberturas apresentam grandes dimensões, sendo até mesmo maiores que uma pessoa de estatura mediana, proporcionando assim um ambiente bastante arejado, embora protegido das intempéries do exterior. Para segurança, estes vão possuem uma espécie de grade em trilhos, passível de ser aberta.

Figura 55 – Aberturas do bloco esportivo



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Em frente a este bloco das quadras e piscinas, do outro lado do córrego Águas Pretas, um outro edifício em concreto aparente foi inserido do complexo. Trata-se de um edifício longilíneo, sendo uma “torre de serviços” do setor esportivo, abrigando em cada um

dos doze pavimentos uma função diferente: vestiários, salas de atendimento médico e odontológico, salas de ginástica, dança, luta e outras atividades físicas, sendo que no último pavimento há uma lanchonete. Paralelamente a tudo isto, há como opção de circulação vertical dois elevadores, uma escada metálica helicoidal vermelha interna e uma escada de emergência externa que gera varandas em uma das esquinas do edifício. Estas circulações servem tanto para este edifício como para o vizinho das quadras e piscina, uma vez que neste último não é possível transpor os pavimentos sem passar necessariamente pela “torre de serviço”.

O terceiro volume a ser tratado é o reservatório d'água, que apesar de não abrigar atividades para os usuários, é um importante marco do complexo por fazer referência a uma chaminé.

O *deck* em madeira que se estende sobre o córrego garante a ligação entre a antiga fábrica e os novos edifícios, já que garante a continuidade da rua interna de paralelepípedo até o setor esportivo, demarcando um caminho e contribuindo para a relação entre edifícios de características e história bastante diferenciadas. O *deck* é comumente utilizado pelas pessoas para tomar sol.

Aspectos Técnicos e Construtivos

A estrutura da antiga fábrica foi pouco alterada para abrigar as novas funções. As áreas dos pavilhões foram liberadas com a retirada de divisórias e paredes que impediam a fluidez dos espaços, gerando assim uma planta bastante livre, apenas com a presença de alguns pilares em concreto. A vedação do edifício é em alvenaria de tijolos, e assim permaneceu com a reciclagem. Grandes tesouras em madeira sustentam a cobertura de telhas de barro, esta também marcada pela presença dos *sheds* que foram mantidos e valorizados como forma de trazer a luz natural aos ambientes. Na parte do teatro, houve necessidade de reforçar a estrutura de concreto através da inserção dos balcões longitudinais do mesmo material. O foyer, por se tratar de um novo espaço criado entre dois pavilhões, apresenta materiais novos, apresentando tesouras em madeira, telhas de vidro e fechamento em treliça. Sua cobertura é em duas águas, criando uma harmonia com o restante do conjunto, embora o espaço seja facilmente percebido como uma nova intervenção, afastando a idéia de cópia ou reprodução de algo já existente.

Já os edifícios do setor esportivo apresentam características estruturais e técnicas bastante distintas das existentes na antiga fábrica. Segundo Lina, a base do projeto do setor esportivo do SESC Pompéia era utilizar o “máximo da técnica contemporânea, permanecendo fiel aos princípios de austeridade e simplicidade para o maior bem-estar do povo”. Isso é visto na obtenção dos grandes vãos das quadras esportivas, por exemplo, onde se consegue através da tecnologia uma planta de 30m x 40m sem apoios através das lajes

em grelha protendida em duas direções. No outro prédio e nas passarelas também foi utilizado o concreto protendido, o qual não levou revestimento algum, contribuindo assim para uma boa solução estrutural aliada à estética de simplicidade e rusticidade que se buscava.

Na fundação dos edifícios do setor esportivo foram utilizados paredes-diafragma¹ e barretes. No escoramento, utilizou-se o sistema de estrutura tubular metálica. A estrutura destes prédios não é convencional, uma vez que os pilares são as paredes do prédio, ou seja, os pilares são uma estrutura contínua que formam a casca do prédio. Por isso, a fundação segue a mesma disposição da estrutura, apenas contando com paredes mais espessas, que são no caso de 60 centímetros. Esta alternativa gerou barateamento do custo da obra, uma vez que todas as paredes repousam sobre a fundação, além de terem permitido a escavação da piscina pela ausência de pilares como obstáculos no meio da planta.

A torre do reservatório d'água é composta por 56 anéis de concreto empilhados, apresentando 1 metro de altura cada um. Para obter esta forma e sucessão dos anéis, foi utilizada uma fôrma de compensado de madeira que permitia com que o concreto “escorresse” para baixo, a fim de criar uma textura de anéis na torre. Mais uma vez, a opção pelo rústico e “mal acabado” esteve presente.

O *deck* de madeira possui 800m² de superfície, apoiando-se em uma estrutura metálica e protegendo o córrego, embora o mesmo tenha sido canalizado com o advento do projeto.

Aspectos plásticos

Apesar da antiga fábrica e os novos edifícios do setor esportivo apresentarem linguagens arquitetônicas diferentes, é possível estabelecer entre as duas partes traços em comum, principalmente na questão da simplicidade estética, evocando a lado artesanal e detalhista. É possível observar isso principalmente no uso dos materiais, uma vez que se pretende mostrar os materiais das estruturas e vedações em sua originalidade, evitando revestimentos para acabamento.

Enquanto o antigo prédio se apresenta como nas tradicionais fábricas da primeira metade do século XX, com a cobertura em *sheds* e uma planta mais horizontal, os novos edifícios trazem à tona uma arquitetura mais recente, modesta no trato dos materiais, mas muito expressiva na sua volumetria. Os novos edifícios marcam a verticalidade do complexo, sendo o reservatório d'água o ponto mais alto, servindo como elemento espacial de referência no bairro.

¹ Parede-diafragma: A parede diafragma moldada é um elemento de fundação ou contenção moldada no solo, realizando no subsolo um muro vertical de concreto armado cuja espessura pode variar entre 30 cm e 120 cm e profundidade de até 50 metros.

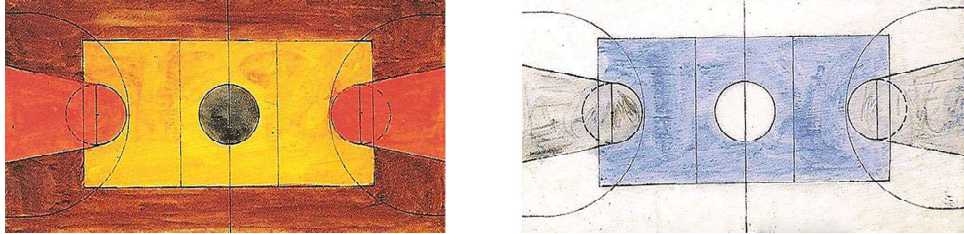
Os dois edifícios que abrigam as atividades esportivas são isolados pelo córrego, mas mantêm-se atados pelas passarelas que formam um zigue-zague, e, segundo a poética de Lina, este contexto pode ser tratado como “um abraço” entre os dois prédios. Os dois edifícios são em concreto aparente, sendo mais esbelto o que abriga as áreas de serviço e salas, e mais baixo e robusto o outro que abriga as quadras e piscina. O edifício mais baixo desperta a atenção de quem vê de fora devido às suas aberturas que se assemelham a “buracos na caverna” pelo seu recorte irregular na parede. Apesar desta irregularidade, as aberturas são dispostas de maneira bastante simétrica nas faces do prédio, como se estivessem sobrepostas a uma malha reticulada. Já as aberturas do edifício vizinho apresentam a forma de um quadrado, sendo regulares na forma e totalmente desordenadas na posição que ocupam nas fachadas. Portanto, nota-se um contraposto nas aberturas: de um lado, aberturas irregulares dispostas ordenadamente, e de outro, aberturas regulares dispostas aleatoriamente. É como se um edifício completasse o outro, seja na sua função como na questão estética, sendo as passarelas as responsáveis por costurar e unir estas diferenças na busca de um todo.

Em uma escala menor, é visível a preocupação de Lina com os detalhes plásticos do complexo, os quais muitas vezes evocam o imaginário popular e permitem ao usuário a apropriação do espaço devido ao seu caráter intimista, manifestando a cultura do povo brasileiro. Há uma série de licenças poéticas que invadem o SESC Pompéia, já que Lina fez questão de se preocupar com aspectos que vão desde o uniforme dos funcionários até o desenho nas cerâmicas que compõem a piscina. Há vários estudos de Lina em aquarelas que propunham detalhes, sendo a maioria deles realizados, como o riacho São Francisco que percorre e a lareira no o espaço multiuso, as gárgulas de água na área externa que refrescam o povo nos dias de calor, as canaletas pluviais de seixo rolado, os detalhes no piso de concreto através de pedrinhas incrustadas, os móveis feitos com caixotes de madeira, os mandacarus do Nordeste em ferro como proteção na junção das passarelas, as bandeirolas coloridas penduradas pelo restaurante, as cores rosa-dourado para o vestiário das meninas e azul-prateado para os meninos, entre outros. Um elemento bastante presente na arquitetura de Lina e digno de comentário é a água. Lina a manteve no seu projeto do SESC Pompéia através do espelho d'água que representa o Rio São Francisco, assim como nas gárgulas que escorrem a água.

Nas quadras esportivas, as cores foram utilizadas como forma de proporcionar identidade a cada pavimento. Cada andar foi denominado com uma estação do ano, havendo o pavimento que abriga as quadras verão, o que contém as quadras inverno, o que abriga as quadras outono e também o que contém as quadras primavera. Isto porque cada quadra recebeu cores características da estação correspondente. No pavimento “inverno”, por exemplo, as quadras esportivas foram pintadas de cores frias como o azul e o cinza,

enquanto que as “verão” receberam o vermelho e o amarelo. Estes detalhes demonstram mais uma vez a vontade de fazer arte do que qualquer outra medida do esporte oficial.

Figura 56 – Tratamento estético das quadras esportivas



FONTE: OLIVEIRA, Olívia (2006)

Lina propôs também alguns detalhes que não foram executados, como o tratamento artístico das paredes da piscina e da lanchonete. Porém, pode-se dizer que os detalhes existentes já foram suficientes para demonstrar a rica cultura do povo brasileiro, principalmente da classe operariada, fortalecendo a sua identidade em detrimento dos padrões estéticos universais impostos nas sociedades capitalistas, estes responsáveis por dissolver a cultura local. Sem dúvida, o SESC Pompéia propicia através dos seus detalhes uma relação intimista entre a arquitetura e o usuário, contribuindo para a apropriação do espaço por parte da comunidade.

4.3 MUNICIPAL – PAÇO CULTURAL SESC

Figura 57 - Paço Cultural SESC



FONTE: fotografia da autora

Figura 58 – Torre do Paço Cultural SESC



FONTE: fotografia da autora

Como o projeto proposto no TFG será localizado em Curitiba, torna-se oportuno estudar algum exemplo de espaço semelhante na mesma cidade a fim de que se tenha um panorama de como as atividades culturais e de lazer são ofertadas à população. O novo Paço Cultural SESC, com previsão de inauguração em Agosto de 2008, foi o caso escolhido para análise, pois se trata de um projeto que terá grande influência na vida cultural curitibana. Ao contrário das demais sedes do SESC na cidade, este novo projeto pretende se dedicar exclusivamente às atividades culturais, não possuindo espaços voltados ao esporte, à expressão corporal ou atendimento médico e odontológico.

O espaço consiste na reciclagem² do antigo Paço Municipal localizado no centro da cidade, mais especificamente na Praça Generoso Marques, e visa adequar as instalações do prédio às novas funções. O edifício construído em 1916 para abrigar a prefeitura de Curitiba é considerado por muitos o mais importante e belo monumento histórico da cidade, embora o desgaste do tempo tenha exigido urgente e total revitalização. O SESC Paraná assumiu a responsabilidade pelo restauro do edifício e será o responsável pela programação cultural, embora o gerenciamento do espaço seja compartilhado com a Fundação Cultural de Curitiba. Juntamente com o IPPUC, o arquiteto Abrão Assad foi o responsável pelo projeto do novo SESC Cultural.

O edifício terá ambiente para exibição audiovisual, salão multiuso, camarim, sala de leitura, salas de aula de arte e oficinas pedagógicas, salão de exposição, estúdio de gravação, livraria, loja, internet, café, entre outros. No novo espaço haverá oportunidade para o aperfeiçoamento de artistas paranaenses e para o público ampliar o contato com as diversas manifestações culturais e artísticas locais, nacionais e internacionais.

O centro cultural escolhido para estudo se trata de um projeto de reciclagem de algo preexistente, ao contrário do projeto proposto para o TFG, que surgirá do “inexistente”. Apesar dessa diferença, muito do que foi aplicado no projeto do Paço Cultural SESC poderá servir de referência para a elaboração da proposta do TFG, principalmente na questão do programa e atividades ofertadas, bem como na relação entre dimensionamento de espaços x público.

Contexto Histórico, Urbano e Social

O Antigo Paço Municipal tem dupla frente para as praças Generoso Marques e Borges de Macedo, sendo estas importantes referências no centro da cidade de Curitiba. O seu entorno é caracterizado pelas primeiras construções existentes na cidade, possuindo um alto

² Reutilização de espaços existentes que perderam sua função original.

valor histórico. Nas suas proximidades é possível notar áreas importantes como a Praça Tiradentes e a Rua Riachuelo.

Figura 59 – Foto aérea do local



FONTE: Google Earth

Figura 60 – Praça Generoso Marques



FONTE: www.curitiba.pr.gov.br

O prédio com características *art-nouveau* foi construído em 1916 no local do antigo Mercado Público devido às intenções da prefeitura de ali implantar a sua sede, com o projeto do engenheiro Cândido de Abreu. A medida revitalizou a área até então barulhenta e imunda. Antigas casas coloniais foram demolidas para dar lugar a modernos sobrados segundo o gosto e estilo arquitetônico da época, compondo um conjunto relativamente harmônico junto aos sobrados mais antigos (LYRA, 1994).

O Paço Municipal é um patrimônio tombado que já abrigou vários usos. Sediou a prefeitura de Curitiba até 1969, quando esta foi transferida para a nova e moderna sede no Centro Cívico. Em 1970, após ter abrigado temporariamente o Projeto Rondon, o prédio teve sua restauração iniciada, interrompida em 1971 e retomada em meados do ano seguinte, após reformulação do projeto pelo arquiteto Cyro Côrrea Lyra, o qual, juntamente com o arquiteto Abraão Assad, levou a termo sua execução. Em 16 de janeiro de 1974, o Museu Paranaense inaugurou sua nova sede no local do Paço Municipal, permanecendo instalado no local até 2002. Desde então, o antigo Paço Municipal permaneceu fechado, sendo alvo de vandalismos e invasões. Com esta precária situação, a prefeitura viu-se obrigada a encontrar medidas de revitalização do espaço, fazendo a então parceria com o SESC.

Atualmente, a região onde se localiza o Antigo Paço Municipal é denominada Largo da Ordem, e desde então vem sofrendo algumas modificações. A área para pedestres foi ampliada com o fechamento de algumas ruas e realização de amplos calçadões. A área é caracterizada pelo comércio popular, o qual envolve principalmente, armarinhos, lojas de roupas e lanchonetes. O comércio se dá nas antigas construções do início do século XX, algumas estando em bom estado de preservação e outras nem tanto, e são todas

consideradas entorno de bem tombado, exigindo uma atenção maior quanto ao seu estado de preservação. Entre o Paço e a Praça Tirandentes se encontra a Arcadas do Pelourinho, que no caso atua com um comércio de flores e sua presença é bastante criticada por “esconder”, juntamente com as árvores do local, a presença e o brilho do Paço Municipal.

A reciclagem e restauro do antigo paço Municipal é uma tentativa de revitalização daquela área do Centro, a qual se encontra em declínio por diversos motivos: comércio demasiadamente popular, queda no número de moradores, marginalidade, abandono, entre outros. A localização privilegiada, no coração da cidade, deve ser aproveitada e valorizada através de instrumentos que valorizem a área e eliminem os problemas. Por isso, o projeto do SESC pretende aliar uma boa programação cultural à revitalização do edifício e seu entorno, transformando assim o local na “sala de visitas” da cidade.

Conceito e Proposta

Tendo em vista a importância arquitetônica e histórica do antigo Paço Municipal, a equipe do projeto do SESC Cultural optou por manter as características originais do edifício, sugerindo algumas pequenas intervenções para adaptar o prédio ao novo programa. Dois processos ocorrem paralelamente no Paço: a reciclagem e o restauro. Trata-se de um grande desafio, dado o notável significado do edifício na sociedade e o fato do mesmo ser um patrimônio tombado.

No projeto, tomou-se grande cuidado na preservação dos espaços, embora novas propostas de recomposição tenham sido bem vindas a fim de tornar o projeto mais atraente. Segundo Abrão Assad, “a qualidade da reciclagem está no equilíbrio dos valores arquitetônicos originais diante dos novos elementos, necessários para atender ao novo programa.” Nesta tarefa, os componentes originais e os novos devem se apresentar com clareza e em perfeita harmonia.

Portanto, pretendeu-se alcançar a nova finalidade de centro cultural respeitando as características básicas da antiga construção, sem perder de vista a melhor utilização do seu belo acervo arquitetural. Um fator bastante benéfico é o fato de que os espaços originais do Paço Municipal se adaptam quase que totalmente ao novo uso do edifício, exigindo assim poucas modificações.

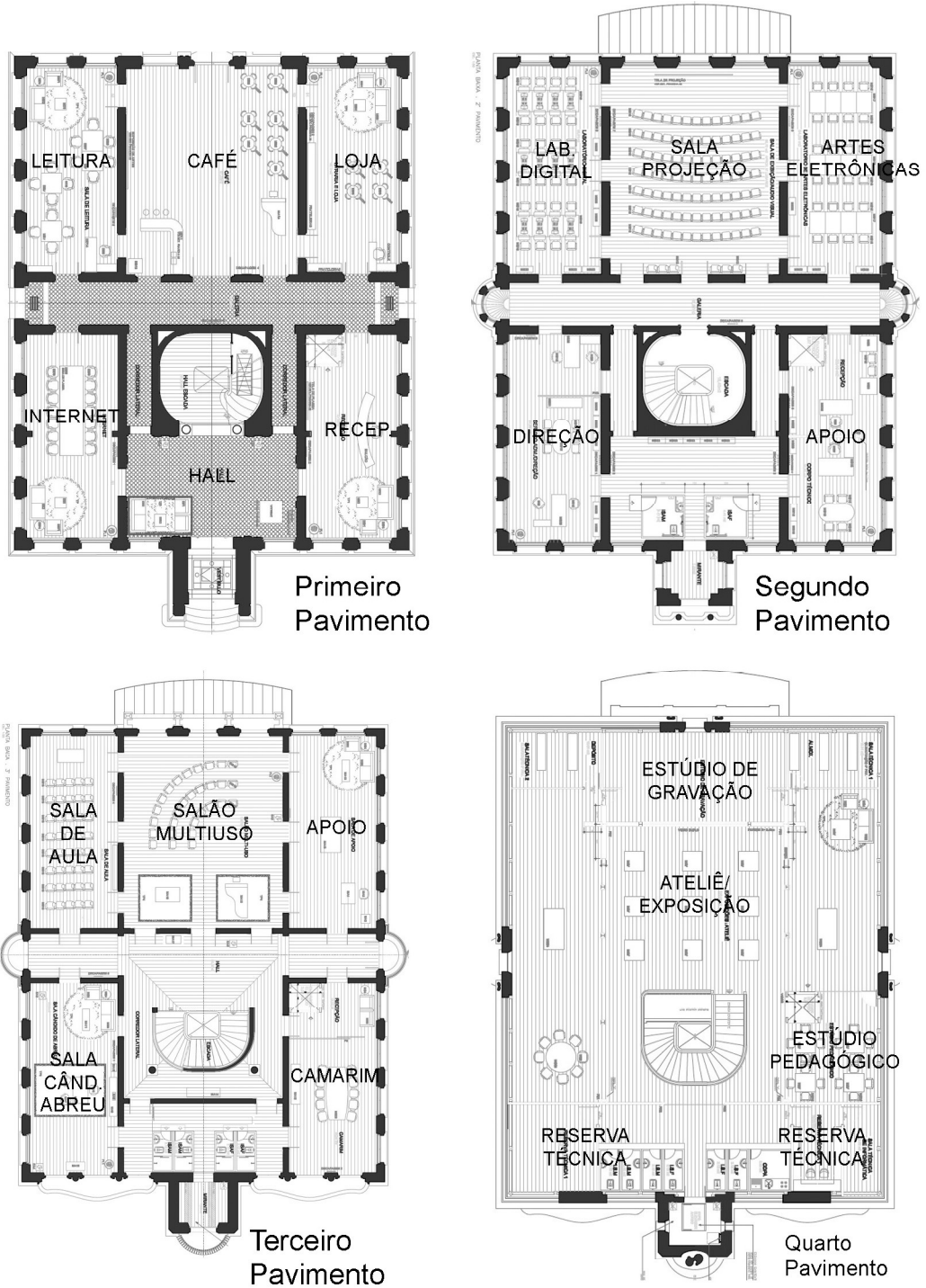
Para o projeto do SESC Cultural, alguns objetivos foram traçados: a intervenção deve realçar de forma clara e límpida os atributos arquitetônicos do edifício, todas as dependências deverão ser dotadas de acessibilidade e as atividades ofertadas deverão ser contínuas e de interesse coletivo.

Vale lembrar que não apenas o Paço Municipal vêm sofrendo melhorias, mas também o seu entorno através do projeto Marco Zero, o qual consiste em uma ação da prefeitura para revitalização do Centro de Curitiba.

Aspectos Funcionais

Para esta pesquisa, a análise funcional do edifício será feita apenas de acordo com o seu novo uso, embora as plantas do prédio tenham mantido quase que a mesma configuração de quando abrigavam o Museu Paranaense e a antiga prefeitura.

Figura 61 – Plantas Paço Cultural SESC



FONTE: acervo SESC

O edifício do antigo Paço Municipal apresenta quatro pavimentos, sendo que cada um deles abriga determinados ambientes em prol do novo uso de acordo com as suas peculiaridades. O edifício ocupa uma superfície retangular do terreno de aproximadamente 500m², e o projeto prevê quatro acessos, um em cada face do edifício. Os dois acessos principais ocorrem em faces opostas, um deles pela Praça Generoso Marques e o outro pela Praça Borges de Macedo. Este último acessa o hall principal, enquanto que aquele acessa o café e é demarcado por uma marquise metálica. Os outros dois acessos são secundários e levam o visitante a uma galeria-corredor, sendo que uma das entradas conta com uma plataforma elevatória para deficientes já que a base do edifício está em um nível mais alto que o da calçada.

A circulação vertical acontece por uma escultórica escada já existente e localizada quase que no miolo do edifício. Para garantir a acessibilidade de todos aos espaços, um elevador movido à energia elétrica foi inserido para transportar os visitantes e funcionários pelos pavimentos. O mesmo se encontra em um canto das salas que se repetem nos quatro andares, localizando-se próximo à escada.

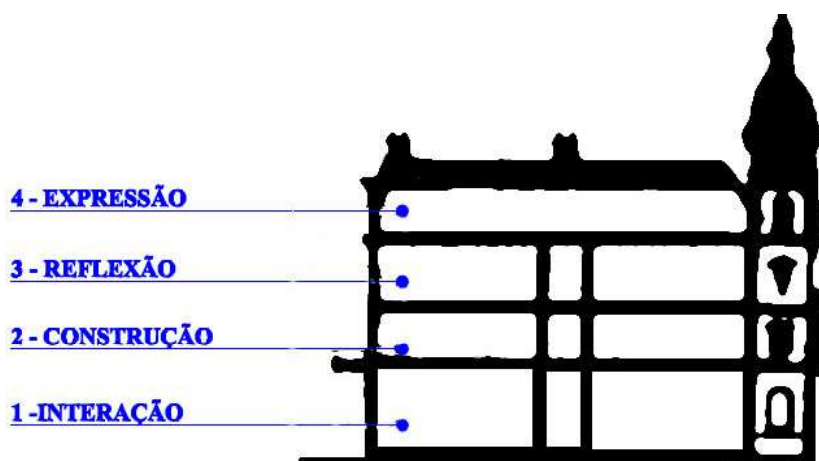
Cada pavimento apresenta uma configuração semelhante: em cada canto da planta há salas menores, enquanto que no centro se cruzam um grande espaço e um corredor-galeria, além da presença da escada. Esta configuração não é válida para o andar superior, uma vez que o mesmo apresenta uma planta bastante livre e sem separações. Para o Paço Cultural SESC, cada pavimento recebeu uma denominação dadas as características dos espaços que o mesmo contém.

Figura 62 – Escada



FONTE: acervo IPPUC

Figura 63 – Corte esquemático



FONTE: acervo SESC

O primeiro pavimento, por exemplo, tem como lema a palavra “interação”, já que conta com espaços que promovem o encontro e a convivência das pessoas. O principal e mais sofisticado salão do edifício foi destinado à instalação de um café, o qual se integra às duas

salas laterais de apoio que abrigam livreria, loja e sala de leitura. Estes espaços serão dotados de programações culturais e estão conectados à Praça Borges de Macedo, possibilitando o convívio de todos num animado ponto de encontro cultural. Do lado oposto há um *hall* de entrada, de onde parte a escada e as salas de internet e da recepção, esta última destinada a guarda-volumes, informações e monitoração do prédio, além de contar com o elevador que atende também aos demais pavimentos. O corredor central e os dois laterais funcionam como ante-sala de apoio aos eventos e galerias para exposições.

“Trabalho” é a palavra que define o segundo pavimento, já que abriga a área administrativa e espaços que contam com atividades de elaboração e divulgação da cultura através de meios áudios visuais. O salão central e maior se torna uma sala de projeção, e as duas salas laterais funcionam como laboratório digital e laboratório de artes eletrônicas. As duas salas voltadas para a Praça Generoso marques abrigam direção, administração, corpo técnico, arquivos e recepção. Além disso, instalações sanitárias com adaptações para deficientes são inseridas no pavimento através de dois volumes que lembram cubos, tornando evidente que aquele espaço não pertence à arquitetura original do prédio.

O terceiro pavimento tem como palavra-chave “reflexão”. Isso porque é destinado a uma sala de aula para aprendizagem e outra maior para apresentações, além de uma sala que reconstitui o gabinete de Cândido de Abreu, o prefeito que construiu e vivenciou o Paço Municipal. Esta sala poderá ser utilizada por autoridades em ocasiões especiais. O salão principal compreende um espaço multiuso para apresentações de artes cênicas e musicais tendo como suporte, salas de apoio e camarins em salas menores. As instalações sanitárias deste pavimento serão recuperadas, embora não adaptada a deficientes físicos.

“Expressão” define o quarto e último pavimento. Trata-se de uma planta com configuração diferente das demais, já que se optou por deixar um espaço é amplo, contínuo e bem iluminado por zenitais. Permite a instalação de um grande ateliê, estúdio pedagógico e de gravação, salas de reserva técnica, centrais de informática e de climatização, depósito, almoxarifado, copa e novas instalações sanitárias. Diferente da planta de quando o prédio abrigava o Museu Paranaense, o pavimento apresenta pouca compartimentação, existindo salas pequenas apenas para a parte mais técnica e de serviço, além dos estúdios de gravação e pedagógico. A área do ateliê é ampla e livre. Dentro da torre, o antigo elevador ficará estacionado e exposto para visitação pública. Trata-se do pavimento que mais sofreu intervenções na arquitetura original.

Na medida do possível, pode-se afirmar que a setorização dos pavimentos através de palavras-chave auxiliou na distribuição dos ambientes pelo edifício, impedindo que atividades desconexas se mantivessem próximas.

Aspectos Técnicos e Construtivos

O antigo Paço Municipal está construído sobre uma base de concreto e blocos de cantaria. É construído em alvenaria de tijolos nos três pavimentos, sendo que o último fica compreendido em uma cobertura de quatro águas. Segundo Lyra (1994), esta cobertura não é original, embora tenha sido reproduzida de acordo com o original na restauração destinada a abrigar o Museu Paranaense através de placas de fibrocimento levemente curvas. Para o Paço Cultural SESC, a aparência externa do telhado continuará a mesma, embora o quarto pavimento tenha a cobertura central totalmente remodelada com a adoção de uma linguagem mais refinada que propiciará maior amplitude espacial, iluminação zenital e proteção termo acústica, apesar dessa mudança ser vista apenas de dentro do edifício.

A nova estrutura da cobertura será em aço “cor-ten” e permite a redução de apoios intermediários, liberando ainda mais os espaços de exposições. Internamente, esta estrutura plana reticulada se identifica com o vigaamento do teto dos outros níveis da edificação. O forro entre as sancas do reticulado das vigas, será formado por painéis quadrados com pintura a óleo sobre tela, enquanto que as quatro faces laterais com inclinação de 45° serão de vidro laminado, neutro, PVB leitoso, com índice de proteção solar de 80%. Esta combinação de luz e sombra aliada ao sistema de climatização, propiciará bom nível de conforto ambiental.

Figura 64 – Antiga cobertura do Museu Paranaense



FONTE: acervo IPPUC

As paredes de alvenaria são interceptadas por esquadrias em ferro e madeira ao longo do edifício, embora muitas delas estejam sendo recuperadas da degradação. Antes do restauro para abrigar o SESC Cultural, muitas das paredes contavam com problemas de infiltração, além de a pintura original estar recoberta de várias demãos de tinta. O projeto do SESC pretende solucionar estes problemas, recuperando alguns dos aspectos construtivos originais do prédio.

Figuras 65 e 66 - Estado de degradação do edifício



FONTE: acervo IPPUC

Em relação ao conforto térmico dos espaços do nova sede do SESC, Abrão Asad afirma que “em função do clima curitibano e por se tratar de uma edificação tombada, extremamente ornamentada, com pouca margem para a acomodação das casas de máquinas e dutos, optou-se pela climatização apenas dos espaços que pela sua natureza e utilização, exijam este tratamento”. Os espaços que receberam este tipo de tratamento foram o café, a livraria e a sala de leitura no térreo; a sala Cândido de Abreu, a sala multiuso e as salas de apoio no terceiro pavimento; o ateliê, o estúdio pedagógico e o estúdio de gravação no quarto pavimento. A climatização destes espaços se justifica por serem espaços de maior concentração de pessoas e de iluminação mais intensa. Para a climatização destes ambientes, optou-se pela instalação de um sistema de ar condicionado por expansão direta, com a utilização de unidades condicionadoras do tipo “split”, para instalação com dutos.

Os sistemas de conforto ambiental utilizados no SESC cultural poderão servir como referência para o projeto arquitetônico a ser elaborado para o TFG, já que as atividades ofertadas nos espaços serão bastante semelhantes, exigindo diferentes tratamentos de clima e iluminação de acordo com a sua natureza.

Aspectos Plásticos

Por se tratar de um projeto de restauro e reciclagem, pode-se afirmar que a estética do novo SESC procura se aproximar o máximo possível do acervo arquitetônico original. Até mesmo alguns móveis serão adquiridos da prefeitura para compor os ambientes, sendo que alguns deles até pertenceram ao antigo Paço.

Trata-se de um prédio do período da arquitetura eclética³, com elementos *art nouveau*⁴ representados, sobretudo, pela marquise de ferro voltada para a Praça Tiradentes e pelo desenho das esquadrias de madeira e portas externas. O prédio é extremamente ornamentado. Dois Hércules sustentam as colunas da entrada do prédio e representam os

³ Modelo de arquitetura historicista, resultado da mistura de estilos diversos em uma única edificação: barroco, arte oriental, clássico, *art déco* e *art nouveau*. A arquitetura se torna bastante rebuscada.

⁴ Caracterizado por exuberância decorativa, formas ondulantes, contornos sinuosos e composição assimétrica.

poderes municipais – o Legislativo e o Executivo -, e o nicho existente logo acima encerra figura feminina que representa a cidade de Curitiba. Completa a ornamentação da torre escudo com as armas do município e cabeças de leão, símbolos de força. Em três faces da torre há relógios movidos eletricamente. Há em todas as fachadas sacadas semicirculares.

Figuras 67, 68 e 69 - Elementos *art nouveau* nas esquadrias



Fonte: acervo IPPUC

Internamente, a ornamentação também ganha força. Várias pinturas e afrescos são encontrados, assim como detalhes feitos em madeira. Infelizmente, muito da ornamentação foi degradada com o tempo, sendo necessário o restauro destes elementos e superfícies.

Figura 70 – Ornamentação do forro



FONTE: acervo IPPUC

4.4 EQUIPAMENTOS DA FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA

Como já citado em capítulos anteriores, o centro cultural proposto pretende ser um equipamento administrado pela prefeitura de Curitiba, sendo a FCC a responsável por isso. É papel da FCC promover o desenvolvimento sociocultural e artístico da comunidade, gerando oportunidades para que em cada pessoa seja despertado o interesse em ampliar a bagagem cultural. Por isso, mantém à disposição do público alguns espaços específicos que propiciam a formação de artistas e a difusão cultural.

Enfim, considerou-se interessante analisar alguns espaços da FCC que se assemelham à proposta do TFG. Entre os espaços da FCC, os que mais se aproximam são o MUMA (Museu Metropolitano de Arte) e o CCC (Centro de Criatividade de Curitiba). Estes foram escolhidos pelo fato de ofertarem atividades variadas, não sendo focados em apenas algumas manifestações artísticas específicas como ocorre em alguns outros espaços da FCC. Enquanto a Casa Hoffmann se aprofunda nos movimentos do corpo e o Conservatório de MPB na música, o MUMA e o CCC oferecem atividades mais abrangentes e variadas. Além disso, ambos apresentam o contexto urbano relativamente semelhante, já que se localiza em bairros não tão centrais e exercem forte influência na comunidade local. Como o contexto urbano, o programa e as dimensões dos espaços do MUMA e do CCC se aproximam bastante do objetivo do projeto a ser desenvolvido, optou-se por estudar este equipamento mais a fundo a fim de que sejam observadas as falhas e potencialidades dos edifícios.

4.4.1 MUMA – Museu Metropolitano de Arte de Curitiba

Figura 71 – MUMA



FONTE: foto da autora

Figura 72 – Acesso principal



FONTE: foto da autora

Apesar da denominação “museu”, o MUMA pode ser considerado um centro cultural, pois além de possuir três grandes salas para exposições de arte, reúne em seu interior equipamentos variados relacionados à cultura e ao lazer: cinema, auditório, biblioteca, ateliês, sala de xadrez, brinquedoteca, café e área de convivência.

O MUMA se localiza no bairro Portão, em Curitiba, em frente ao Terminal de Transporte Coletivo do Portão. O edifício no qual está instalado o MUMA foi projeto pelo arquiteto Marcos Prado e construído entre 1978 e 1981 com o objetivo de abrigar um centro comercial do terminal. Com o fato não consumado, o edifício foi adaptado para se transformar em um centro cultural devido à necessidade de expor e abrigar um acervo doado pelo artista Poty Lazarotto. O prédio totaliza 4.827m² de área distribuídos em três pavimentos e se encontra fechado para reformas desde 2006, enfrentando dificuldades burocráticas para sua reabertura.

Contexto Histórico, Urbano e Social

O MUMA foi inicialmente chamado de Centro Cultural Portão, e a iniciativa de criação deste espaço ocorreu devido ao ato de generosidade do artista curitibano Poty Lazarotto, o qual doou em 1986 à FCC seu acervo particular, entre o qual estavam obras de artistas renomados como Di Cavalcanti, Portinari, Guignard, entre outros de mesmo porte. Diante da necessidade de um espaço adequado para abrigar estas obras e o restante do patrimônio artístico municipal, surgiu a idéia de implantar um espaço cultural para suprir esta carência.

A escolha do local recaiu em um edifício já disponível que havia sido construído para abrigar o centro comercial do Terminal do Portão, mas que nunca cumpriu esta função. O projeto de autoria de Marcos Prado teve como proposta ser dois edifícios conectados por uma passarela, embora apenas um deles tenha sido executado. Com a nova necessidade, o prédio, até então sem uso, teve iniciada sua adequação para o novo uso em 1986, sob orientação do arquiteto Leonardo Afonso Brusamolin. Na intervenção, optou-se por manter as características originais do edifício, readequando os espaços para abrigar o Museu Municipal de Arte, uma sucursal da Biblioteca Pública do Paraná, oficinas, cinema, auditório e ateliês, originando assim o Centro Cultural Portão. Em 1996, um decreto estabeleceu que todo o complexo passaria a ser denominado “MUMA – Museu Metropolitano de Arte” devido a uma alteração administrativa das unidades que o integravam.

Pode-se dizer que localização do MUMA no bairro Portão foi considerada na década de 80 uma atitude de descentralização cultural, pois o bairro, na época, era considerado relativamente afastado do centro da cidade, apresentando pouco comércio e tendo como função predominante a residencial. É uma situação parecida com o que se propõem para o projeto do TFG: implantar um centro cultural em uma área mais afastada do centro, suprimindo a carência de determinada comunidade em relação a equipamentos de cultura e lazer. As

atividades ofertadas no MUMA atendem a comunidade local, embora as suas exposições atraiam visitantes de localidades variadas de Curitiba. Portanto, percebe-se no MUMA tanto um interesse social de desenvolver intelectualmente a comunidade próxima como um interesse de expor um acervo de qualidade perante toda Curitiba.

Figura 73 – Localização do MUMA



FONTE: mapas IPPUC / grafismo da autora

A localização em frente ao terminal de transporte coletivo é um ponto forte do projeto, pois facilita o acesso ao equipamento, além de possibilitar o sistema de “integração” do terminal como o MUMA, onde o usuário do museu paga uma única passagem de ônibus para ir ao estabelecimento e voltar para casa. Esse é um fator de peso principalmente para a população mais carente, já que os gastos com transporte coletivo afetam o orçamento doméstico de famílias que já apresentam uma renda bastante comprometida.

Figura 74 – MUMA e o Terminal do Portão



FONTE: <http://www.curitiba.pr.gov.br>

Figura 75 – Vista do Terminal do Portão



FONTE: foto da autora

A posição geográfica do MUMA e a sua configuração arquitetônica interligam o terminal de ônibus a uma praça localizada no lado oposto do museu, esta última em um patamar inferior. Esta conexão é possível tanto por uma galeria que liga a praça ao terminal, como por um vazio que intercepta o prédio no pavimento acima. Essas passagens permitem que as pessoas que transitam pelo bairro incorporem o museu involuntariamente, trazendo vida ao espaço e fazendo com que a obra se torne presente na vida das mesmas. Estas passagens são utilizadas mesmo com o atual fechamento do museu, demonstrando a sua importância do edifício como conector de áreas e diminuindo o contraste entre o espaço público e o privado.

Figura 76 – Passagens do MUMA



FONTE: foto da autora

Figura 77 – Galeria de acesso à praça



FONTE: foto da autora

Infelizmente, o MUMA se encontra fechado para reformas desde janeiro de 2006, causando um certo desfalque na oferta de atividades culturais na região. O projeto de reforma já existe, embora enfrente problemas burocráticos na obtenção da verba. O museu implora por agilidade nas reformas, uma vez que se encontra em estado de abandono, com pichações na fachada e paredes internas, além de servir como esconderijo de assaltantes e traficantes de drogas. Em uma visita ao local, pôde-se verificar o descaso em relação ao edifício tanto por parte do poder público como de uma parcela marginal da população, a qual depreda o edifício, faz uso de drogas no local em plena luz do dia e intimida os transeuntes, contribuindo assim para a imagem negativa do museu e conseqüente afastamento dos usuários.

Através de uma conversa informal com o guarda municipal do estabelecimento, soube-se que uma vasta gama de atividades eram ofertas no MUMA e que havia grande participação popular nos cursos e oficinas, embora as salas de exposições fossem meio ociosas. A procura era grande por espetáculos no auditório e sessões no cinema, e algumas escolas levavam constantemente suas turmas no local para contato como a cultura. Acredita-

se que a reforma reascenderá a vida cultural na região e trará benefícios físicos e principalmente sociais, embora hoje o contexto do edifício seja decadente.

Conceito e Proposta

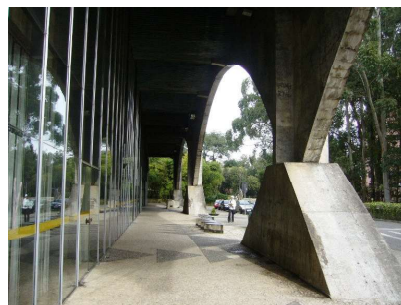
Como o MUMA foi instalado em um prédio já existente e o partido de readequação dos espaços foi a não interferência na aparência do mesmo, apenas algumas modificações na planta foram realizadas. A reciclagem de 1986 deveria definir espaços de acordo com as seguintes diretrizes: reunir em local adequado o acervo de obras dos mais representativos artistas das artes plásticas brasileira e paranaense, conservar os acervos, propor e executar programação artístico-cultural apropriada e integrar a comunidade em suas atividades, criando assim condições para o desenvolvimento artístico e crítico de seus freqüentadores.

Como um dos objetivos principais era a exposição do acervo e conservação do mesmo, uma grande área foi destinada a estas atividades, totalizando três grandes salas de exposição e mais uma área técnica para restauro e armazenagem da obra. Áreas menores foram propostas, destinadas aos ateliês de cursos e atividades.

A permeabilidade do espaço público no edifício e a integração com o entorno foram os dois principais partidos adotados para o MUMA, reforçando o caráter social da obra. Essas idéias estão presentes em alguns aspectos do edifício, como a existência da galeria que faz a função de “rua” para os pedestres que transitam na região e que conecta dois espaços segregados pelo museu. Esse partido faz do edifício um equipamento notado por quem passa pela região, estimulando a visita ao prédio.

Além dessas passagens, a idéia de integração com o entorno e o público transeunte se faz presente também através dos acessos às salas. Ao invés de um único acesso, todas as salas de exposições, ateliês e demais instalações possuem acesso direto para a rua, não sendo necessário ingressar em um *hall* para acessar posteriormente estes espaços. Apesar da superintegração que este tipo de configuração arquitetônica gera com o espaço externo, há grandes problemas na manutenção e segurança destes espaços, uma vez que é necessária maior cautela para fechar todos os acessos quando são encerradas as atividades diárias.

Figura 78 – Acesso direto da calçada às salas

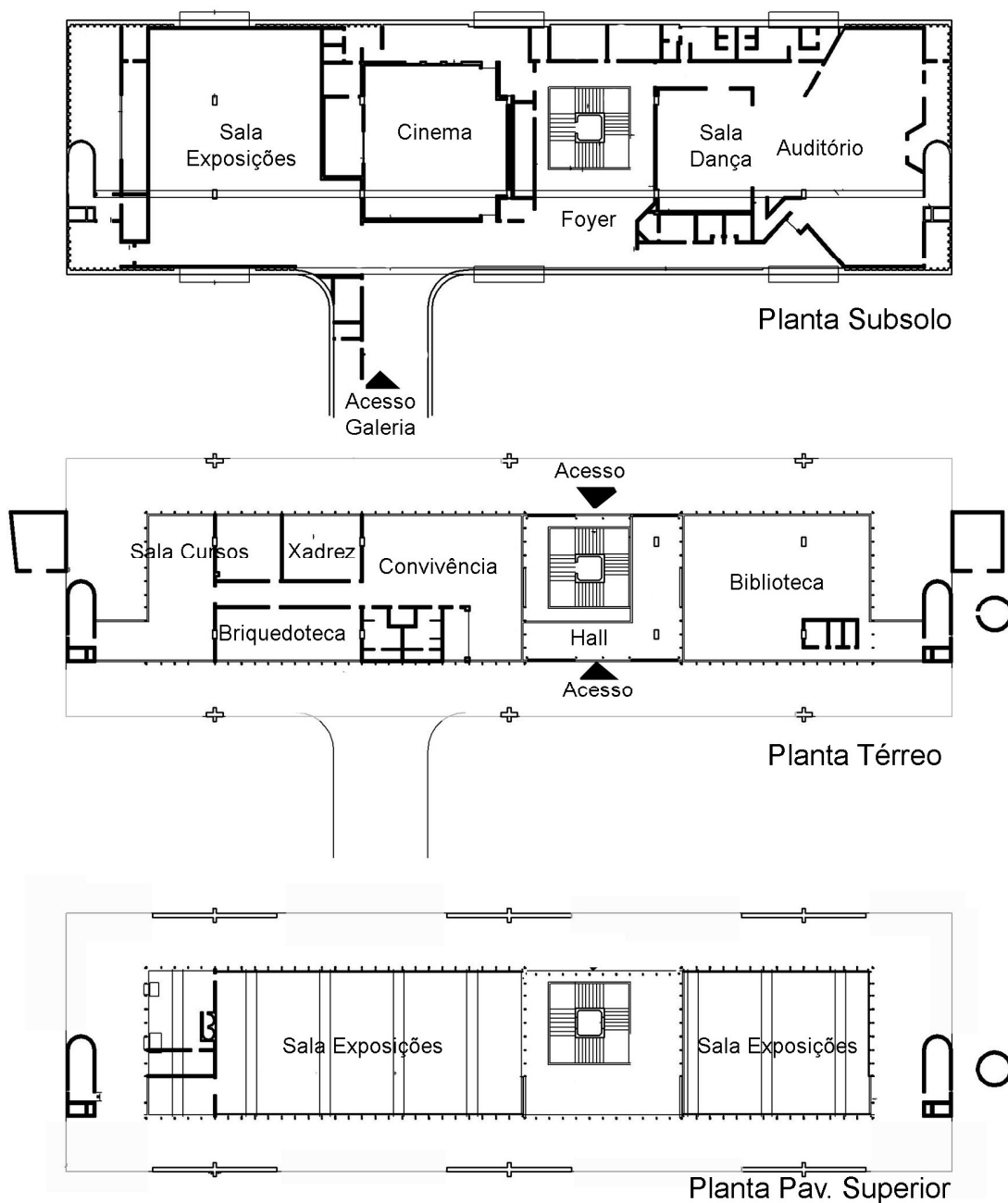


FONTE: foto da autora

A reforma que está prevista para os próximos meses elimina de certa forma este conceito de permeabilidade pública, uma vez que o vazio do edifício será vedado e transformado em hall interno, e os acessos das salas serão voltados a um novo corredor interno. Esta medida pretende facilitar a manutenção do prédio e impedir atos de vandalismo, aumentando assim a segurança. Apesar de apropriada para o caso, estas medidas retiram do edifício uma de suas características mais interessantes: a natural permeabilidade do público nos espaços.

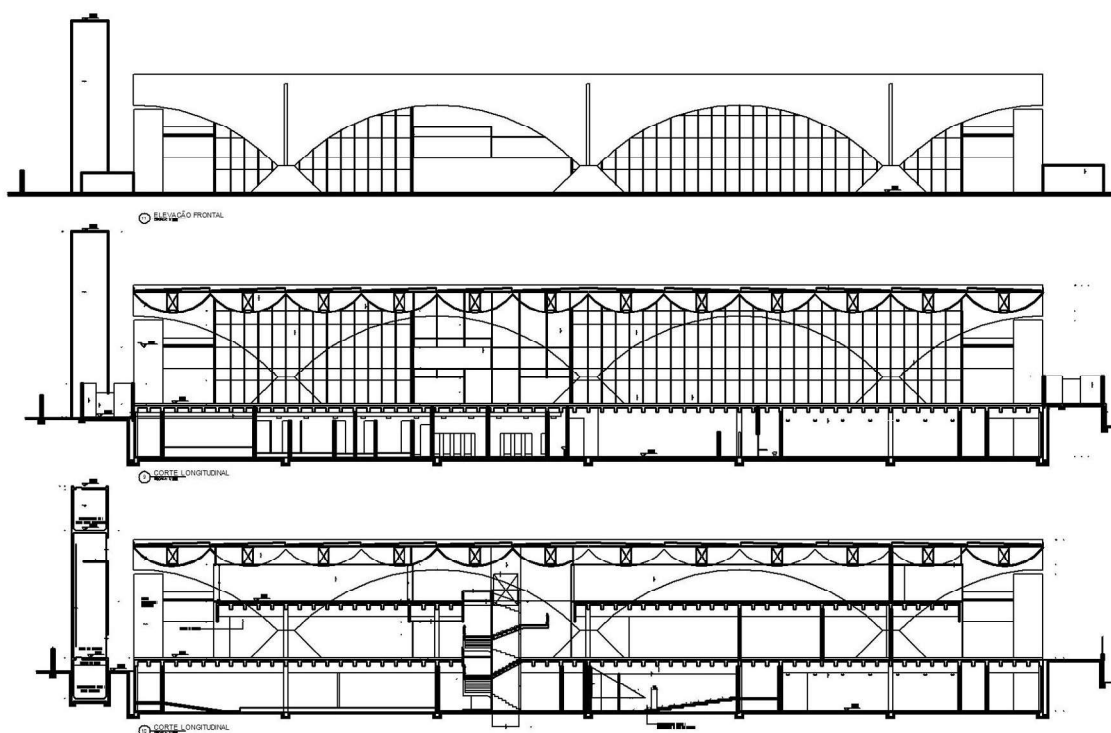
Aspectos Funcionais

Figura 79 – Plantas MUMA (projeto da reforma)



FONTE: acervo FCC

Figura 80 – Cortes e Elevação MUMA (projeto da reforma)



FONTE: acervo FCC

O edifício apresenta três pavimentos: um no nível da praça, mais inferior, outro no nível do terminal, ligeiramente acima, e um outro acima destes dois. No MUMA, o pavimento inferior é denominado subsolo (embora não esteja totalmente subterrâneo), o pavimento intermediário é considerado o térreo e o acima é o 1º. andar.

Os acessos, como citados anteriormente, ocorrem pela galeria do primeiro pavimento e pelo vazio do segundo, este último apresentando uma escada coberta que conecta diretamente o segundo ao terceiro pavimento, sem que seja necessário ingressar no edifício para acessar o pavimento superior. Além disso, as portas da sala do térreo são voltadas para a calçada, enquanto que as portas dos espaços do subsolo são voltadas à galeria, mostrando que todos os ambientes possuem entradas independentes.

Em dois volumes pequenos e separados estão a circulação de serviço e demais áreas técnicas como dutos de ar e salas do ar condicionado, conectando-se ao volume principal por passarelas.

O pavimento inferior se encontra ligado a uma praça que possui um amplo estacionamento com árvores, de onde inicia o acesso à galeria no mesmo nível. Há ainda uma escada externa que liga a praça ao nível do pavimento térreo. A galeria não é retilínea, apresentando mudanças de direção no transcorrer da mesma, fato que prejudica um pouco a incidência de luz natural no ambiente, tornando-o relativamente escuro.

Figura 81 – Entrada da galeria a partir da praça



FONTE: foto da autora

Figura 82 – Praça



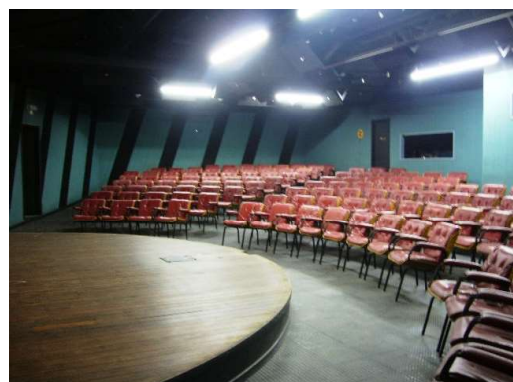
FONTE: foto da autora

No subsolo é possível encontrar a Sala Neves Lazarotto destinada a grandes exposições temporárias, sendo a maior das três, com aproximadamente 380m² de área. Junto a esta sala estão áreas técnicas como a área de restauro das obras de arte e armazenagem das mesmas. Ao longo da galeria estão também o cinema e o auditório, ambos conectados por um *foyer*. O cinema será totalmente reestruturado com a nova reforma, já que havia sido interditado pelo Corpo de Bombeiros por falta de segurança. Terá 164 lugares, saídas de emergência adequadas de acordo com as normas técnicas, locais específicos para deficientes físicos e paredes duplas para isolamento acústico. O auditório também apresenta 164 lugares e conta com áreas de apoio como camarins, vestiários e sala de projeção. Logo atrás do palco e ligado diretamente a ele, na coxia, o espaço foi adaptado para ser uma sala de dança de 97m², embora as condições de conforto do local não sejam adequadas, uma vez que inexistem ventilação e iluminação natural, além da atividade depender do uso do auditório. Neste espaço também ocorrem os cursos de artes cênicas, o que se torna interessante pela integração da sala com o palco do auditório. Com o reforma, o auditório pretende se adequar às normas técnicas, apresentando rampas e locais na platéia para deficientes, saídas de emergência em quantidade e posição adequadas, entre outros aspectos.

Figura 83 – Cinema MUMA



Figura 84 – Auditório MUMA



Uma escada liga a galeria e o *foyer* ao nível do terminal, abrindo-se em um espaço público, no vazio do edifício. A nova reforma prevê o fechamento deste espaço e mudanças na planta do pavimento térreo, sendo este o andar que mais sofrerá alterações. Portanto, a planta do pavimento térreo que anteriormente era dividida em duas partes pela passagem pública existente, agora será um espaço contínuo. Uma área de convivência com café será inserida, de onde partirá um corredor que acessará a administração, a brinquedoteca, a sala de xadrez e a sala de cursos (gravura, desenho, pintura, entre outras artes em geral em uma área de 91m²). No mesmo pavimento e do outro lado da escada permanecerá a biblioteca.

No pavimento superior estão locadas mais duas salas de exposição, a maior delas destinada a abrigar o acervo permanente e a outra os acervos temporários. Atualmente existem paredes em alvenaria que compartimentam as salas, embora o novo projeto de reforma proponha a retirada destes bloqueios físicos e visuais, o que garantirá maior fluidez dos espaços.

Figura 85 – Sala de cursos



FONTE: foto da autora

Figura 86 – Sala de exposições



FONTE: foto da autora

Por se tratar de uma adaptação de um prédio já existente, o MUMA deixa muitos aspectos a desejar na distribuição dos seus espaços. Não há uma setorização muito definida, embora as dimensões dos espaços possam servir como referência para o projeto de TFG a ser realizado.

Aspectos Técnicos e Construtivos

O edifício apresenta duas estruturas independentes: uma é a do volume envidraçado, e a outra é o coroamento em concreto deste último. O volume todo vedado em vidro abriga as atividades do edifício, e a estrutura que o sustenta é formada por perfis metálicos. Neste volume, há ainda pilares em concreto resultantes da configuração interna dos espaços, auxiliando assim na sustentação das lajes de concreto. Já o outro volume mais externo apresenta uma certa soltura em relação ao bloco de vidro, emoldurando-o com os seus arcos

em concreto. Este volume sustenta as treliças metálicas da cobertura, a qual é formada por telhas metálicas na parte superior e apresenta forro em madeira continuamente abaulado. O volume de coroamento em concreto se apóia no solo em seis pontos através de grandes e robustos pilares. Esta reduzida quantidade de apoio evita bloqueios físicos e gera maior fluidez de pessoas na calçada.

Figura 87 – Cobertura



FONTE: foto da autora

Os ambientes do térreo são favorecidos na questão da iluminação natural, pois suas faces se conectam diretamente com o exterior através de uma pele de vidro, embora isso não seja sinônimo de conforto. Já o subsolo abriga espaços que não necessitam de luz natural, como cinema, auditório e sala de exposições (a iluminação natural é prejudicial às obras de arte), embora a galeria e a sala de dança se encontrem prejudicadas pela falta de iluminação natural. Já algumas áreas do pavimento superior tiveram que ter os seus vidros pintados de preto e alguns bloqueios visuais tiveram que ser inseridos nas faces para que não houvesse incidência de iluminação natural, já que as salas deste pavimento seriam destinadas às exposições de obras de arte.

A soltura do volume de concreto em relação ao bloco envidraçado é benéfica na questão do conforto térmico, uma vez que este coroamento impede a incidência direta de raios solares em grande quantidade, evitando o superaquecimento dos ambientes do bloco de vidro e o desconforto visual.

As salas de exposição permanente e Célia Lazzarotto dispõem de condições técnicas como climatização controlada (20°C e 55% de umidade relativa do ar) e iluminação halógena, o que permite realçar as cores e os objetos com eficiência energética. O MUMA possui duas reservas técnicas concebidas de acordo com os padrões museológicos de preservação criteriosos, destinadas a armazenar o acervo segundo normas técnicas internacionais de climatização, desintetização e purificação do ar. Infelizmente, este potencial museológico não está sendo aproveitado como poderia ser, pois o acervo do MUMA se encontra agora

distribuído por outros espaços da cidade, entre os quais muitos não possuem os padrões de preservação de obras de arte exigidos.

Aspectos Plásticos

O edifício do MUMA segue a linha da Arquitetura Moderna, sendo um edifício funcional, livre de ornamentação e belo por sua simplicidade estética. Os materiais também caracterizam este tipo de arquitetura: concreto aparente e vidro. Os arcos do volume em concreto ajudam a minimizar a robustez desta estrutura, fazendo-a repousar suavemente nos seis grandes pilares.

Na fachada voltada ao terminal, é possível ver um painel em cerâmica glasurada do artista Franco Giglio que explora os temas da natureza tropical e da mitologia popular brasileira, medindo cerca de 9 metros de comprimento. Apesar do edifício ter sido projetado para um outra função, pode-se dizer a estética do prédio se adaptou bem ao novo uso cultural.

4.4.2 Centro de Criatividade de Curitiba

Figura 88 – Centro de Criatividade



FONTE: foto da autora

Figura 89 – Pátio do Centro de Criatividade



FONTE: foto da autora

O Centro de Criatividade de Curitiba está localizado no Parque São Lourenço, este localizado em um bairro homônimo de Curitiba. Trata-se de uma antiga fábrica de cola que foi restaurada e adaptada às novas funções pelo arquiteto Roberto Gandolfi, sendo inaugurado em 1973. Em seus 2.108m², diversas pessoas se entregam às atividades criadoras de forma livre e espontânea, contando com o auxílio de algum orientador especializado. As atividades são relacionadas às artes plásticas, cerâmica, escultura, resina sintética, gravura,

composição, teatro, expressão corporal, expressão musical, serigrafia, marcenaria, entre outras. Além dos espaços destinados a estas manifestações artísticas, fazem parte do complexo o Ateliê de Escultura, o Teatro Cleon Jacques, a Biblioteca Augusto Stresser e a Casa Erbo Stenzel.

Figura 90 – Parque São Lourenço



FONTE: foto da autora

Figura 91 – *Playground* em frente ao CCC



FONTE: foto da autora

Contexto Histórico, Urbano e Social

A criação do Parque São Lourenço ocorreu após uma enchente do rio Belém, em 1970, que provocou o rompimento da represa de São Lourenço. Isso paralisou o funcionamento do curtume e da fábrica de cola que atuavam no local. Em seguida, as obras de contenção de cheias permitiram a recuperação da área, e, conseqüentemente, da antiga fábrica de cola. A antiga fábrica teve sua arquitetura preservada e adaptada às novas funções criadoras, e algumas das máquinas e caldeiras foram mantidas no local, sendo transformadas em esculturas e adquirindo a função de elementos decorativos. A chaminé foi preservada e funciona como um marco no parque devido à sua altura.

O fato do CCC estar localizado em um importante e conhecido parque de Curitiba reforça a sua presença, pois vários freqüentadores do parque acabam por perceber a existência do espaço. Além disso, é abastecido pelo sistema de transporte coletivo e está localizado em uma via importante da cidade, a Rua Mateus Leme, facilitando assim o acesso ao equipamento.

O CCC é formado por cinco blocos, e integra também no seu conjunto a Casa Erbo Stenzel, que serve como museu. A casa em madeira construída em 1928 e relocada recentemente para o Parque São Lourenço é a antiga residência do artista paranaense Erbo Stenzel, o qual foi desenhista, gravador, impressor, escultor e professor. A casa foi doada pela família Stenzel à prefeitura em 1997, a qual restaurou a propriedade e implantou-a no parque São Lourenço devido à semelhança do local escolhido como o lote original.

Atualmente, a casa se encontra aberta para visitação, onde estão expostas algumas obras do artista Erbo Stenzel, integrando o complexo do Centro do Criatividade.

Figura 92 – Implantação do Complexo do CCC



FONTE: totem do CCC

Figura 93 – Casa Erbo Stenzel



FONTE: foto da autora

Figura 94 – Interior da Casa Erbo Stenzel



FONTE: foto da autora

Em visita ao local, percebe-se que a população realmente apropriou o espaço, e que os freqüentadores não são apenas das regiões mais próximas, mas de sim de diversas partes da cidade. Isso talvez ocorra pelo caráter diferenciado do CCC, já que o mesmo não se trata de uma escola de arte, mas sim um local onde os usuários encontram ambiente próprio e condições técnicas para expandir e desenvolver a sua criatividade livremente. Portanto, são encontrados vários profissionais do ramo artístico no local, os quais utilizam o espaço do CCC para produzirem seus trabalhos.

Conceito

A idéia principal do CCC é que ao mais variados grupos de pessoas e faixas etárias se entreguem à realização de atividades artísticas, estimulando a criatividade que é normalmente bloqueada por diversos motivos nos setores da vida humana e também por

questões psicológicas como timidez e inibição. O CCC procura fazer com que as pessoas encontrem a arte e a criatividade como um meio de encontrar a si mesmas, bem como favorecer o desenvolvimento emocional.

Para atender a estas questões, o CCC oferece um ambiente com os recursos técnicos necessários e orientação especializada, de modo que propicie a pesquisa, o desenvolvimento de idéias e a motivação. O usuário paga uma taxa mensal relativamente acessível e pode utilizar as instalações de modo bastante livre. Apesar dessa liberdade, evita-se a improvisação, pois há um planejamento básico do orientador da atividade que guia as atividades executadas no local, embora fique a critério do freqüentador o método de trabalho e a produção.

A idéia inicial para o Funcionamento do Centro de Criatividade parece não ter dado muito certo. O objetivo era que os freqüentadores passassem inicialmente pelo “atelier livre”, onde teriam contato com pesquisas e materiais diversos relacionados às mais variadas formas de arte. Assim, o indivíduo descobriria a si mesmo e passaria a freqüentar algum curso mais específico de acordo com o seu gosto. Porém, vários problemas para esta metodologia foram encontrados, não se adaptando aos anseios de muitos dos freqüentadores, os quais procuram diretamente por atividades específicas sem antes entrar em contato com o “atelier livre”. Além disso, a falta de conhecimento básico de desenho, volume, forma, volume, som e movimento da maioria dos freqüentadores exige um atendimento convencional. Isso acaba não cumprindo as metas iniciais do CCC, já que os atos criativos proposto acabam adquirindo característica de aula acadêmica.

Aspectos funcionais

O CCC é formado por cinco blocos principais, dos quais três deles são conectados por um pátio coberto onde são também desenvolvidas algumas atividades e eventos. Cada bloco abriga uma função diferente facilitando a leitura arquitetônica do espaço. Alguns dos blocos apresentam dois pavimentos ou *mezzanino*, enquanto alguns espaços são dotados de pé-direito duplo. Em geral, foram respeitadas as divisões originais da fábrica, sendo possível encontrar paredes espessas no interior do edifício. Em contrapartida, algumas divisões também foram realizadas no processo de reciclagem do edifício para adequar melhor os espaços.

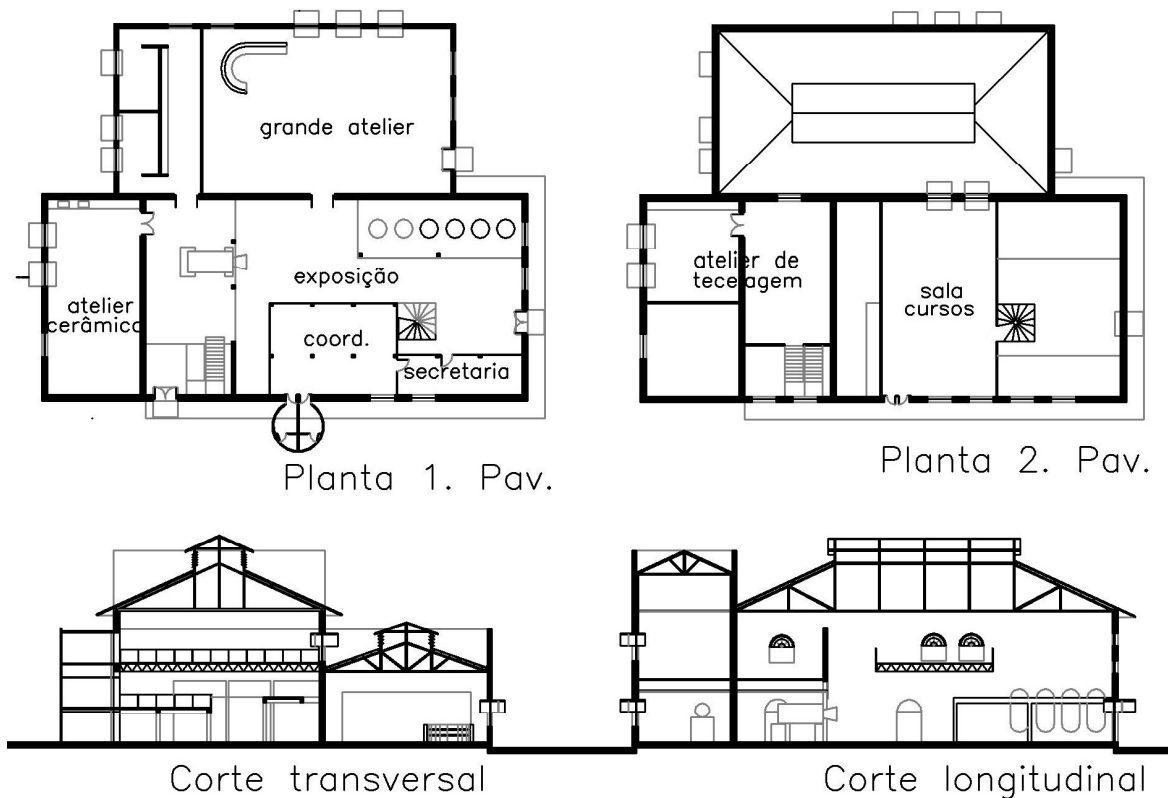
O maior e principal bloco, denominado nesta pesquisa como “B1” para fins didáticos, contém os ateliês, a administração e a sala de exposições, sendo. No térreo do mesmo estão dois ateliês de pé-direito duplo. O maior deles apresenta planta livre, onde são desenvolvidas atividades de marcenaria, entalhe em madeira, mosaico e marchetaria, cada qual ocupando um dos cantos da planta livre e retangular de aproximadamente 200m². Essa configuração é interessante, pois gera um único ambiente que permite intercâmbio de informações. O outro

ateliê é destinado à cerâmica, contendo forno e pranchetas para o desenvolvimento das atividades.

A administração encontra-se visualmente integrada com os espaços da fábrica, possuindo divisórias com partes em vidro transparente. Acima da mesma, há um *mezzanino* onde estão uma sala para cursos e o ateliê de tecelagem.

No térreo também se encontra a sala de exposições, a qual faz das antigas máquinas da fábrica preservadas um artefato exposto.

Figura 95 - Projeto arquitetônico do “B1”



FONTE: acervo FCC

Figura 96 – Grande Ateliê Figura



FONTE: foto da autora

97 – Ateliê de Cerâmica



FONTE: foto da autora

Figura 98 – Administração



FONTE: foto da autora

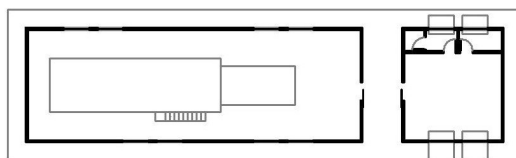
Figura 99 – Máquinas e sala de exposição



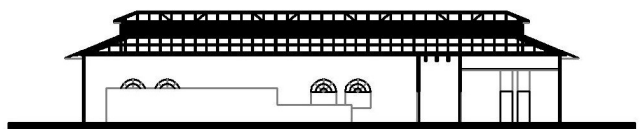
FONTE: foto da autora

O bloco B2 encontra-se no meio dos demais blocos, sendo o menor deles. Abriga desde 2007 a sede do Clube de Criação do Paraná, o qual se trata de uma instituição sem fins lucrativos que tem como função preservar a memória da comunicação do estado e valorizar os profissionais da área de publicidade, jornalismo, *design* e demais envolvidos com a comunicação. Um outro bloco próximo, o B4, abriga o teatro Cleon Jacques, sendo utilizados principalmente para abrigar eventos e apresentações.

Figura 100 – Projeto arquitetônico do “B2”



Planta



Corte longitudinal

FONTE: acervo FCC

Figura 101 – Clube de Criação do Paraná



FONTE: foto da autora

Figura 102 – Teatro Cleon Jacques

FONTE: www.curitiba.pr.gov.br

O bloco B3 também se mantém conectado ao restante através do pátio. Abriga no térreo duas salas para gravura com os devidos equipamentos necessários para o desenvolvimento das atividades (prensas, gravuras, pranchetas). Porém, esta área se encontra desativada, e futuramente será transformada em um laboratório de artes digitais. No segundo pavimento deste bloco se encontra uma sala que a princípio era destinada apenas as atividades corporais como dança e *yoga*, mas que abriga também aulas de instrumentos musicais e desenho. Sem dúvidas, a sala não oferece os recursos técnicos necessários para o desenvolvimento de todas estas atividades.

Figura 103 – Sala de Gravura



FONTE: foto da autora

Figura 104 – Sala múltiplo uso



FONTE: foto da autora

Por fim, o bloco “B5” abriga o ateliê de esculturas, localizando-se em uma posição mais isolada que em relação aos outro quatro blocos. Trata-se de um espaço bastante dinâmico, sem regras e livre para fazer o que se bem entende. É um grande galpão, sem uma distribuição definida de espaços, onde tudo ocorre simultaneamente.

Figura 105 – Ateliê de escultura



FONTE: foto da autora

Figura 106 – Interior do ateliê de escultura



FONTE: foto da autora

Como o espaço se trata de uma adaptação, com necessidade de adequar os antigos espaços aos novos, pode-se dizer que alguns dos espaços deixaram de apresentar as condições e recursos adequados para o desenvolvimento de algumas atividades. Porém, o espaço parece funcionar bem, e a existência do pátio é fundamental para conectar os blocos, dando a idéia de um complexo.

Aspectos Técnicos e Construtivos

O CCC apresenta uma solução estrutural simples, integrando o método construtivo da antiga fábrica de cola com alguns novos elementos que refletem soluções mais atuais. Os blocos da fábrica tiveram a sua característica construtiva preservada, pois é possível ainda perceber as espessas paredes em alvenaria e as tesouras em madeira para sustentar a cobertura. Aliado a isso, foram introduzidas soluções estruturais que não traduzem a arquitetura original, como as treliças espaciais metálicas, as quais são utilizadas para sustentar a cobertura do pátio e também alguns *mezzaninos*.

As escadas que se repetem nos blocos do CCC são em concreto e os seus degraus se encontram em balanço, sendo sustentados através de um pilar circular central que funciona como eixo.

A configuração das aberturas protege em partes da incidência direta do sol, pois as paredes espessas acabam funcionando como protetores mecânicos. Além disso, é possível encontrar em algumas janelas uma espécie de cobertura curva que se projeta para o interior e exterior do edifício, auxiliando na proteção solar como se fossem beirais. Porém, a profundidade das janelas e a “cobertura” nas mesmas diminui o incidência de luz natural no ambiente, embora isto seja complementado pelos *sheds* da cobertura.

Figura 107 – Aberturas



FONTE: foto da autora

Figura 108 – Treliça Espacial



FONTE: foto da autora

Aspectos plásticos

Pode-se dizer que a “limpeza visual” dos blocos do CCC adquire um toque mais artístico e descontraído com o jogo compositivo das aberturas e os desenhos nas paredes. A aleatoriedade das janelas surge através das formas de semicírculos dispostas em sentidos distintos e da presença ou não dos “beirais” nas mesmas, gerando fachadas dinâmicas que quebram a monotonia das paredes brancas e comuns. Já as pinturas coloridas nas paredes traduzem em desenhos que representam a criatividade e as artes. O fato dos desenhos contornarem os blocos através de uma linha contínua faz com que os mesmos realmente se integrem à arquitetura.

As antigas máquinas da fábrica recebem um destaque especial no CCC. Elas foram pintadas em vermelho e mantidas no local, ficando expostas como se fossem esculturas. Essa medida, além de preservar a memória do local, torna o espaço bastante interessante.

Figura 109 e 110 – Máquinas preservadas



FONTE: Foto da autora

Figura 111 – Escada Escultórica



FONTE: Foto da autora

5. PROPOSTA DE CENTRO CULTURAL

5. 1 ANÁLISE DA REALIDADE

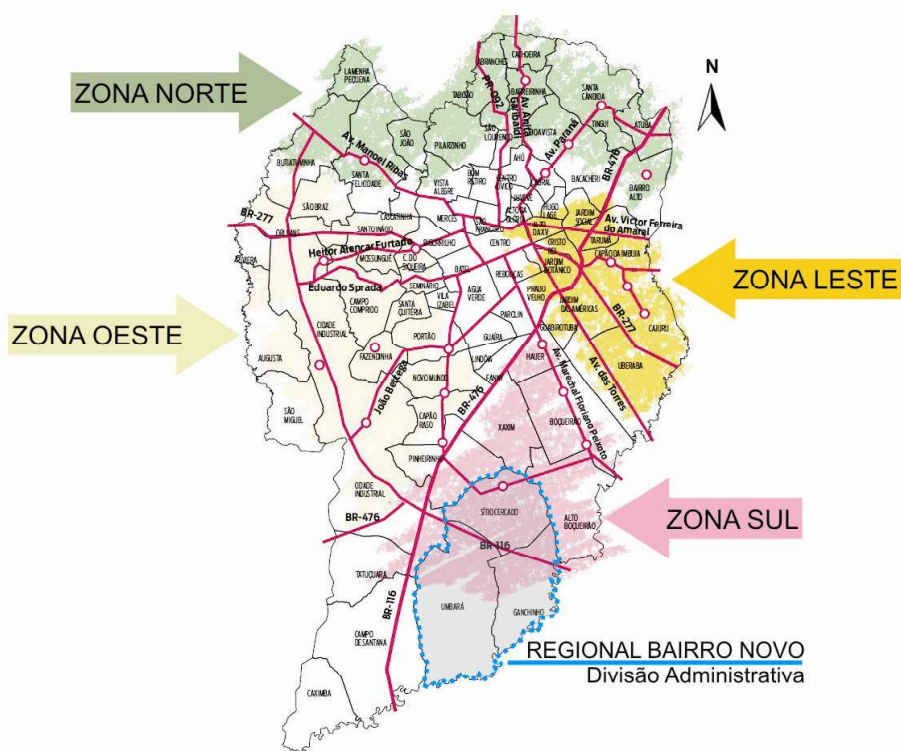
Um dos principais objetivos da aluna na escolha do tema do TFG é a busca de um contexto real que justifique a implantação do equipamento proposto. Pode-se dizer que foi a análise da carência de equipamentos públicos de cultura e lazer nas regiões periféricas de Curitiba que motivou a escolha do tema. Ou seja, a proposta de um centro cultural partiu da análise de uma realidade, e, conseqüentemente, do desejo da aluna em propor uma solução para o problema encontrado. Portanto, estão expostos a seguir os dados da realidade encontrados em Curitiba e que justificam a implantação de um centro cultural na Regional Bairro Novo. Primeiramente há o contexto geral da cidade, sendo tratada a situação de exclusão dos moradores mais afastados do centro da cidade, seja na questão da carência de equipamentos como no seu comportamento ou identidade. Já a segunda parte é mais específica, tratando da falta de um espaço específico de cultura na Regional Bairro Novo e os problemas enfrentados pela FCC nessa questão.

5.1.1 Exclusão e carência da periferia de Curitiba

Para mostrar a verdadeira realidade na qual a proposta do TFG se insere, é interessante discorrer inicialmente sobre um assunto bastante polêmico em Curitiba: a existência de grupos divididos em Zona Sul, Norte, Leste e Oeste, bem como o sentimento de exclusão social que os envolvem.

A princípio, Curitiba está dividida em nove regionais que englobam 75 bairros, embora esta divisão seja meramente administrativa, sendo utilizada como modo de organizar a ação do poder público nos projetos urbanos. Segundo a reportagem “As faces do subúrbio”, publicada na Gazeta do Povo em Junho de 2008, uma divisão diferente vem sendo observada, onde jovens de baixa renda da periferia se autodenominam como pertencentes das rivais Zona Sul, Norte, Leste ou Oeste. Este tipo de segregação é semelhante ao que ocorre no Rio de Janeiro e São Paulo, onde os pontos cardeais são os responsáveis por definir desde linhas de ônibus até áreas que comandam o tráfego, além de determinar valores de lotes e fortalecer a desigualdade social. Em 1998, a pesquisa “Jovens de Curitiba. Esperanças e desencantos”, coordenada pela cientista social Ana Luisa Fayet Sallas, entrevistou 900 jovens e registrou essa forma de identidade regional em Curitiba, levando a crer que há grupos ou zonas que se organizam à sua moda, têm seus líderes e seus movimentos culturais.

Foto 112 – Divisão de Curitiba de acordo com os grupos



FONTE: Gazeta do Povo

De acordo com a reportagem da Gazeta do Povo, essa divisão parece um procedimento natural para uma cidade relativamente grande como Curitiba e que possui 20% da população favelizada: “as condições de pobreza favorecem a desobediência civil à regra das regionais, hoje meros espaços administrativos, com pouco espaço no coração da população”. Através de uma análise de antropólogos e geógrafos nas áreas mais pobres do Norte, Sul, Leste e Oeste, confirmou-se que moradores de ocupação ou próximos a elas desfrutam de poucos espaços de lazer, quase não saem de casa e encontram na defesa do seu território uma forma de recuperar o orgulho e o amor-próprio.

De acordo com a reportagem, o movimento *hip hop* se tornou bastante acentuado em bairros com renda média baixa, e as roupas largas do visual *rapper* são uma das características que identificam os adeptos do movimento. O *hip hop* será melhor tratado em um tópico futuro neste pesquisa, embora seja importante antecipar que, ao contrário do que muitos pensam, este movimento urbano pode introduzir valores positivos.

O que se verifica é um preconceito deste tipo de manifestação cultural, principalmente por parte da parcela mais elitizada da população, a qual associa o visual *rapper* a atitudes marginais como depredação urbana e roubo, julgando-os pela aparência e não respeitando a identidade dos indivíduos. Isso gera um contexto de rejeição social, e o fato do indivíduo se sentir marginalizado tende a reforçar a idéia de que se vive fora dos muros da cidade,

abandonado e esquecido pelas iniciativas privadas e públicas. Um exemplo em que ilustra esta situação de exclusão social é o caso de dezenas que jovens que foram barrados na entrada no recém-inaugurado Shopping Palladium, no bairro Portão em Curitiba, em meados de Maio de 2007. Os adolescentes, autodenominados como pertencentes da Zona Oeste e Sul, foram proibidos de entrar no estabelecimento por motivos não alegados pela administração do Shopping, embora se imagine que o modo de agir e de se vestir tenham sido os determinantes deste caso de exclusão.

Figura 113 – Jovens barrados no *Shopping Palladium*



FONTE: Gazeta do Povo

Sem dúvida, este tipo de discussão é bastante polêmica e complexa, pois apesar do respeito que se deve ter com todos os tipos de cultura, há dados que comprovam a ligação de grupos como estes a elevados índices de criminalidade. Porém, é de se imaginar que em um contexto de tão poucas oportunidades, como no caso da periferia Sul de Curitiba, faça com que jovens recaiam nas drogas ou na marginalidade. Ou seja, o contexto de baixa qualidade de vida do local onde vivem gera, sem dúvidas, atitudes não tão aceitas pela sociedade em geral

Segundo o sociólogo Nelson Rosário de Souza, “há uma tendência nas cidades, por estratégias sociais, da proliferação de guetos de elites (condomínios, clubes e *shopping centers*) e guetos de pobres (favelas, escolas públicas e *hip-hop*)”. Os shoppings vendem para as classes alta e média a idéia do estabelecimento como uma extensão de suas casas, onde estarão seguros em um ambiente agradável. Curitiba, “a capital em que tantos espaços de memória da população, como fábricas, estações de trem e quartéis, viraram templos de consumo” (Gazeta do Povo, 2008), enfrenta carência de equipamentos de lazer democráticos e que atendam sem rejeição a população da periferia. Faltam espaços que possam ser apropriados por parte população excluída, a fim de respeitar a identidade da mesma.

É diante deste cenário que se propõe como tema do TFG a implantação de um centro cultural em um bairro periférico da cidade, na região Sul. Porém, o espaço proposto não deve ser confundido como um equipamento que reforça a segregação entre os “culturalmente favorecidos” e os “excluídos”. O objetivo não é que a população mais carente ganhe um equipamento porque é mal vinda em *shoppings* e passe posteriormente a não os frequentar mais porque ganhou em espaço seu, mas sim que ganhe um lugar que valorize a sua identidade e que traga benefícios no desenvolvimento dos indivíduos da comunidade. A idéia é que se crie um espaço aberto a intercâmbio de pessoas e atividades de lugares diversos, a fim de que as diferenças culturais sejam respeitadas e que a periferia seja menos excluída. Como exemplo, o centro cultural proposto poderá se encarregar de fazer apresentações dos grupos de *hip hop* em *shoppings* ou estabelecimentos do gênero, ou ainda realizar exposições das atividades desenvolvidas no centro a fim de que as diferenças entre classes sejam respeitadas e encaradas de como um enriquecimento cultural, não passando a ser mais um motivo de exclusão ou rejeição. O inverso pode ocorrer também, com apresentações de atividades culturais provenientes de outros estabelecimentos, possibilitando à comunidade mais carente o conhecimento do novo, a minimização do preconceito e enriquecimento do intelecto.

Enfim, o mais importante é oferecer à população excluída o direito de se manifestar, de aprender e de se integrar socialmente.

5.1.2 Equipamentos culturais na região Sul de Curitiba

A idéia de propor um centro cultural na região Sul de Curitiba partiu de uma leitura da realidade na questão da oferta de equipamentos públicos de cultura e lazer na cidade. Como já citado em tópicos anteriormente as áreas mais periféricas geralmente são desfavorecidas na questão de espaços destinados à cultura e ao lazer, entre elas os bairros da região sul da cidade. Os dados sócio-econômicos desta porção de Curitiba, os quais serão apresentados futuramente nesta monografia, mostram que esta parte da cidade concentra uma série de problemas, contando com um alto índice de pessoas carentes e marginalizadas, além de baixa qualidade de vida. Além disso, como citado no item “3.4 O CASO DE CURITIBA”, essa é parte da cidade que tem demonstrado maior crescimento populacional, justificando um maior investimento nessa região. Sabe-se da importância da cultura e do lazer como instrumento de desenvolvimento pessoal e superação de problemas sociais, sendo imprescindível a existência de um espaço cultural específico que introduza valores capazes de formar cidadãos críticos, responsáveis e capacitados. Além disso, é importante que haja um equipamento que favoreça a identidade da população local, oferecendo-lhes um espaço digno de apropriação.

Para obter informações mais precisas sobre a questão cultural na região Sul de Curitiba, a aluna procurou se informar sobre a política de atuação da FCC nesta área da cidade através de pesquisa documental e entrevistas. O que foi constatado é que há uma grande oferta de atividades culturais na região, embora não haja um espaço adequado e específico para isso. A FCC atua com vários programas que tem como objetivo a descentralização cultural, possibilitando à população da periferia o acesso a atividades do gênero, despertando assim a criatividade, estimulando a busca de novas formas de expressão, inserindo a arte no âmbito comunitário e proporcionando prazer à população na prática das atividades.

Na atual gestão, um dos principais programas que se encarrega pela dispersão cultural no território urbano é o “Arte por onde você anda”, levando atividades e eventos que englobam a música, a literatura, as artes visuais, o cinema e as artes cênicas a locais que podem ser escolas, associações de moradores, creches, salões paroquiais, entre outros. O “Comunidade Escola” também se encarrega desta tarefa, abrindo as escolas no finais de semana para que atividades culturais e de lazer possam ser desenvolvidas nas suas quadras esportivas, auditórios e salas de aula. Apesar de corresponderem à atitudes desta gestão atual do município, há sempre programas semelhantes que atuam na democratização da cultura, como o “Mutirão Cultural” da gestão passada.

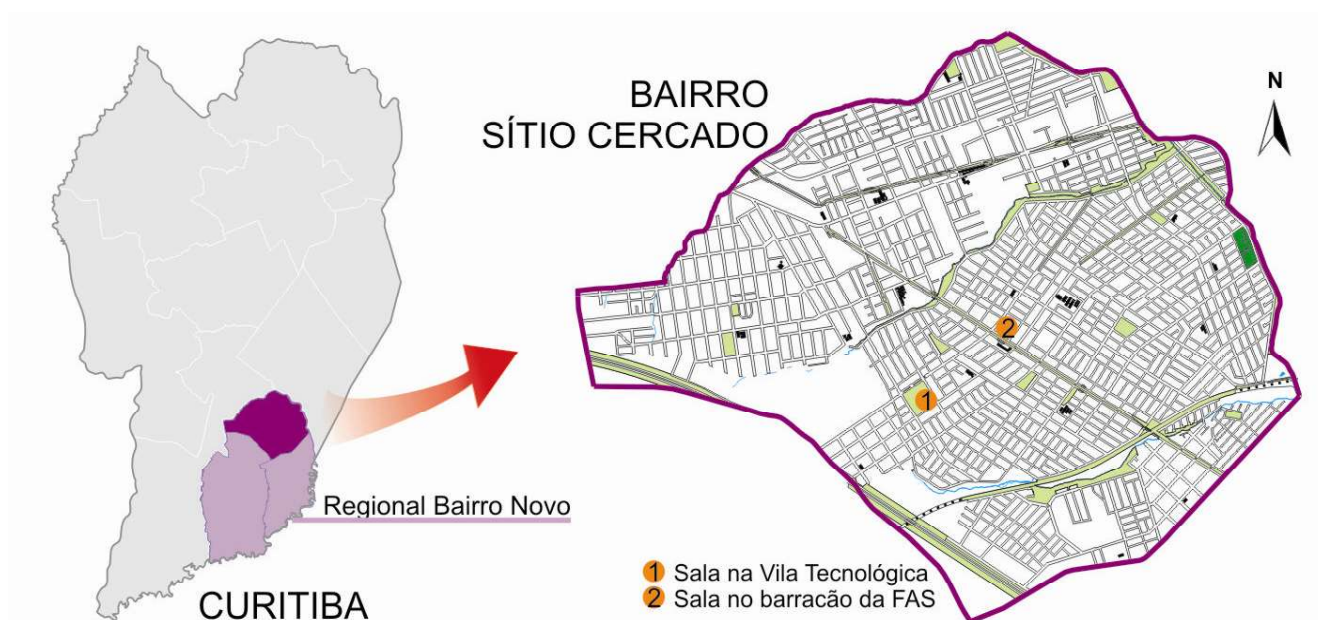
Mais especificamente na região Sul de Curitiba, há forte oferta de atividades correspondentes a estes programas, sendo administrados pelas subsedes da FCC presentes na Rua da Cidadania da regional Pinheirinho e na da regional Bairro Novo, embora não existam espaços equipados adequadamente para a prática de certas atividades. Além disso, a FCC tem a sua programação dependente de outros espaços que não são administrados por ela, ou seja, se uma determinada escola resolve ocupar seu auditório em determinado horário que coincida com uma atividade da FCC, a prioridade é da escola. Isso é bastante prejudicial à FCC, pois impede que haja continuidade das atividades, deixando muitos alunos na incerteza de terem aulas ou não.

Em uma entrevista com a arquiteta Dóris Teixeira da FCC, comentou-se sobre a questão cultural na região Sul de Curitiba, e ficou evidente a carência desta porção da cidade na oferta de espaços culturais. Segundo a arquiteta, há realmente uma intenção da FCC em implantar um equipamento específico na Regional Bairro Novo. Esta idéia já vem sendo estudada pelos órgãos competentes da prefeitura, tendo em vista que já há levantamentos dos indicadores culturais da região, bem como um estudo preliminar teórico elaborado por Teixeira Coelho que tem como objetivo guiar a concepção de um centro público de cultura na Regional Bairro Novo. Devido à burocracia que envolve toda a política pública, o processo de implantação deste equipamento permanece bastante lento, e segundo a arquiteta, imagina-se que isto ocorrerá efetivamente apenas na próxima gestão da prefeitura. Portanto, ainda não

há estudos sobre a concepção arquitetônica e urbanística do espaço: o que existem até agora são dados que comprovam a necessidade de um centro cultural na Regional Bairro Novo. Este cenário pareceu bastante propício à aluna para propor um projeto de equipamento cultural na Regional Bairro Novo como tema do TFG, já que existem justificativas para tal e uma solução arquitetônica ainda não encontrada.

Em busca de maiores informações sobre a questão cultural no Bairro Novo, realizou-se uma entrevista com a coordenadora da FCC na regional, Luzia Simplicio, a qual retratou a realidade enfrentada no local e confirmou a urgente necessidade de um centro cultural na região. Além de atuar com atividades provisórias em espaços não específicos como escolas e associações através dos programas “Arte por onde você anda” e “Comunidade Escola”, a FCC oferece vários cursos permanentes. Porém, estas atividades fixas e contínuas ocorrem em duas míseras salas improvisadas cedidas à FCC, sendo que uma se localiza no barracão da FAS (Fundação de Ação Social) em frente à Rua da Cidadania e outra na Vila Tecnológica. Aquela conta com aproximadamente 25m², enquanto que esta última com 20m², totalizando apenas 45m² para o desenvolvimento de todos os cursos e oficinas!

Figura 114 – Localização das salas improvisadas da FCC



Fonte: elaborado pela autora

Figura 115 – Sala da FCC no barracão da FAS



Fonte: foto da autora

Figura 116 – Sala da FCC na Vila Tecnológica



Fonte: foto da autora

Obviamente, estas duas salas não dão conta de atender a demanda da regional, havendo grandes filas de esperas para se matricular nestas atividades permanentes. Além disso, fica evidente que estas salas não possuem as instalações necessárias para o desenvolvimento de certas atividades. A carência nos espaços é ampla, não havendo os recursos técnicos necessários para os cursos.

A Vila Tecnológica nada mais é do que protótipos de casa populares ali expostos. Trata-se de um projeto interessante da década de 90, pois apresentava aos futuros moradores do novo loteamento as diversas possibilidades tecnológicas para o projeto de suas casas. Com a conseqüente ocupação dos lotes, esses protótipos de casas perderam em parte a sua função e passaram a abrigar algumas pequenas sedes de secretarias da prefeitura, bem como pequenos posto de saúde, associações, entre outros. Uma dessas casas populares está atualmente ocupada pela FCC, a qual oferece seus cursos em espaços que correspondiam à sala e ao quarto da casa. Ali são basicamente desenvolvidas aulas de música, desenho e pintura, não havendo nenhum recurso técnico adequado para estas atividades. Há apenas um banheiro, e as aulas e a secretaria se encontram em um mesmo ambiente, causando conflitos de atividades.

Figura 117 – Protótipos de habitações na Vila Tecnológica



Fonte: foto da autora

Segundo Luzia, os casos problemáticos relacionados à escassez de espaço físico são diversos. Até 2006, alguns cursos aconteciam em uma sala na própria Rua da Cidadania Bairro Novo, quando de uma hora para outra, a Administração Regional retirou da FCC a sala onde funcionavam os cursos e não permitiu o agendamento da sala de reuniões e do auditório do local, o qual era utilizado para aulas de teatro, por exemplo. Segundo a Administração Regional, os motivos pela não liberação dos espaços na Rua da Cidadania eram a poluição sonora causada pelas atividades e a escassez de espaço físico para as instituições em geral sediadas no local. Após negociações, foi colocada à disposição a sala da Vila Tecnológica, embora esta sala não comportasse o volume de pessoas que eram atendidas anteriormente nos cursos. O problema de pequeno espaço físico atingiu vários cursos, como o da capoeira, do coral infantil, do grupo de teatro, entre outros, sendo que na maioria das vezes a sala da Vila Tecnológica só suportava metade ou um terço da quantidade de alunos. Consequentemente, a FCC foi à procura de espaços em igrejas e escolas a fim de não interromper a continuidade dos cursos, embora já no primeiro mês muitas aulas já tivessem sido canceladas várias vezes para atender as funções específicas destes lugares.

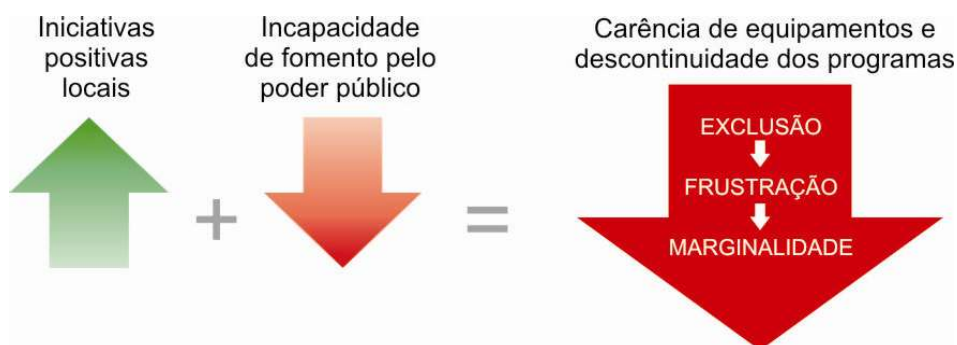
Com espaços de dimensões reduzidas, a FCC é obrigada a ofertar atividades para grupos menores, enquanto que estes cursos poderiam atingir um público muito maior se dispusessem de instalações mais amplas e apropriadas. Para ilustrar, a coordenadora Luzia cita o exemplo do “Curso de Meio Ambiente para Educadores” desenvolvido em 2007 na Vila tecnológica, o qual atendeu apenas 15 pessoas em virtude do espaço reduzido. Segundo ela, a idéia era atingir através de atividades artísticas e educação patrimonial um público de funcionários e educadores da prefeitura de Curitiba, lideranças locais e a própria comunidade, embora este vasto público tenha sido drasticamente reduzido pela falta de instalação adequada.

Essa falta de espaços específicos da FCC gera uma série de problemas. Muitos dos orientadores das atividades se sentem desmotivados pela instabilidade e necessidade de

cancelamento de suas aulas, e como muitos deles são voluntários da comunidade, acabam desistindo de ofertar as atividades. Além disso, a dependência de instalações em escolas e associações gera incertezas na continuidade das atividades e causa transtorno para muitos alunos, uma vez que estes se dirigem ao local para desenvolver determinada atividade e são surpreendidos pelo cancelamento imediato da mesma por falta de espaço físico. Nesse caso, muitos dos alunos vêm de regiões mais distantes e despendem gastos com transporte que sem dúvida afetam o orçamento doméstico já bastante comprometido, o que gera certa frustração ou raiva com a inexistência da atividade no local para o qual o aluno se dirigiu.

O descaso da administração pública com essa situação só tende a aumentar a frustração e o sentimento de exclusão destes jovens, os quais já se sentem inferiorizados em relação a outras partes da cidade mais favorecidas e com melhores condições de vida. Isso cria uma situação bastante delicada, uma vez que o abandono destes jovens estimula a marginalidade e o aumento da violência. O esquema a seguir ilustra os problemas e as consequências desta realidade descrita acima:

Figura 118 – Problemática cultural na Regional Bairro Novo



FONTE: elaborado pela autora

5. 2 REGIONAL BAIRRO NOVO

Após a análise da realidade enfrentada pela FCC na inexistência de um equipamento específico de cultura na Regional Bairro Novo, torna-se necessário realizar um estudo do sítio no qual o centro cultural proposto para o TFG será implantado. O objetivo é analisar as características sociais, físicas e culturais para que se tenha um panorama completo da regional, a fim de que possam ser traçadas as diretrizes do projeto e, conseqüentemente, a escolha do terreno ideal.

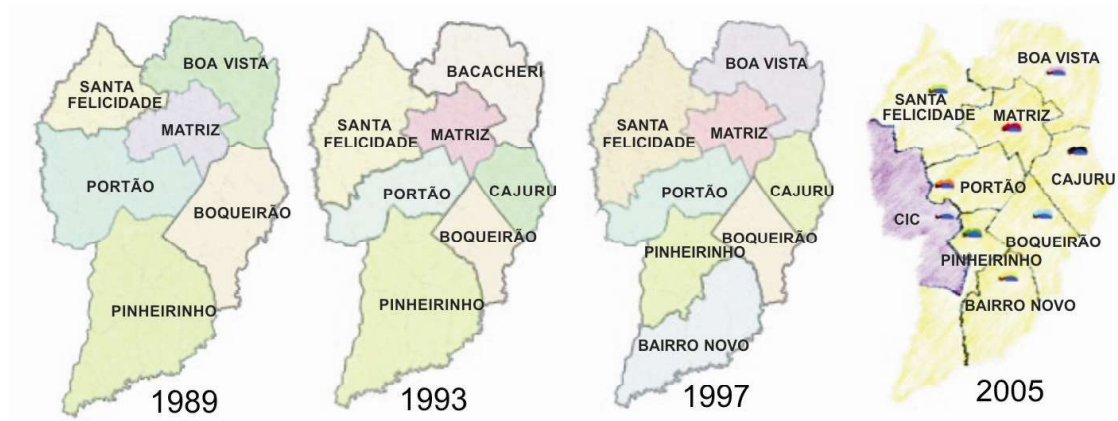
O conteúdo a seguir tem como base os dados publicados pelo IPPUC no projeto “A Regional Desejada”, realizado em 2005. Trata-se de um levantamento completo das regionais para discutir estratégias e planos com o objetivo de aperfeiçoamento do

desempenho das administrações regionais de Curitiba. No projeto, foram analisados os dados sociais, econômicos, urbanísticos e ambientais do território, sendo feito posteriormente a unificação dos mesmos em mapas sínteses com o objetivo de guiar as ações do poder público. Portanto, tratam-se de dados bastante atuais e com uma pequena porcentagem de erro.

Vale lembrar que os mapas a seguir referentes à análise da regional já indicam a localização do terreno escolhido para o projeto do TFG, a fim de seja retratado o contexto urbano no qual o mesmo está inserido. Apesar disso, a escolha da localização do terreno se deu apenas depois de toda a análise dos dados da regional, embora esteja previamente identificada nesta pesquisa para fins didáticos.

A Regional Bairro Novo se localiza no sul de Curitiba e compreende atualmente os bairros Sítio Cercado, Ganchinho e Umbará. Porém, esta configuração é observada apenas a partir de 2005, pois antes englobava também os bairros Caximba e Campo do Santana. A Regional Bairro Novo foi criada em 1997 como um desmembramento da Regional Pinheirinho. Sua criação foi decorrente, primeiro de sua grande extensão territorial e, segundo, pelo grande crescimento populacional ocorrido na região, resultado do processo de urbanização promovido pela Prefeitura com o loteamento da área do Sítio Cercado, destinado a atender a demanda por moradia existente na COHAB e às relocações. Essas mudanças ocorridas na configuração urbana das regionais se encontram na figura abaixo:

Figura 119 – Histórico das Administrações Regionais



FONTE: Revista Espaço Urbano, IPPUC 2006

5.2.1 Caracterização Histórica, Física, Social e Urbanística

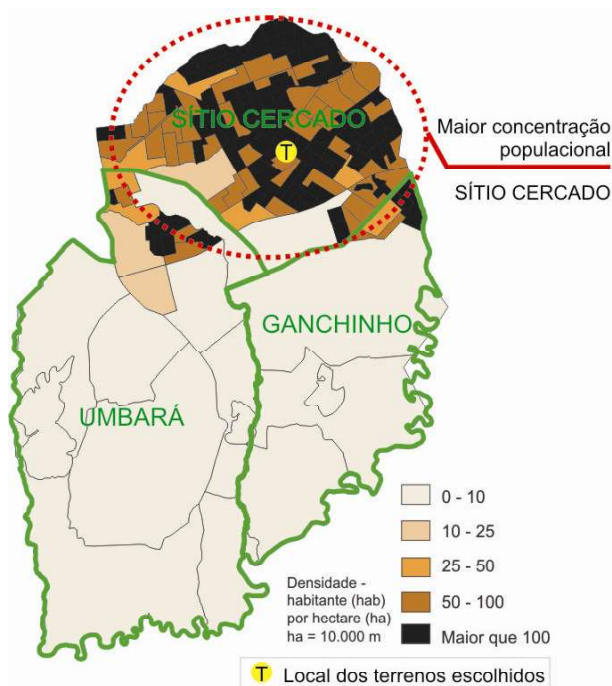
A Regional Bairro Novo é reconhecida como uma das últimas fronteiras de ocupação territorial em Curitiba, apresentando loteamentos bastante recentes. Os bairros que hoje

compõem a regional serviam como caminho para os tropeiros. Até aproximadamente 1960, a região era apenas uma grande extensão de sítios e chácaras.

A Regional Bairro Novo é a menos populosa de Curitiba, com 137.692 habitantes. Sua densidade demográfica também é bastante baixa, com 30,74 habitantes por hectare, já que os bairros Umbará e Ganchinho são pouco ocupados, apresentando muitas chácaras e sítios. Em compensação, o Sítio Cercado é bastante denso, sendo o segundo bairro mais populoso da cidade, o que corresponde a 114.920 habitantes. Isso equivale a 84% da população da Regional Bairro Novo, o que o torna o bairro mais importante da regional na questão da oferta de comércio e serviços. Apesar de ser a regional menos populosa de Curitiba, a Regional Bairro Novo é a que apresenta maior crescimento, com uma taxa anual de 8,16%, correspondendo a um número bastante elevado. Não há dúvidas de que a região sul vem puxando o crescimento da cidade em sua direção, pois além da elevada taxa de crescimento populacional, uma série de novos grandes loteamentos são propostos a cada gestão. Este crescimento da região justifica a implantação de novos equipamentos e investimento em infra-estrutura a fim de atender a nova demanda que surge, proporcionando à mesma boa qualidade de vida.

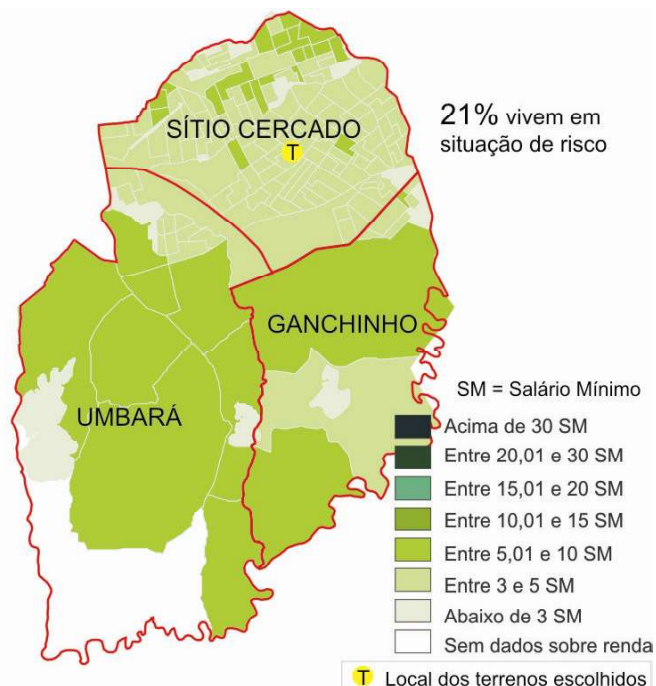
A renda mediana no Ganchinho e no Umbará é de 3 salários mínimos, enquanto que no Sítio Cercado varia de 3 a 5 salários mínimos. Considera-se abaixo da linha da pobreza as famílias com renda mensal inferior a 2 salários mínimos. Na regional, há vários casos de pessoas que vivem em situação de risco.

Figura 120 – Densidade populacional (2005)



FONTE: <http://www.ippuc.org.br>

Figura 121 – Renda (2005)



FONTE: <http://www.ippuc.org.br>

Os adultos, de 25 a 50 anos, predominam a região com 44,98%. Já os jovens representam 20%. O número de idosos (60 anos ou mais) é muito reduzido (4,2%), o que mostra a baixa expectativa de vida e a ocupação recente do território.

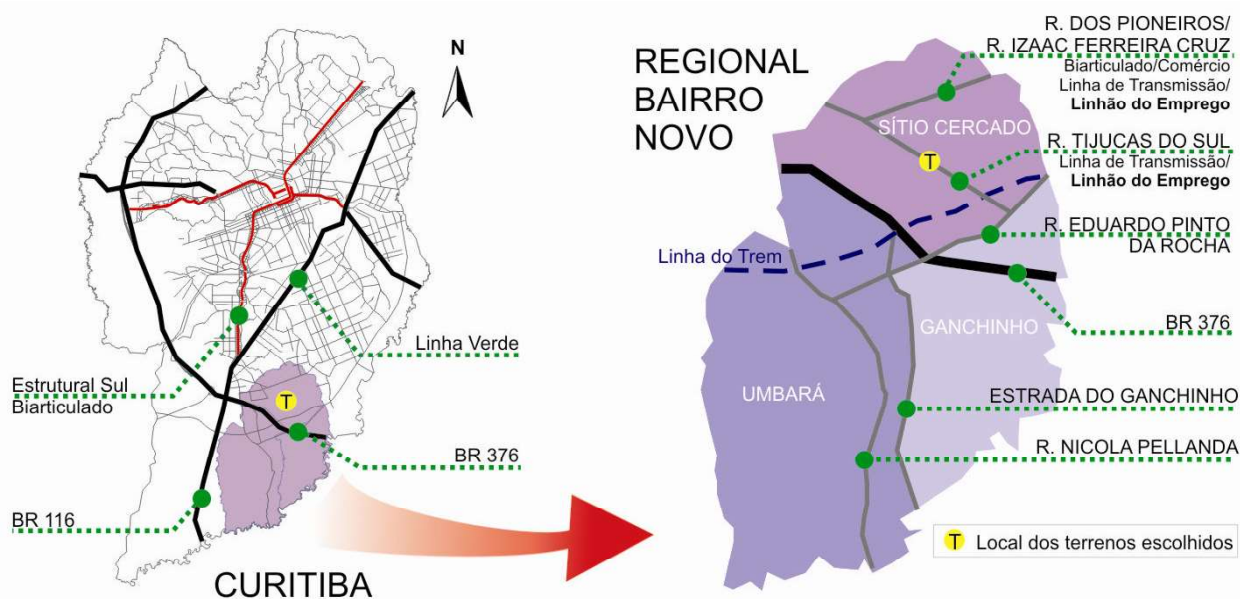
Figura 122 – Faixa etária (2005)

Infantes	Crianças	Jovens	Adultos	Idosos
10,32%	20,27%	20,14%	44,98%	4,27%

FONTE: <http://www.ippuc.org.br>

A malha viária não é muito densa na Regional Bairro Novo, tendo em vista que os bairros Umbará e Ganchinho são pouco povoados, embora o Sítio Cercado concentre um grande número de vias. O Contorno Sul é a rodovia que intercepta a Regional e separa o bairro Sítio Cercado dos outros dois integrantes da regional. Isso causa um bloqueio na expansão urbana em direção ao Umbará e Ganchinho, justificando a baixa densidade dos mesmos em relação ao Sítio Cercado. A Linha Verde, apesar de não passar pela regional, trará um grande número de pessoas a esta porção da cidade, valorizando a região e fortalecendo a expansão urbana para o sul da cidade. A Estrutural Sul também favorece esta expansão, além de ser uma importante via de ligação com o centro da cidade, principalmente por causa do transporte coletivo.

Figura 123 – Malha Viária Principal



FONTE: elaborado pela aluna

A circulação principal no Sítio cercado ocorre por três vias importantes. A Rua dos Pioneiros e Rua Izaac Ferreira da Cruz são paralelas, esta caracterizada pelo forte comércio e movimento, enquanto que aquela pela presença da linha de biarticulado “Circular Sul”. A Rua Tijucas do Sul intercepta ao meio a área dos loteamentos, e assim como as duas vias citadas anteriormente, permite um adensamento maior. Vale lembrar que estas três vias são caracterizadas pelas torres de transmissão de energia, correspondendo ao “Linhão do Emprego”⁵.

O Umbará e o Ganchinho são mais carentes de ligações de sistemas viários, já que se encontram confinados pela BR-116, a Via Férrea e o Contorno Sul, os quais se constituem em grandes barreiras. No Umbará, a principal via é a Rua Nicola Pellanda, a qual faz a conexão com os bairros mais ao norte devido a uma transposição do Contorno Sul.

O fato de o Sítio Cercado ser uma área bastante populosa é resultado de um projeto de expansão de áreas residenciais em Curitiba na década de 90, como o loteamento Bairro Novo, havendo oferta de terrenos subsidiados acessíveis à população de baixa renda e que se encontram atualmente quase que totalmente ocupados por habitações populares. O objetivo inicial dessa expansão urbana era atender a demanda por moradia existente na COHAB (Companhia de Habitação) e também abrigar famílias deslocadas de áreas de invasão. No loteamento Bairro Novo, o maior e mais conhecido deles, foi oferecida área para 12 mil lotes e 25 mil apartamentos, embora estes últimos estejam surgindo apenas recentemente e sejam ofertados à população através do programa PAR (Programa de Arrendamento Residencial).

Figura 124 – Loteamento Bairro Novo



FONTE: <http://www.ippuc.org.br>

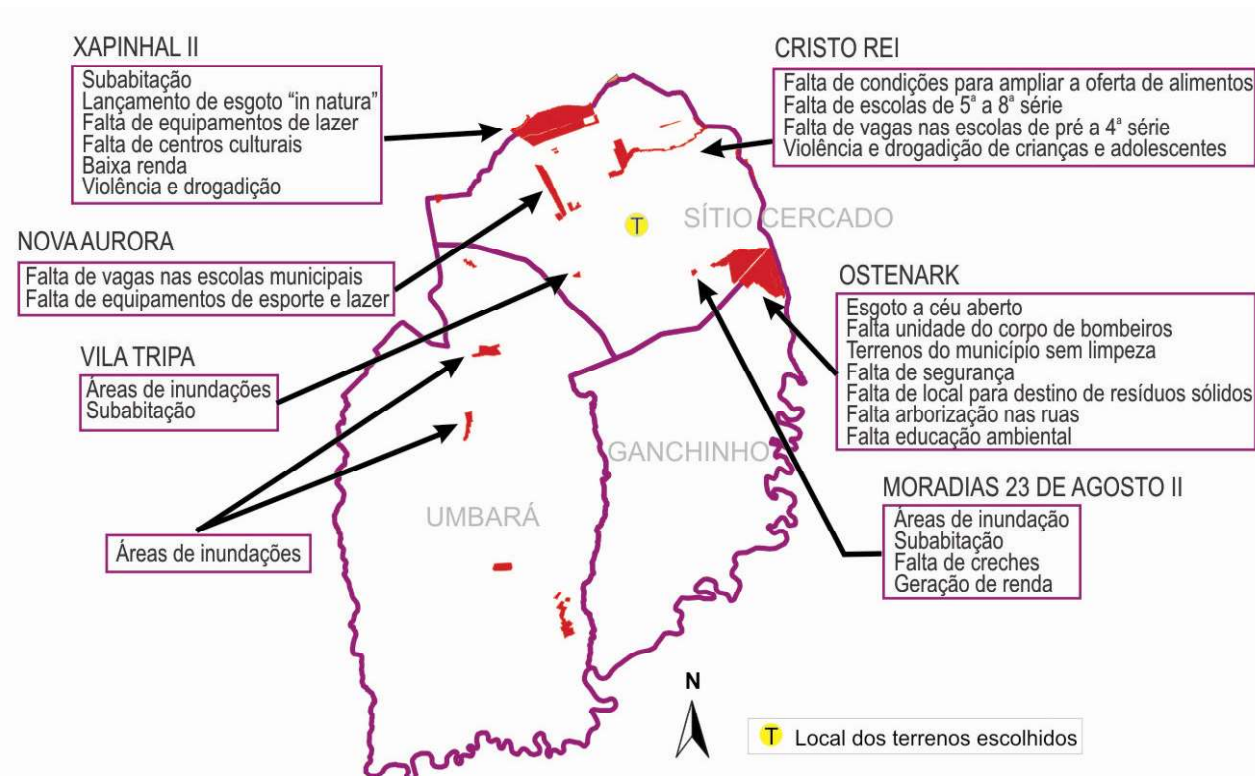
O loteamento desta região permitiu uma ocupação planejada. Em alguns pontos das principais vias, como a Rua Tijucas do Sul, nota-se a presença de grandes terrenos que não foram subdivididos. Estas áreas vazias são destinadas à implantação de equipamentos como

⁵ O Linhão do Emprego agrega a função trabalho à infra-estrutura urbana. Trata-se de uma grande avenida de 34 quilômetros de extensão, que passa por 18 bairros periféricos de Curitiba. Esta avenida foi construída ao longo de torres de alta tensão da Copel, por isso o nome Linhão.

creche, escola, posto de saúde e área de lazer. No Linhão do Emprego, projeto do qual a Rua Tijucas do Sul faz parte, algumas destas grandes áreas são denominadas “pólos de desenvolvimento”, onde há, além destes equipamentos já citados, Barracões Empresariais⁶ e Liceus de Ofício⁷, os quais permitem a formação e a qualificação de trabalhadores, orientação empresarial, apoio ao desenvolvimento de atividades e à comercialização dos produtos fabricados no local. Estes pólos do Linhão proporcionam à população a inserção no mercado e conseqüente geração de renda própria.

Apesar do loteamento planejado em grande parte do bairro, muitos locais no Sítio Cercado enfrentam ocupação irregular do solo, coincidindo com áreas de problemas sociais e carência de infra-estrutura. A figura abaixo ilustra estas áreas, bem como os maiores problemas de acordo com levantamento do IPPUC realizado em 2005:

Figura 125 – Áreas de Concentração de Problemas



FONTE: <http://www.ippuc.org.br>

No Umbará os problemas são mais voltados ao meio ambiente. O problema de inundações é decorrente de uma região “alagada” da bacia do Rio Iguaçu, sendo que outros

⁶ O Barracão Empresarial é uma incubadora de micro e pequenas empresas que apóia empreendedores por dois anos até que estes se firmem no negócio. Oferece espaço físico às pequenas empresas como forma de combater o desemprego na comunidade.

⁷ O Liceu de Ofício é um centro de treinamento de mão-de-obra de diversas áreas, visando preparar e qualificar os curitibanos para os setores que estão ofertando empregos.

problemas se encontram em função deste determinante ambiental: falta de ações de preservação da APA (Área de Proteção Ambiental) do rio Iguaçu e falta de recuperação de matas ciliares dos rios e córregos. Além destes problemas ambientais, há urgente necessidade de construção da Unidade de Saúde no bairro.

Há predominância de atividades comerciais na Regional Bairro Novo (aproximadamente 50% das atividades), seguida de serviços e da indústria. A maioria dos serviços se concentra no Sítio Cercado, existindo uma grande presença de comércios na Rua Izaac Ferreira da Cruz e Rua dos Pioneiros, o que caracteriza uma área bastante movimentada. Além disso, há no cruzamento destas duas ruas o Terminal do Sítio Cercado, o que ajuda a aumentar ainda mais o tráfego na área. Os moradores do Sítio Cercado consideram a Rua Izaac Ferreira da Cruz uma das mais importantes do bairro, já que conta com as principais redes de bancos, lojas e farmácias, possibilitando o acesso a diversos serviços sem que seja necessário se deslocar até o centro da cidade.

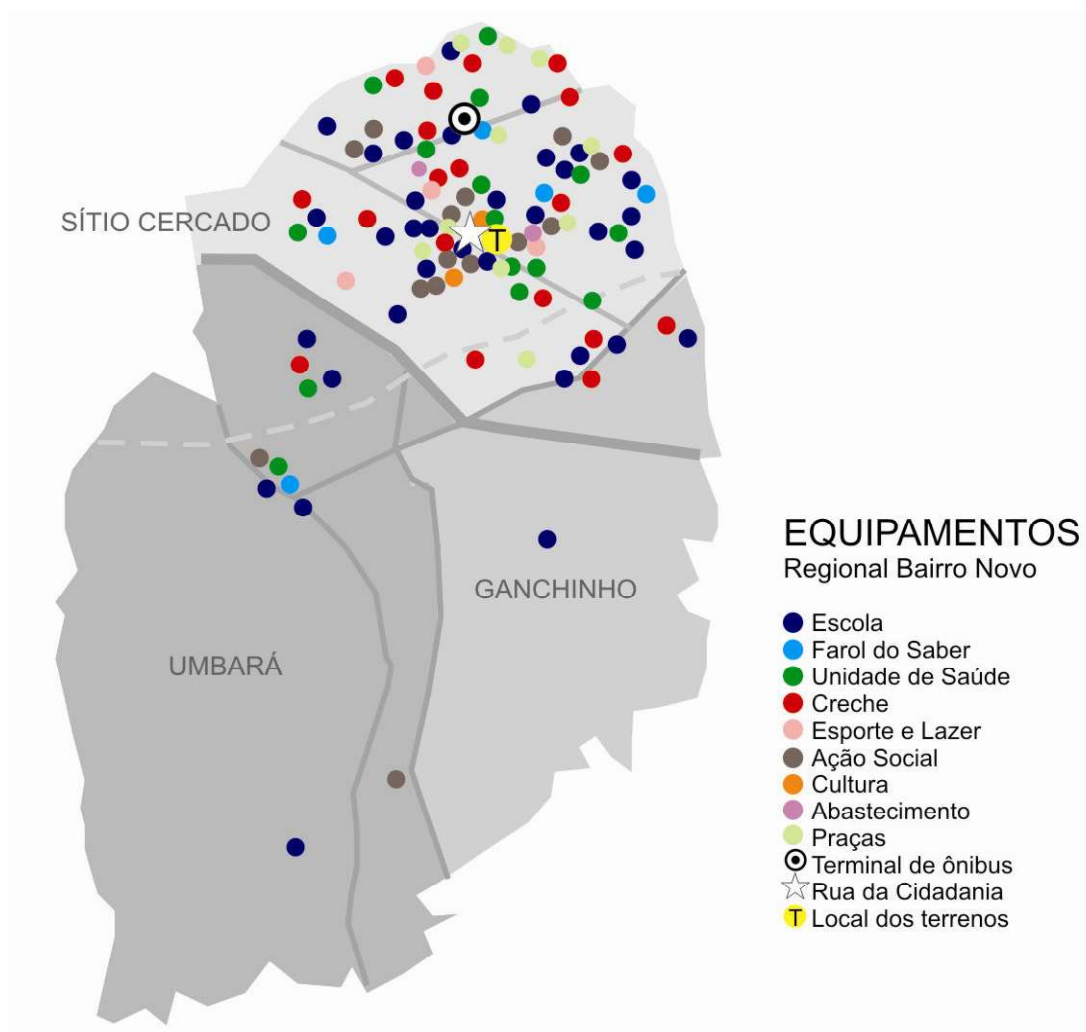
Figura 126 – Concentração de comércio na Rua Izaac Ferreira da Cruz



FONTE: foto da autora

Há grande concentração de equipamentos públicos e programas municipais no bairro Sítio Cercado, como mostra a figura X. A maior concentração ocorre na área próxima à Rua da Cidadania do Bairro Novo, conferindo a este local as características de “pólo de desenvolvimento” do Linhão do Emprego. São equipamentos variados voltados à educação, abastecimento, geração de emprego e renda, saúde, cultura e lazer. Já no Umbará e Ganchinho a quantidade de equipamentos é bem menor, tendo em vista o número reduzido de pessoas a serem atendidas.

Figura 127 – Localização dos equipamentos urbanos



FONTE: elaborado da autora

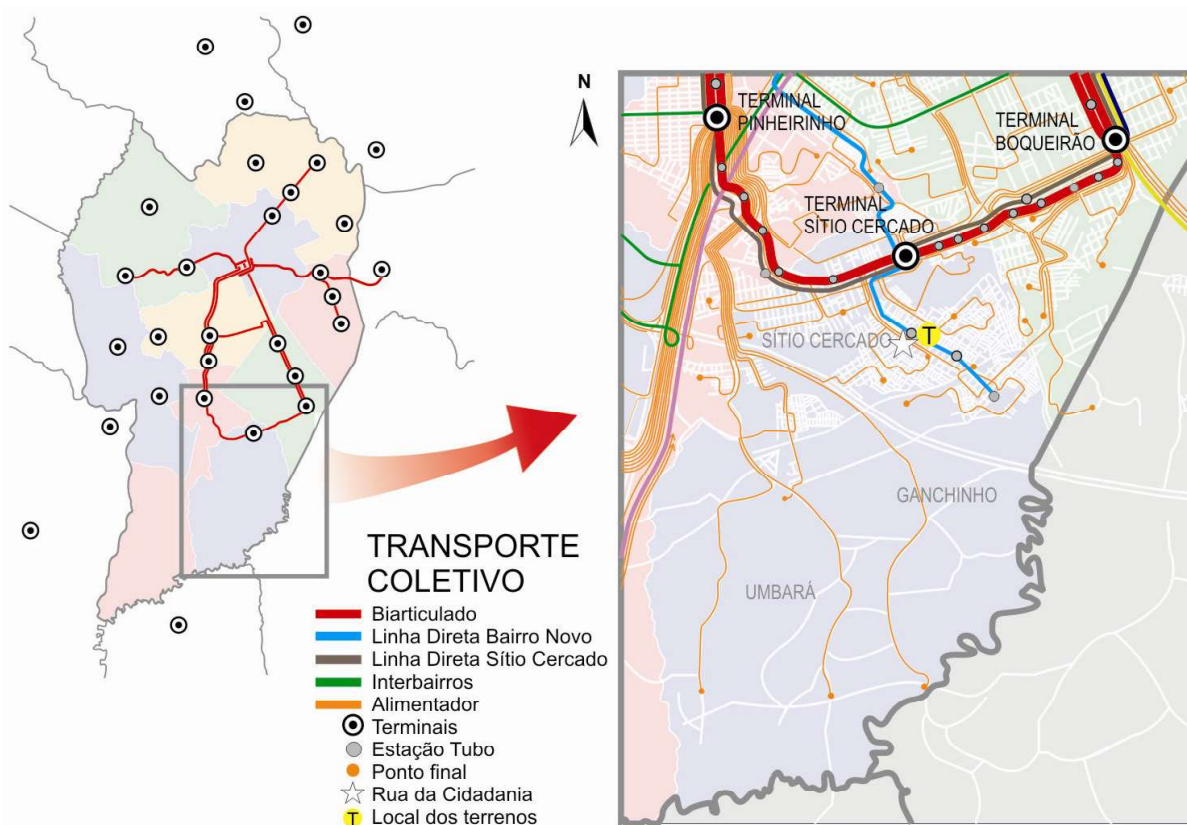
Apesar da grande quantidade de equipamentos, principalmente no Sítio Cercado, há insuficiência na oferta dos serviços públicos, já que a demanda na região é muito ampla. O fato de se tratar de uma população mais carente faz com que as famílias dependam mais dos serviços públicos, já que muitos não dispõem de condições financeiras para bancar tais serviços em estabelecimentos privados. O estudo do IPPUC, “A Regional Desejada”, aponta diversos investimentos que devem ser realizados na região, incluindo a implantação de novos equipamentos e ampliação dos já existentes, evidenciando que os serviços não atendem adequadamente a demanda local.

Na questão da cultura, o IPPUC aponta como uma necessidade imediata a criação de novos espaços culturais com estrutura adequada à prática de atividades que exigem recursos específicos (palco, coxias, camarins, aparelhagem de som, computadores, entre outros). Apesar de o mapa anterior mostrar que existem dois equipamentos culturais na regional, deve-se lembrar que estes dois espaços se referem às salas improvisadas e de dimensões

insuficientes da FCC já apresentadas nesta pesquisa. No estudo do IPPUC, há inclusive uma sugestão de implantação de um centro cultural no bairro Sítio Cercado, em alguma área próxima à Rua da Cidadania, justificando mais uma vez o tema do TFG.

Em relação ao transporte coletivo, pode-se dizer que a Regional Bairro Novo está conectada ao resto da cidade através da RIT (Rede Integrada de Transporte), já que é abastecida por linhas de ônibus que levam os passageiros em direção aos terminais de transporte, permitindo assim a conexão com outras linhas através de uma única passagem.

Figura 128 – Transporte Coletivo



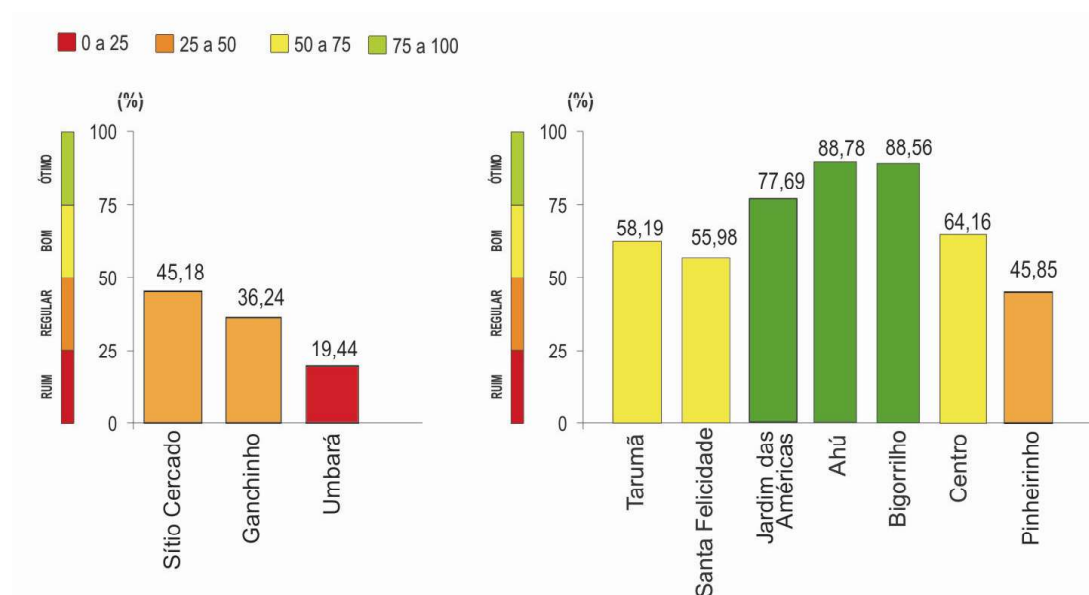
FONTE: elaborado pela autora

A linha de biarticulado denominada Circular Sul é uma das principais da regional, pois realiza a conexão de passageiros do Terminal Sítio Cercado com os dois terminais mais próximos, e, conseqüentemente, com o centro da cidade pelo sistema de integração. A Linha Direta Bairro Novo (Ligeirinho) também exerce um papel fundamental na região, pois faz a ligação do Terminal com o pólo de desenvolvimento próximo à Rua da Cidadania, já que este local concentra um grande número de equipamentos e serviços. Apesar deste pólo não estar próximo do terminal, o sistema de integração permite o fácil e rápido acesso aos equipamentos do local através da Linha Direta.

Uma das maiores reclamações dos moradores do Umbará e Ganchinho é em relação ao transporte. Analisando o mapa, pode-se observar que não há uma linha que conecte os dois bairros diretamente ao Sítio Cercado, sendo que este é o bairro mais próximo que oferta variedade de serviços. Há apenas linhas que os conectam ao Terminal do Pinheirinho, fato que pode ser considerado bom, embora fique evidente a carência de um ônibus que leve os moradores do Umbará e Ganchinho à um pólo de serviços mais próximo como o Sítio Cercado.

Com base nos indicadores da regional aqui apresentados e alguns outros referentes à educação, saúde, transporte e habitação, o IPPUC apresentou em 2005 um índice sintético que mostra o grau de desenvolvimento de cada bairro e o nível de qualidade de vida dos mesmos. Os resultados não foram satisfatórios, principalmente no bairro Umbará, o qual apresenta uma das piores condições da cidade, ficando na frente apenas para do bairro Parolim. Entre os três bairros de regional, o que apresenta qualidade de vida melhor é o Sítio Cercado, com índice de desempenho de 45,18%. Porém, esse não é um índice satisfatório, já que a situação ideal para desenvolvimento em Curitiba corresponde a 100%. Comparando os índices de alguns bairros do Sul da cidade (Regional Bairro Novo, Pinheirinho e Boqueirão) com os demais (figura X), percebe-se que os bairros com pior qualidade de vida estão realmente no Sul, caracterizando a área mais carente da Curitiba. Isso requer a atenção de políticas públicas para a implantação de equipamentos e projetos na área, sendo necessários investimentos que atendam necessidades básicas de moradia, educação, saúde, transporte e lazer, além de políticas e equipamentos culturais que favoreçam o desenvolvimento da comunidade.

Figura 129 – Índice de qualidade de vida



FONTE: <http://www.ippuc.org.br>

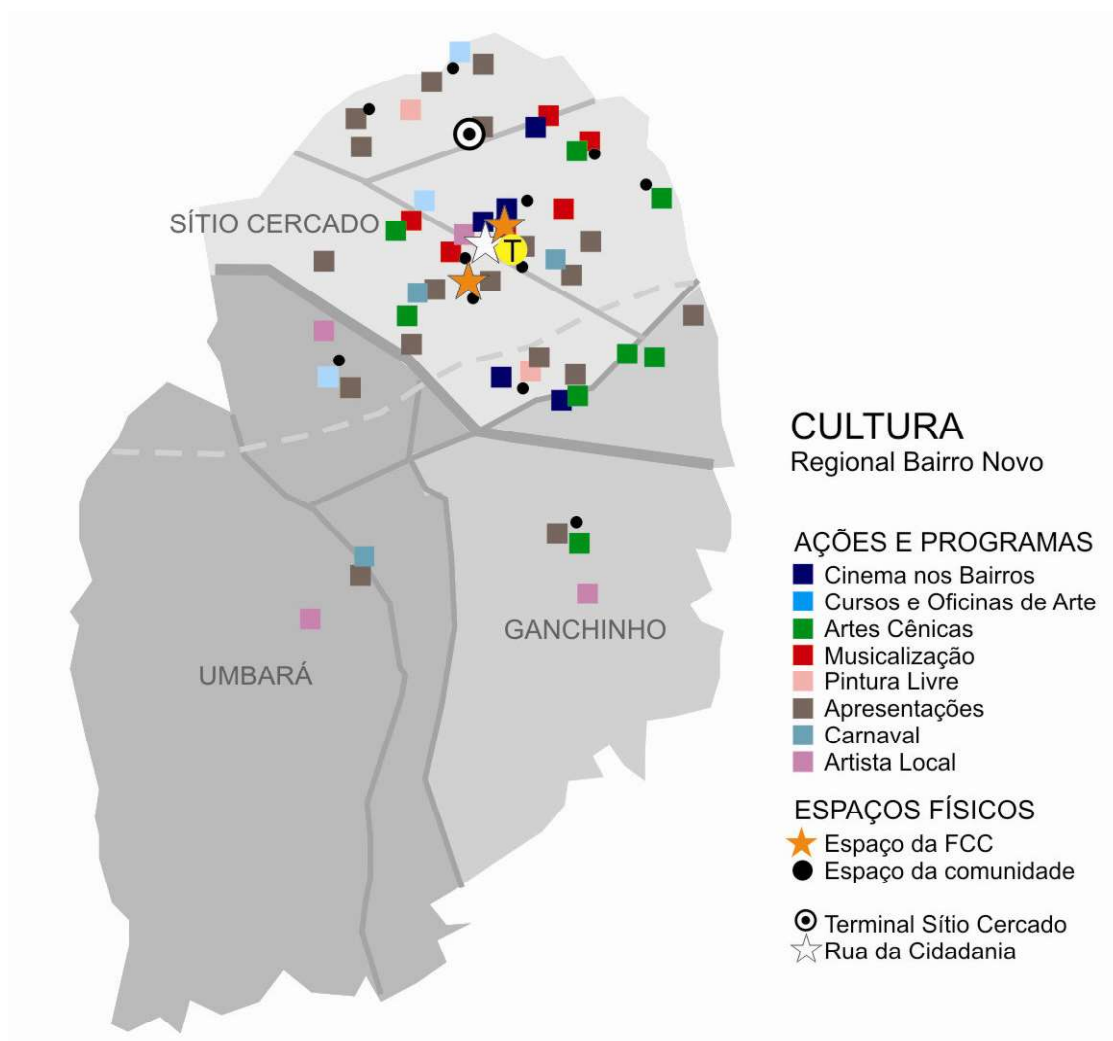
5.2.2 A questão da cultura

De acordo com a entrevista realizada com a coordenadora da FCC na Regional Bairro Novo, Luzia Simplicio, são oferecidas atualmente na regional, nas duas salas improvisadas da FCC, algumas atividades permanentes, entre elas aulas de música (bateria, cavaquinho, flauta doce, guitarra, teclado, violão, musicalização infantil, técnica vocal), aulas de dança (*ballet* contemporâneo, dança do ventre), oficinas de literatura, oficinas de artes visuais (desenho artístico, história em quadrinhos, mangá, pintura em tela) e *yoga*. Além dessas atividades mais comuns, há também aquelas que enfocam as manifestações culturais locais, como a oficina de “contos de histórias do bairro”, que visa exercitar o corpo e a voz, e a oficina de *graffiti*.

Paralelamente a estas atividades permanentes, ocorrem na Regional Bairro Novo a programação do “Arte por onde você anda”, os quais acontecem em estabelecimentos diversos e descentralizam as atividades de um único ponto. São apresentações de peças teatrais, música, folclore, sessões de cinema, oficinas de artesanato, desenho, conto de histórias, *graffiti*, além de eventos como baile da 3ª. idade, carnaval, comemoração do aniversário de Curitiba e encontros de artistas relacionados às manifestações locais.

Como já citado em capítulos anteriores, há várias ações culturais na Regional Bairro Novo, embora não exista um equipamento específico para a prática de atividades do gênero. Os únicos espaços físicos disponíveis são as duas salas da FCC e os espaços da comunidade, como associações, salões paroquiais, entre outros. O mapa a seguir ilustra a abrangência das ações culturais, as quais se distribuem de modo mais homogêneo pelo território, embora as salas da FCC se concentrem próximo à Rua da Cidadania. Vale lembrar que mesmo com a proposta de implantação de um centro cultural na região, as ações descentralizadas devem continuar ocorrendo, a fim de que seja atingido um número maior de pessoas.

Figura 130 – Localização dos equipamentos e programas culturais



FONTE: elaborado da autora

Segundo um levantamento realizado pelo antropólogo Ozanam de Souza em 2007, a Regional Bairro Novo conta com algumas manifestações culturais espontâneas. De acordo com Ozanam, “entende-se por manifestações espontâneas as atividades de natureza artística-cultural que existem e se manifestam de forma autônoma dos agentes públicos”. Porém, estas atividades possuem estreitos vínculos com a FCC, a qual apóia as referentes manifestações e estabelece parcerias com as mesmas. Como manifestações que refletem a cultura local podem ser citadas as atividades e eventos seguintes:

- Folia de Reis - celebração de cunho religioso da cultura católica tradicional brasileira;
- Grupos de *hip hop*, *rap* e *street dance*;
- *Graffiti*;
- Associação Kanaombo - cultura negra, dança afro-brasileira;
- Canja de viola - encontro em um bar aos domingos de violeiros, duplas sertanejas, seresteiros e sanfoneiros;

- Ensaios e apresentações de Fandango (dança proveniente da cultura caiçara do litoral paranaense) e dança gaúcha;
- Apresentações teatrais de cunho religioso - paixão de Cristo, autos de natal e corais;
- Bandas musicais diversas.

Entre estas manifestações culturais, destacam-se o *hip-hop* e *graffiti*, já que são expressões características da maioria dos jovens da região e que possuem um grande número de adeptos. No geral, os envolvidos se caracterizam por pertencerem a bairros cujo rendimento familiar é relativamente baixo, e a marca da cultura destes grupos é o culto à “zona própria”. Tratam de expressões culturais que, infelizmente, são consideradas marginais pela população, embora envolvam uma gama de elementos positivos como respeito ao próximo, desenvolvimento da arte e valorização da própria identidade.

Hip-hop

O movimento *hip-hop* teve início em 1960 em Nova York, Estados Unidos. Era uma forma de reação aos conflitos sociais e à violência sofrida pelas classes menos favorecidas da sociedade urbana. O *hip-hop* se trata de uma “cultura das ruas”, sendo composto por algumas manifestações artísticas: o canto do *rap*, a instrumentação dos DJs, a dança do *street dance* e a pintura do *graffiti*. A população da periferias de faz ouvir através destes elementos, protestando através da imagem, da dança e da música contra o preconceito racial, a miséria e a exclusão. Como movimento cultural, o hip-hop tem servido como ferramenta de integração social e mesmo de re-socialização de jovens das periferias no sentido de romper com essa realidade. As roupas largas que caracterizam este movimento vem da flexibilidade corporal que os movimentos da dança requerem, facilitando assim algumas manobras e contribuindo para o efeito visual da dança.

Na Regional Bairro Novo, os jovens adeptos ao movimento hip-hop tem presença marcada nos finais de semana, principalmente no programa Comunidade Escola. Segundo o estudo do antropólogo Ozanam na regional em 2007, esse movimento assume a condição de demanda reprimida no local, ou seja, trata-se de uma manifestação cultural significativa para os jovens da região, embora conte apenas com poucos apoios dos programas culturais ali presentes. Em 2006, um grupo que ensaia em um espaço emprestado pela comunidade foi participar do Encontro de Hip-Hop em São Paulo patrocinados pela SME (Secretaria Municipal de Educação), e em 2007 produziu um CD com o apoio da FAP (Faculdade de Artes do Paraná) e da SME, além de terem conseguido a doação de um *micro system*. Participaram também de um fórum de dança no Parque São Lourenço e frequentaram demais atividades promovidas pela FCC. Porém, a grande demanda deste movimento na região aliada à falta de alternativas de espaços de cultura e lazer para estes jovens leva os

adeptos do movimento a um risco eminente de se relacionarem com drogas e violência interpessoal. Portanto, há necessidade de apoio e investimento em questões que envolvam o *hip-hop*, a fim de que esta expressão cultural se torne um aliado no desenvolvimento dos indivíduos, e não um vilão ligado a atividades marginais como vem sendo infelizmente tratado pelo restante da população.

Figura 131 – Grupo “Calça Larga” na Regional Bairro Novo



FONTE: <http://www.curitiba.pr.gov.br>

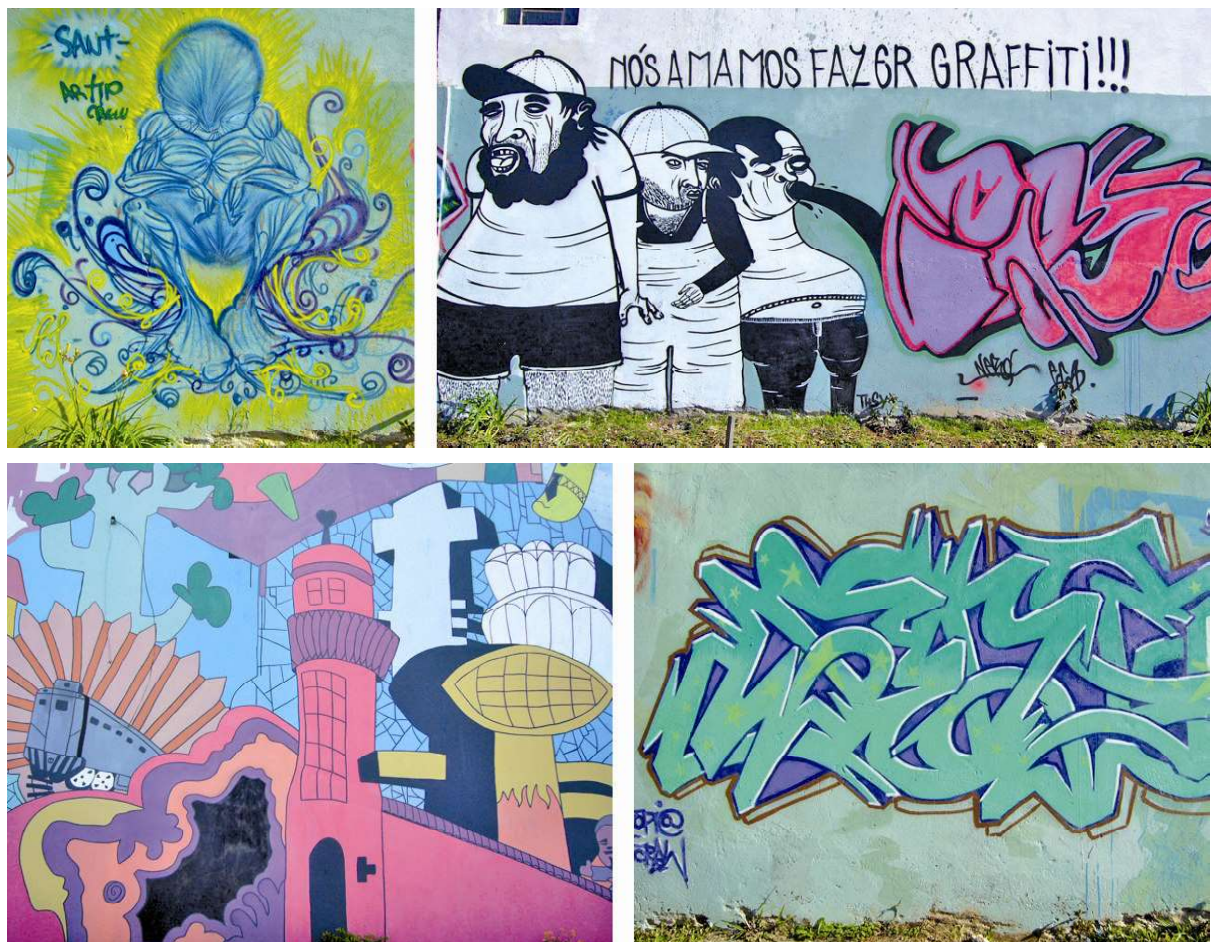
Graffiti

O *graffiti* pode ser considerado uma forma de intervenção e transgressão no espaço urbano, onde os adeptos se apropriam de locais da cidade para se manifestar e fazer arte, sem o consentimento prévio de autoridades ou moradores. O *graffiti* utiliza tintas como material e a cidade como suporte, e assim, cria imagens que subvertem valores e que são consideradas, na maioria das vezes, como marginais à cultura. O *graffiti* surgiu entre grupos de jovens engajados artisticamente, o que levou a uma linguagem mais elaborada dos desenhos, com preocupações estéticas e atenção ao suporte. Os grafiteiros não pretendem agredir o espaço urbano, do qual eles mesmos fazem parte, mas sim desmistificar os símbolos de dominação cultural deste espaço, chamar a atenção para o descaso da cultura e também para o melhor aproveitamento dos espaços da intervenção, os quais correspondem geralmente a casas abandonadas ou muros de terrenos baldios. Trata-se de um meio de comunicação que expressa em muros e demais suportes as opiniões políticas e sociais do artista. Uma das diferenças entre o *graffiti* e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita, ou seja, o *graffiti* privilegia a imagem; a pichação, a palavra.

De acordo com o levantamento de Ozanam, foram encontradas na Regional Bairro Novo várias pessoas que desenvolvem este tipo de arte urbana. São pessoas ou clios, como são conhecidos no meio, que desenvolvem trabalhos em muros particulares, praças públicas e equipamentos sociais. Quando as atividades são desenvolvidas em espaços públicos, a FCC apóia os grafiteiros através do fornecimento de tintas, sprays, pincéis e transporte ao local da

intervenção, e em troca recebe o trabalho voluntário dos artistas para manter os muros livres de futuras pichações. Para os grafiteiros, esta é uma ótima oportunidade de mostrar sua arte, tendo em vista o custo dos materiais e o fato de o *graffiti* ser um arte ainda considerada marginal pela maioria da população.

Figura 132 – *Graffiti* na Regional Bairro Novo



FONTE: fotos da autora

Tendo em vista a diversidade e quantidade de atividades ofertadas pela FCC na Regional Bairro Novo, torna-se imprescindível implantar no local um equipamento específico com os recursos técnicos necessários para a realização destes cursos. Os variados tipos de atividades culturais que foram apresentados neste capítulo têm como objetivo guiar o programa arquitetônico do edifício a ser elaborado para o TFG, já que se tem como objetivo criar espaços que abriguem as atividades já oferecidas pela FCC, bem como novas atividades que pareçam pertinentes ao contexto cultural local. Assim, serão propostas salas e demais espaços que ofereçam o dimensionamento e recursos técnicos adequados para abrigar as atividades pretendidas. Além disso, as “manifestações culturais espontâneas”

deverão ser valorizadas através de atividades e espaços físicos adequados permitam a ampliação de sua difusão na comunidade.

5.3 DIRETRIZES PARA A NOVA PROPOSTA

5.3.1 Diretrizes gerais

Segundo Requixa (1977), as medidas adotadas para a implantação de um espaço cultural devem considerar o que mais convém para a comunidade, estando de acordo com sua posição geográfica, atividades e hábitos da população, número de habitantes, entre outros dados. Portanto, é imprescindível que as ações para a criação do centro cultural em questão se baseiem nos indicadores da Regional Bairro Novo apresentados nos capítulos anteriores, a fim de que sejam adotadas as medidas corretas de acordo com a realidade do local. Portanto, todos os aspectos físicos, sociais, urbanísticos e culturais levantados nesta pesquisa serão utilizados para traçar as diretrizes do projeto. Além disso, os estudos de caso realizados permitem chegar a algumas sugestões para o projeto, tendo em vista os aspectos positivos e negativos dos projetos analisados. Vale lembrar que o estudo de Teixeira Coelho realizado em 2007 e intitulado “Para um centro público de cultura na Regional Bairro Novo” serviu como referência teórica para determinar as diretrizes do centro cultural em questão.

A idéia principal do projeto é criar um estabelecimento que contenha os recursos necessários para o desenvolvimento de atividades culturais, estimulando a produção artístico-cultural e a melhoria do nível intelectual da comunidade. Além disso, o centro proposto pretende democratizar o acesso à cultura, desmistificando a idéia de que freqüentar um espaço cultural é um privilégio da elite. Por isso, o centro pretende atender uma população desfavorecida na questão de espaços de cultura e lazer, tendo em vista a concentração dos mesmos em áreas centrais da cidade e a carência de equipamentos culturais na região Sul, mais especificamente na Regional Bairro Novo. Pretende-se também valorizar a cultura local e abrir oportunidades de contato com novas expressões culturais.

Segundo Coelho (2007), os centros culturais podem ser divididos em dois tipos: os centros clássicos de cultura e os centros culturais de proximidade. Os centros clássicos são geralmente maiores e com uma oferta de espaços mais genérica, podendo ser instalado em qualquer lugar da cidade. Já um centro cultural de proximidade é menor e possui características físicas e sociais mais adaptadas ao local, pois trabalha com um universo mais restrito e seu público é quase sempre o mesmo, dificilmente atraindo pessoas de outras regiões. Isso faz com que a escala dos espaços ofertados em um centro cultural de proximidade seja menor, além dos espaços serem bastante flexíveis quanto ao uso, já que se

trabalha com pequenos grupos que não têm todos os mesmos interesses culturais. Porém, nada impede que um centro de proximidade atraia visitantes de outras áreas, o que pode ser considerado muito benéfico na questão de intercâmbio de informações e abertura para outras realidades.

Naturalmente, é de se pensar que o tipo de centro ideal a ser implantado na Regional Bairro Novo é o de proximidade, já que o objetivo não é atender toda uma cidade, mas sim apenas uma porção dela, além dos principais objetivos serem a valorização da cultura local e atendimento das necessidades específicas da mesma. Porém, Coelho (2007) retrata que um centro cultural de proximidade atende comunidades não maiores de 10 a 15 mil pessoas, o que não se adapta ao público em questão, já que só na Regional Bairro Novo existem aproximadamente 140.000 habitantes. Esse volume populacional pode ser considerado, para todos os efeitos, uma cidade relativamente grande e, que além de tudo, está longe do centro de Curitiba. Sendo assim, o espaço proposto deverá oferecer no local aquilo que um processo cultural amplo ofertaria comumente em outros locais aos quais a população da regional tratada, por distintas razões, normalmente não tem acesso. Além disso, vale considerar que o centro cultural atenderá não somente a população da regional Bairro Novo, mas também as pessoas de outros bairros interessadas em produzir cultura, principalmente das regionais vizinhas Pinheirinho e Boqueirão. Isso porque a região Sul de Curitiba apresenta grande carência na questão de equipamentos de cultura e lazer, o que faz do centro cultural proposto um grande atrativo para a população das regionais próximas.

Portanto, seria incorreto adequar o edifício a todas as características de um centro de proximidade. Diante do volume da população da regional, imagina-se um centro em escala maior que a proposta para os centros de proximidade, sendo um centro de porte médio que funcionaria como pólo de distribuição cultural para centros-satélites, que no caso são os equipamentos não específicos de cultura e lazer utilizados para ações culturais descentralizadas (escolas, associações, entre outros).

De acordo com a coordenadora Luzia da FCC do Bairro Novo, a população que participa das atividades e programas da FCC na regional é de aproximadamente 8.000 pessoas por mês. Vale lembrar que este número se refere às atividades diversas desenvolvidas em qualquer espaço da regional, e não somente nas salas de domínio da FCC. Com a implantação do novo centro cultural, imagina-se que este número passe a no mínimo 16.000, tendo em vista a ampliação dos espaços físicos e o aumento da diversidade e qualidade das modalidades oferecidas. Além disso, somam-se as pessoas que serão atraídas de outras regionais, levando-se em consideração o impacto que centro cultural causará na população da região sul de Curitiba. Portanto, acredita-se que o centro cultural passaria a atender uma média de 20.000 pessoas por mês.

O centro cultural proposto compreenderá três funções básicas influenciadas pelo estudo proposto por Teixeira Coelho: produção do bem cultural, distribuição do bem cultural e uso do bem cultural. A produção do bem cultural se refere ao ato da criação, em que os usuários poderão, por exemplo, compor uma música ou pintar uma tela. Já a distribuição do bem cultural pode ser exemplificada pela venda da tela produzida ou por uma apresentação ou show da música que foi composta. Esta função é muito importante, principalmente para a população mais carente da região, uma vez que dá a opção da cultura como geradora de renda. Por fim, o uso do bem cultural se refere à oferta de condições apropriadas para a produção ou consumo da cultura, a fim de que a atividade ofertada seja efetivamente realizada e compreendida, agregando assim algo positivo na vida da pessoa. Como exemplo, o centro pode publicar folhetos que falem do filme a ser assistido ou pode contratar um especialista que discuta o filme após sua projeção, sendo importante o fornecimento de um embasamento teórico nas atividades ofertadas a fim de que não se formem meros consumidores passivos de cultura. O uso do bem cultural se dá também pela oferta de equipamentos e condições físicas adequadas para o consumo e produção da arte, como por exemplo, uma sala de exposições climatizada corretamente a fim de que as obras de arte não sofram degradação.

Desse modo, as atividades e espaços do centro cultural serão ofertados de modo a promover a instrução, a produção, a interpretação e a crítica na questão cultural. Os espaços deverão ser projetados para abrigar atividades artísticas, educacionais, intelectuais, manuais e de expressão corporal, além de existirem espaços que possam proporcionar a realização de eventos de caráter cultural. Além disso, as atividades culturais também estarão diretamente conectadas à idéia de lazer, pois ocuparão o tempo livre da comunidade com atividades que proporcionem prazer, possibilitem o crescimento do indivíduo e a convivência social.

As atividades ofertadas no centro cultural englobarão as já oferecidas pela FCC atualmente e mais algumas outras não existentes na regional que possam contribuir para o desenvolvimento dos cidadãos. As atividades também serão baseadas nos indicadores culturais levantados pelo antropólogo Ozanam, procurando oferecer espaços que possam servir de apoio às manifestações culturais existentes na regional, valorizando-as, como no caso do movimento *hip-hop*, do *graffiti*, da música sertaneja, entre outros. Porém, o centro deve estar também aberto às práticas culturais novas e que vêm de fora, ampliando os direitos culturais dos cidadãos, mas jamais esquecendo de preservar a memória local. É importante que sejam estimuladas atividades fora do centro cultural proposto, principalmente em outras regiões da cidade, a fim de que haja um intercâmbio cultural, estimulando assim o respeito pelas expressões culturais de grupos distintos. Como citado em um capítulo anterior,

a exclusão social pode ser muitas vezes fruto da falta de conhecimento da cultura alheia, o que conseqüentemente gera desrespeito ao próximo.

5.3.2 Diretrizes arquitetônicas

Mais especificamente para o projeto de arquitetura do centro cultural, buscou-se seguir algumas das diretrizes expostas por Requixa (1977) em sua sugestão na concepção de espaços de cultura e lazer. As sugestões foram adaptadas para o centro a ser proposto:

- a) Implantar o equipamento em local de fácil acesso, priorizando a ligação com o transporte coletivo já atuante;
- b) Relacionar o prédio com o entorno, criando vínculos e eixos de ligação com os espaços próximos;
- c) Adaptar o edifício aos condicionantes físicos (clima, ventos, incidência solar, entre outros), de modo que se tenha o máximo de eficiência energética;
- d) Propor um equipamento funcional, além de economia na construção e na manutenção do mesmo;
- e) Dimensionar os espaços conforme a demanda e as necessidades da população, sendo no caso para um público de 20.000 pessoas;
- f) Propor espaços flexíveis e passíveis de transformação, a fim de que possam ser adaptados conforme as diferentes necessidades e mudanças na programação, tendo em vista a amplitude e variedade do repertório cultural que um centro deste tipo oferece;
- g) Criar áreas comuns a fim de que haja intercâmbio de idéias e convívio social;
- h) Propiciar áreas abertas em face do crescimento das cidades e da constante redução do espaço ao ar livre. Pode ser, por exemplo, um teatro de arena, uma concha acústica ou uma praça para apresentações de artistas e convivência;
- i) Incluir pequenas áreas verdes para propiciar o contato do homem com a natureza;
- j) Os espaços externos devem possuir iluminação artificial a fim de que atividades noturnas possam ser praticadas;
- k) Conjuguar eficiência e estética, dando às cores e materiais a possibilidade de distinguir determinados espaços e atividades;
- l) Expressar a cultura local através de aspectos plásticos na arquitetura;
- m) Projetar um espaço dotado de acessibilidade, de modo que deficientes possam freqüentar o recinto sem maiores dificuldades;

- n) Conceber espaços de acordo com as premissas técnicas que os mesmos requerem, atentando para fatores como a acústica em auditórios, climatização de salas de exposições, visibilidade em cinemas, entre outros.

Tendo como base essas diretrizes arquitetônicas apresentadas, optou-se por ir mais a fundo em algumas delas, já que há questões que deverão ser tratados com mais atenção no projeto devido a sua importância e relação com o contexto no qual o projeto se insere. Estas questões mais importantes estão divididas em quatro partes conforme a metodologia utilizada nos estudos de caso. Enquadradas em *contexto histórico, urbano e social* estão as questões de facilidade de acesso ao equipamento, relação com o entorno e apropriação pela comunidade. Em *aspectos funcionais* se encaixam as questões funcionalidade, flexibilidade dos espaços e áreas de convívio. Nos *aspectos técnicos e construtivos* estão os fatores construtibilidade, conforto ambiental e eficiência energética. Por fim, enquadrada nos *aspectos plásticos*, está a questão da expressividade.

Para um estudo mais específico, foram elaborados quadros comparativos que relacionam o fator tratado e sua aplicação em alguns edifícios, a fim de que sejam percebidas as potencialidades e falhas do projetos na questão tratada. A partir desta avaliação, serão formuladas sugestões para o novo centro cultural com o objetivo de aproveitar as idéias que deram certo e eliminar as que não se mostraram tão eficientes. Os edifícios utilizados para a comparação foram os mesmos dos estudos de caso realizados nesta pesquisa, tendo em vista o prévio conhecimento dos mesmos.

Contexto histórico, urbano e social

Um dos fatores que deverá estar presente no projeto é a *facilidade de acesso* ao equipamento. Essa questão pretende sugerir qual a localização ideal para o equipamento, a fim de que os usuários possam se dirigir ao mesmo de modo fácil e rápido.

Tabela 1 – Facilidade de acesso

FACILIDADE DE ACESSO					
		ótimo	bom	regular	insuficiente
POMPIDOU	SESC POMPÉIA	PAÇO CULTURAL	MUMA	C. CRIATIVIDADE	
- Localização central; - Transporte coletivo; - Estacionamento amplo.	- Região não central; - Transporte coletivo; - Sem estacionamento	- Localização central; - Transporte coletivo; - Sem estacionamento	- Terminal em frente; - Vias de acesso importantes; - Estacionamento amplo.	- Proximidade parque; - Transporte coletivo; - Estacionamento pequeno.	
SUGESTÕES PARA A NOVA PROPOSTA: - Localização beneficiada pelo sistema de transporte coletivo, com ponto de parada próximo; - Sistema de “integração” com estação tubo ou terminal para pagamento de uma única passagem; - Implantar o espaço em uma espécie de “centro” do bairro ou pólo de desenvolvimento; - Estacionamento próprio ou integrado com outro equipamento público.					

FONTE: elaborado pela autora

Outro fator que deve estar presente no projeto é a forte *relação do edifício com o entorno*, já que o prédio deve estar integrado no seu contexto urbano, fazendo dos espaços que o envolvem elementos da sua arquitetura.

Tabela 2 – Relação com o entorno

RELAÇÃO COM O ENTORNO				
POMPIDOU	SESC POMPÉIA	PAÇO CULTURAL	MUMA	C. CRIATIVIDADE
- Praça; - Comércio envolvente relacionado; - Contraste intrigante e polêmico.	- Identidade operária de acordo; - Rua interna permite continuidade.	- Praça; - Conexão direta com exterior; - Referência histórica.	- Galeria; - Integração de espaços (praça e terminal).	- Parque; - Articulação entre edifícios diferentes.
SUGESTÕES PARA A NOVA PROPOSTA: - Estabelecer conexões com equipamentos públicos próximos, criando eixos e espaços abertos que articulem os edifícios envolventes; - Identificar a tipologia das construções envolventes e optar por um contraste instigante ou harmonia; - Criar espaços abertos e com permeabilidade do público, como praças ou passagens de pedestres.				

FONTE: elaborado pela autora

A *apropriação pela comunidade* também é um fator importante para o projeto. O edifício deve estimular através de seus espaços e atividades a participação popular, otimizando o seu uso a fim de evitar um espaço ocioso.

Tabela 3 – Apropriação pela comunidade

APROPRIAÇÃO PELA COMUNIDADE				
POMPIDOU	SESC POMPÉIA	PAÇO CULTURAL	MUMA	C. CRIATIVIDADE
- Milhares de visitantes diariamente; - Ótimo hábito dos franceses em cultura.	- Participação ativa da comunidade; - Local convidativo; - Espaço de encontro; - Identidade local.	Ainda não se sabe.	- Pouca utilização do espaço; - Descaso das autoridades; - Marginalidade.	- Grande procura pelas atividades; - Proximidade com o parque estimula sua utilização.
SUGESTÕES PARA A NOVA PROPOSTA: - Oferecer atividades e espaços que correspondam aos interesses da comunidade; - Mesclar o espaço público com o privado através de uma transição quase imperceptível; - Propor espaços e atividades que possibilitem atrair um público mais amplo, como cinema e auditório; - Localizar o edifício local de fácil acesso e alta densidade populacional. - Valorizar a cultura local, ofertando atividades que evidenciem a identidade dos indivíduos da comunidade.				

FONTE: elaborado pela autora

Aspectos funcionais

Um dos determinantes do edifício proposto deve ser a sua *funcionalidade*, a fim de que sejam propostos espaços de uso prático e de compreensão imediata.

Tabela 4 – Funcionalidade

FUNCIONALIDADE					
		ótimo	bom	regular	insuficiente
POMPIDOU	SESC POMPÉIA	PAÇO CULTURAL	MUMA	C. CRIATIVIDADE	
- Planta livre; - Distribuição de atividades por andar; - Clareza nos espaços e na circulação.	- Boa setorização; - Área esportiva: duas torres (serviço e ativ.); - Planta livre na antiga fábrica;	- Distribuição das atividades pavimento; - Reciclagem exige adaptação ao pré-existente.	- Edifício contruído para outro fim e adaptado. Não há uma setorização definida.	- Divisão das atividades por blocos; - Adaptação de edifício pré-existente.	
SUGESTÕES PARA A NOVA PROPOSTA: - Agrupar próximos os espaços com atividades semelhantes; - Criar espaços livres e fluidos, de preferência com uma modulação pré-estabelecida; - Estabelecer uma circulação clara de modo a facilitar o deslocamento do usuário no edifício. - Criar um programa com setorização dos espaços (serviço, área comum,...)					

FONTE: elaborado pela autora

Outro fator imprescindível para os espaços do edifício a ser proposto é a *flexibilidade dos espaços*, tendo em vista a variedade de atividades que utilizarão os mesmos espaços, havendo necessidade de adaptação.

Tabela 5 – Flexibilidade dos espaços

FLEXIBILIDADE DOS ESPAÇOS					ótimo	bom	regular	insuficiente
POMPIDOU	SESC POMPÉIA	PAÇO CULTURAL	MUMA	C. CRIATIVIDADE				
- Planta livre permite qualquer adaptação; - Circulação à parte.	- Planta livre na antiga fábrica permite adaptações; - Ateliês e quadras esportivas“universais”.	- Preservação do patrimônio limita a intervenção na planta; - Espaço pré-compartimentado.	- Apesar de ser uma adaptação, os espaços são livres e podem ser utilizados de diversos modos.	- Apesar de ser uma adaptação, os espaços são livres e podem ser utilizados de diversos modos.				
SUGESTÕES PARA A NOVA PROPOSTA: - Propor espaços grandes, de modo que o uso não fique limitado à compartimentação excessiva da planta; - Propor espaços “universais”, de modo que possam se adaptar a atividades diversas; - Agrupar atividades que requerem os mesmos recursos técnicos em um mesmo espaço; - Utilizar na parte interna do edifício estrutura e vedação fáceis de serem transformadas ou removidas.								

FONTE: elaborado pela autora

A existência de áreas de convívio se torna fundamental no centro cultural em questão para possibilitar a integração social e troca de informações.

Tabela 6 – Áreas de convívio

ÁREAS DE CONVÍVIO				
POMPIDOU	SESC POMPÉIA	PAÇO CULTURAL	MUMA	C. CRIATIVIDADE
- Praça externa; - Grande hall.	- Rua interna; - Sala de Estar; - Solarium.	- Livraria e café articulados com área de convívio; - Praça externa.	- Foyer que serve como praça interna e galeria; - Praça externa.	- Parque; - Pátio coberto que articula os blocos.
SUGESTÕES PARA A NOVA PROPOSTA: - Propor espaços internos amplos que favoreçam a integração social e a troca de informações, podendo estar articulados com cafés, área de exposições e apresentações. - Criar um espaço externo que integre a comunidade em geral, podendo ser uma praça, por exemplo.				

FONTE: elaborado pela autora

Aspectos técnicos e construtivos

Deve-se prezar pela *construtibilidade* do edifício, sendo esta uma característica de facilidade e rapidez da construção. Trata-se, em geral, da simplicidade e agilidade do método construtivo, embora isso não seja sinônimo de uma arquitetura pobre.

Tabela 7 – Construtibilidade

CONSTRUTIBILIDADE				
POMPIDOU	SESC POMPÉIA	PAÇO CULTURAL	MUMA	C. CRIATIVIDADE
- Esqueleto metálico e vedação em vidro; - Modulação, - Boa solução estrutural; - Dificuldade de transporte das peças;	- Poucas alterações na antiga fábrica; - Edifícios novos: solução estrutural simples e funcional, concreto aparente.	- Mantiveram o edifício original. - Cobertura "interna" com solução moderna, funcional e eficiente.	- "Coroamento" em concreto, volume interno em vidro; - Boa solução estrutural: alguns apoios / pilares que conferem o aspecto plástico.	- Mantiveram o edifício original. - Intervenção: cobertura do pátio (treliças espaciais metálicas).
SUGESTÕES PARA A NOVA PROPOSTA: - Propor uma estrutura que permita alterações futuras devido à necessidade de flexibilidade dos espaços. - Facilitar a montagem do edifício, utilizando unidades modulares e estrutura metálica, por exemplo. - Valorizar o contraste entre materiais opacos e transparentes, utilizando estes últimos para exibir o interior do edifício aos transeuntes, aumentando assim a integração entre interior e exterior e o caráter público do edifício.				

FONTE: elaborado pela autora

Os fatores *conforto ambiental* e *eficiência energética* são de grande importância para o projeto do centro cultural. Segundo Schmid (2005), "conforto ambiental é uma idéia que comumente se associa com calor, iluminação, acústica e qualidade do ar", de modo que se proporcione aos usuários condições adequadas e agradáveis para permanência nos espaços. Já o conceito de eficiência energética é, para Lamberts (2004), "aquilo que pode ser entendido como a obtenção de um serviço com baixo dispêndio de energia". Optou-se por colocar os fatores conforto ambiental e eficiência energética no mesmo quadro pelo fato deste último estar também relacionado a questões como iluminação e calor, embora esteja ligado ao conceito de menor consumo de energia para o controle dos mesmos.

Tabela 8 – Conforto ambiental e eficiência energética

CONFORTO AMBIENTAL E EFICIÊNCIA ENERGÉTICA				
POMPIDOU	SESC POMPÉIA	PAÇO CULTURAL	MUMA	C. CRIATIVIDADE
- Pele de vidro: iluminação natural, embora os recintos mais profundos da planta livre exijam iluminação artificial. - Corredores externos que servem de proteção solar. - Necessidade de climatização artificial.	- Ventilação natural na área esportiva: “buracos” nas paredes; - Iluminação natural na fábrica por sheds; - Acústica inadequada do teatro: poucos materiais absorventes.	- Climatização artificial dos espaços com maior concentração de pessoas e de iluminação natural mais intensa; - Iluminação zenital controlada no último pavimento (vidro e inclinação adequados)	- Bons padrões de climatização das salas de exposição, embora o fechamento em vidro prejudique a conservação das obras de arte; - Galeria não retilínea dificulta a incidência da luz solar.	- Proteções solares nas janelas permitem boa iluminação natural sem incidência direta de raios solares; - Iluminação através de sheds; - Paredes espessas preservam durante o dia o frescor da noite.
SUGESTÕES PARA A NOVA PROPOSTA: - Aproveitar ao máximo a iluminação natural sem que haja ofuscamento ou calor excessivos. Para isso, as fachadas envidraçadas podem se voltar para o sul, por exemplo. - Propiciar ventilação natural cruzada em ambientes que utilizem materiais tóxicos. É o caso das tintas nos ateliers de gravura e pintura ou dos gases tóxicos expelidos pelo forno da cerâmica. - Prever isolamento acústico nas salas que abrigam atividades relacionadas à música ou à dança, a fim de que os sons emitidos não interfiram nas demais atividades do edifício. - Propor climatização artificial em auditórios, cinemas e salas de exposição, ou onde mais se julgar necessário, desde que com o um uso racional! - Integrar adequadamente sistemas naturais e artificiais de climatização e iluminação, a fim de uma boa produtividade de atividades no interior do edifício.				

FONTE: elaborado pela autora

Aspectos plásticos

Uma característica que o edifício deve apresentar é *expressividade*, tendo em vista a necessidade de valorizar a identidade da comunidade através de elementos plásticos. De acordo com alguns dicionários da língua portuguesa, expressividade é algo significativo; que manifesta por meio de gestos e atitudes; que expressa. No caso da arquitetura, essa “expressão” pode ser encontrada em elementos que comuniquem algum significado aos usuários. De acordo com a teoria semiótica empirista⁸, o objeto determina o signo, que, no caso, é o significado desse tal objeto de acordo com as interpretações da mente, e que corresponde à bagagem cultural aprendida do indivíduo (GIBSON, 1974).

⁸ De acordo com a teoria semiótica empirista, o sentido visual é, de alguma maneira, suplementado pela mente, a qual contribui com significados para o objeto percebido fisicamente. Segundo a teoria empirista, esses significados não são inatos, mas sim aprendidos, e, devido a isso, associamos a imagem dos objetos à bagagem cultural que adquirimos ao longo da vida (GIBSON, 1974).

Tabela 9 – Expressividade

EXPRESSIVIDADE				
		muito forte e marcante	marcante	comum
POMPIDOU	SESC POMPÉIA	PAÇO CULTURAL	MUMA	C. CRIATIVIDADE
- Tubulações coloridas expostas: máquina urbana.	- Detalhes que evocam o imaginário popular brasileiro.	- Edifício histórico com elementos que remetem ao passado.	- Estética padrão da linha modernista, limpa; expressa algo universal, globalizado.	- Presença de elementos da antiga fábrica de cola: preservação da memória.

SUGESTÕES PARA A NOVA PROPOSTA:

- Valorizar a cultura local através de elementos plásticos que façam remetência à identidade da população (muros com graffiti, por exemplo);
- Busca de soluções plásticas para o edifício de modo que o torne um ponto referencial na região;
- Intervir no espaço urbano com elementos provocativos que despertem a curiosidade e o sendo crítico da população, como intervenções artísticas na rua, por exemplo.

FONTE: elaborado pela autora

5.3.3 Programa e uso dos espaços

Após traçar as diretrizes gerais e arquitetônicas do centro cultural proposto, pôde-se definir o programa e o uso dos espaços. Para chegar a uma conclusão se quais seriam as atividades desenvolvidas no centro e quais os espaços necessários para as mesmas, a aluna se dirigiu novamente à coordenadora Luzia Simplicio da FCC da Regional Bairro Novo. A mesma afirmou que todas as atividades já ofertadas pela FCC no local (já apresentadas no capítulo “5.2.2 A questão da cultura”) deveriam constar no novo local, a fim de manter a continuidade da programação. Além disso, deveriam ser inseridas novas modalidades que aumentassem o repertório de atividades, oferecendo assim mais opções à comunidade. A coordenadora retratou que qualquer tipo de atividade cultural seria bem vinda: “quanto mais, melhor”. Luzia enfatizou ainda necessidade de um cinema e sugeriu ateliês nos moldes dos existentes no Centro de Criatividade de Curitiba.

Pode-se afirmar a foram as atividades que o centro cultural proposto viria a oferecer determinaram os espaços do programa arquitetônico, e por isso, algumas diretrizes relacionadas às mesmas foram elaboradas:

- Propor o maior número possível de atividades funcionando ao mesmo tempo, de modo que toda a comunidade seja atendida;
- Vincular as atividades ofertadas no equipamento proposto às outras já existentes em outros espaços da região, proporcionando um dinamismo e abrangência cultural por todo o território;
- Conduzir a determinados objetivos comunitários e educacionais, assegurando que as atividades desenvolvidas dêem continuidade técnica para trabalhos posteriores.
- Propor atividades variadas para atender a variados gostos e faixas etárias.

- e) Vincular as atividades e manifestações à cultura do próprio local, preservando assim a identidade da comunidade.
- f) Continuidade da programação.

O centro cultural disponibilizará sua estrutura para os aproximados 137.000 habitantes da Regional Bairro Novo, além dos habitantes também provenientes de outras partes da cidade. De acordo com a média que foi estipulada juntamente com a Luzia, o espaço proposto seria freqüentado por uma média de 20.000 pessoas por mês, o que se resume aproximadamente a 670 pessoas por dia. É um público com anseios e estilos de vida bastante diferenciados, mas que tem como objetivo em comum consumir e produzir cultura, entreter-se e aprender. A faixa etária vai dos 5 anos de idade em diante. Além disso, existem os funcionários e os orientadores das atividades. A população diária média prevista para os mesmos é de 30 pessoas.

Para desenvolver o programa arquitetônico, buscou-se inspiração nos edifícios já analisados nos estudos de caso, a fim de verificar quais foram os espaços interessantes criados que poderiam passar a existir na nova proposta. Para isso, foi realizado um quadro comparativo dos espaços existentes em cada projeto, incluindo até mesmo as áreas dos edifícios analisados para que fosse estabelecida uma relação de porte.

Tabela 10 – Espaços e função

ESPAÇOS E FUNÇÃO		Grande porte	Médio porte	Pequeno porte
POMPIDOU	SESC POMPEIA	PAÇO CULTURAL	MUMA	C. CRIATIVIDADE
Área construída aproximada: 103.300m²	Área construída aproximada: 23.500 m²	Área construída aproximada: 2.000 m²	Área construída aproximada: 4.800 m²	Área construída aproximada: 2.108 m²
Cinemas, bibliotecas, café, salas exposição, museu, teatro, boutique, salas de música, estúdio de música, praça, hall para convívio, estacionamento, salas de conferência, terraço, espaço para crianças, restaurante, área técnica e administrativa, sanitários.	Biblioteca, sala de exposição, espaço de convivência, sala de projeção, restaurante, chopperia, café, teatro, laboratório fotográfico, piscina, quadras esportivas, oficina, lanchonete, vestiários, salas de luta, salas de dança, atelier de cerâmica, gravura, tipografia, desenho, marcenaria, tapeçaria, sala de	Praça pública, café, livraria, loja, sala de leitura, área de convivência, sala para internet, sala de projeção, laboratório de artes digitais, sala múltiplo-uso, sala de música, sala para artes-cênicas, atelier de artes, estúdio pedagógico, estúdio de música, área técnica e administrativa, sanitários.	Cinema, auditório, sala de dança, área de convivência, salas de exposição, reserva técnica, café, atelier de gravura, desenho e pintura, brinquedoteca, área técnica e administrativa, sanitários.	Parque, auditório, museu, atelier de gravura, desenho, pintura, cerâmica, escultura, marcenaria, tecelagem, atelier infanto juvenil da arte, sala de música, sala de dança, área técnica e administrativa, sanitários.

SUGESTÕES PARA A NOVA PROPOSTA:

- Dimensionar o programa na proporção dos equipamentos de “pequeno porte” (Paço Cultural, MUMA, Centro de Criatividade), já que o Pompidou e SESC Pompéia atendem um volume de público maior do que se propõe;
- Selecionar os espaços mais interessantes de cada caso que convém para inserir na nova proposta;
- Além das atividades mais tradicionais de um centro cultural, atentar para os espaços que propõem atividades mais contemporâneas, como os laboratórios de artes digitais do Paço Cultural;
- Propor espaços também destinados ao público infantil, de modo a atingir variadas faixas etárias.

FONTE: elaborado pela autora

Analisando o quadro comparativo e se baseando nas atividades já ofertadas pela FCC, optou-se por incluir basicamente no programa os seguintes espaços comuns a um centro cultural: ateliês, salas de dança e expressão corporal, salas de música, cine-auditório, biblioteca, área para internet, salas de exposição, café, área de convivência, praça externa e os demais espaços administrativos, de serviço e apoio necessários. Além desses espaços mais comuns, incluiu-se também laboratório de artes digitais, laboratório de fotografia, estúdio de gravação e experimentoteca. Este último se trata de um espaço voltado a crianças, procurando atender o público infantil em um ambiente convidativo onde são desenvolvidos jogos e experiências que possibilitam o desenvolvimento de habilidades e competências. A idéia de um estúdio de gravação surge da grande quantidade de bandas musicais existentes na região, as quais, por motivos diversos, muitas vezes não dispõem de um espaço específico para ensaios ou produções musicais. Já o laboratório de artes digitais corresponde a uma tendência e necessidade atuais, onde os artistas poderão editar em uma sala com computadores e demais recursos tecnológicos seus trabalhos em softwares específicos (edições de músicas, imagens, vídeos, entre outros). Além disso, o laboratório de artes digitais poderá ofertar cursos referentes às artes gráficas.

A grande diversidade do público alvo gera, sem dúvida, a necessidade de um programa amplo. Porém, procurou-se estabelecer no programa espaços “coringa”, de modo que um mesmo ambiente se adapte a atividades distintas.

O programa do centro cultural foi desenvolvido com base na demanda atendida e nas atividades que deveriam ser ofertadas. Como o MUMA e o Centro de Criatividade são os edifícios que mais se assemelham ao proposto na questão de volume de público atendido e variedade de ambientes ofertados em um mesmo espaço, utilizou-se como base a área dos espaços dos mesmos para dimensionar os ambientes do novo centro cultural. Além disso, as visitas aos demais equipamentos da FCC, como Casa Hoffmann, Conservatório de MPB, Solar do Barão e Cinemateca permitiram verificar como se dá o funcionamento e dimensionamento de salas com atividades mais específicas, a fim de elaborar um programa mais coerente com as necessidades de cada modalidade. O programa foi também mostrado à arquiteta Dóris Teixeira, da FCC, a qual sugeriu alguns ajustes de dimensionamento e oferta de espaços que foram posteriormente corrigidos, contribuindo assim para um espaço mais relacionado com as premissas da FCC.

Diante de todo o cenário analisado até então, propõem-se o seguinte programa:

Tabela 11 – Quadro de setorização e áreas

SETOR SOCIAL	452m ²	Área parcial 2.287m ²
SETOR CULTURAL	2.066m ²	
SETOR ADMINISTRATIVO	87m ²	
SETOR DE SERVIÇO	222m ²	
CIRCULAÇÃO (20% de 2.827m ²)	565m ²	
ÁREA TOTAL DO EDIFÍCIO	3.392m²	
Estacionamento (1 vaga para cada 30m ²) = 112 vagas		
Bicicletário		
Praça externa com local para apresentações		

FONTE: elaborado pela autora

Tabela 12 – Programa: setor social

SETOR SOCIAL área total = 452m ²	
Ambientes / Dimensionamento	Atividades
Hall / área de convivência: 350m ² Café: 40m ² Informações / recepção: 12m ² Sanitários: 50m ²	- Convívio e integração social; - Apresentações informais; - Exposições temporárias; - Eventos em geral.

FONTE: elaborado pela autora

Tabela 13 – Programa: setor administrativo

SETOR ADMINISTRATIVO área total = 87m ²	
Ambientes / Dimensionamento	Atividades
01 Secretaria: 12m ² 01 Tesouraria: 8m ² 01 Coordenação: 12m ² 01 Direção: 12m ² 01 Sala de reuniões: 15m ² 01 Sala dos orientadores: 15m ² Sanitários dos funcionários: 12m ²	- Gerência das atividades e do edifício; - Elaboração das propostas das atividades pelos orientadores.

FONTE: elaborado pela autora

Tabela 14 – Programa: setor cultural

SETOR CULTURAL área total = 2.066m ²	
Ambientes / Dimensionamento	Atividades
01 Cine-auditório (180 lugares): 200m ² 01 Sala de projeção: 12m ² 01 Bilheteria: 8m ² 01 Foyer: 120m ² 02 Camarins: 20m ² x 2 = 40m ²	- Projeção de filmes; - Apresentações dança, teatro e música; - Palestras e conferências;
01 Biblioteca Área acervo e leitura: 250m ² Área Internet: 40m ² Atendimento / guarda-volumes: 15m ²	- Pesquisa, estudo, leitura.
01 Ateliê de artes: 80m ²	Atividades que requerem quase que apenas pranchetas: desenho, pintura, graffiti, história em quadrinhos.
01 Ateliê de artes: 160m ² 01 Sala do forno (cerâmica): 12m ² 01 Sala s/ iluminação (serigrafia): 12m ² 01 Sala p/ ácidos (gravura metal): 12m ²	Atividades que requerem equipamentos especiais: gravura (metal e madeira), serigrafia, cerâmica, escultura, marcenaria, marchetaria, artesanatos em geral.
01 Estúdio fotográfico: 30m ² 01 Laboratório fotográfico: 12m ²	- Aulas de fotografia - Revelação fotográfica
01 Laboratório de arte digital: 40m ²	- Edição digital de imagens, sons e vídeos - Artes gráficas computadorizadas
02 Salas de expressão corporal: 100m ² x 2 = 200m ²	- Dança: ballet clássico, ballet contemporâneo, dança do ventre, hip hop / street dance, dança de salão; - Ensaio teatral; - Yoga e demais atividades corporais.
02 Salas de música: 35m ² x 2 = 70m ² 01 Estúdio de gravação: 20m ² 01 Sala técnica do estúdio: 8m ² 01 Depósito de instrumentos musicais: 15m ²	- Aulas de instrumentos diversos; - Musicalização infantil; - Técnica vocal; - Ensaios de bandas / gravações.
01 Sala de aula multidisciplinar: 50m ²	- Aulas teóricas, debates, literatura.
01 Experimentoteca: 60m ²	- Jogos e atividades culturais p/ crianças
02 Sala de exposições: 260m ² x 2 = 520m ²	- Exposições.
Sanitários c/ vestiários: 60m ²	- Usado principalmente pelos alunos.
01 Depósito dos materiais: 25m ²	- Depósito de materiais das atividades.

FONTE: elaborado pela autora

Tabela 15 – Programa: setor de serviço

SETOR SOCIAL área total = 452m ²	
Ambientes / Dimensionamento	Atividades
Hall / área de convivência: 350m ² Café: 40m ² Informações / recepção: 12m ² Sanitários: 50m ²	- Convívio e integração social; - Apresentações informais; - Exposições temporárias; - Eventos em geral.

FONTE: elaborado pela autora

5.4 LOCAL DE IMPLANTAÇÃO

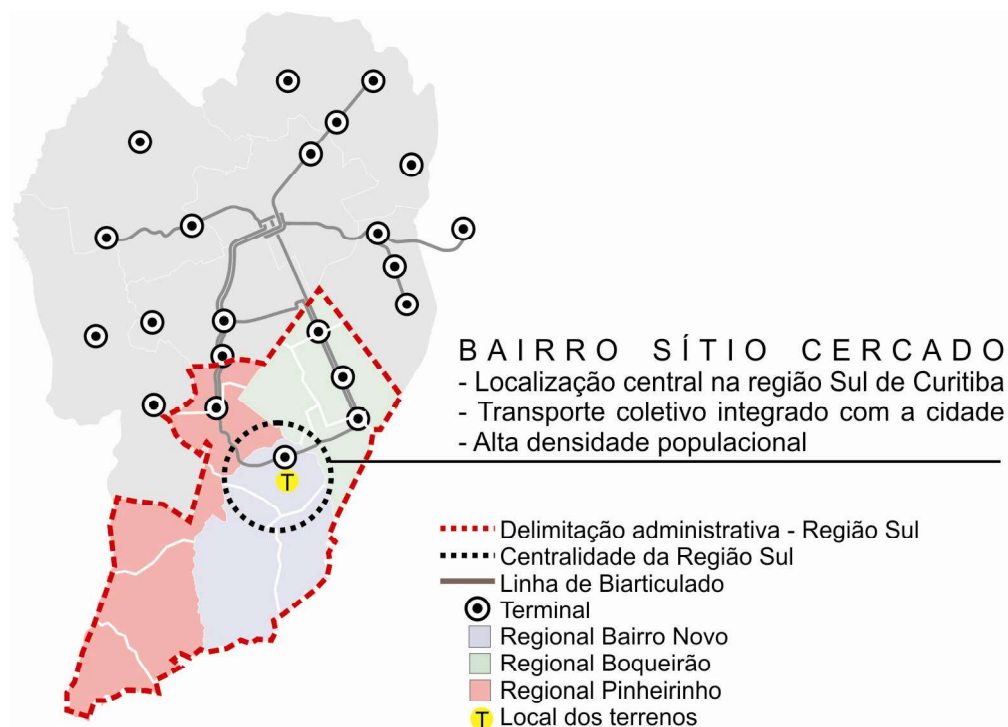
Através da análise dos aspectos físicos, sociais, culturais e urbanísticos da Regional Bairro Novo, já realizados nesta pesquisa, é possível chegar a uma conclusão de qual seria o local mais apropriado para a implantação de um centro cultural. Além disso, a definição da área total do edifício através do programa arquitetônico permite a busca de um terreno que possa atender às necessidades espaciais do projeto.

Como o equipamento proposto corresponde a um espaço que causará certo impacto na população, sendo, portanto, um equipamento de grande importância na comunidade, imagina-se que o mesmo deva estar implantado em uma área de fácil acesso e que corresponda a uma região que represente um pólo de serviço e desenvolvimento.

Devido à alta concentração de serviços e moradores no Sítio Cercado, ficou definido que este seria o bairro ideal para abrigar o centro cultural proposto, já que o equipamento não atenderia um número tão expressivo de pessoas se estivesse localizado no Umbará ou Ganchinho. Além disso, o sistema de transporte coletivo parece ser mais eficiente no Sítio Cercado, facilitando o acesso ao equipamento e a integração do mesmo com o restante da cidade.

A escolha do Sítio Cercado para a implantação do centro cultural também tem muito a ver com a sua posição geográfica na cidade. Como um dos principais objetivos é suprir a carência de equipamentos culturais na região Sul de Curitiba, a idéia é implantar o equipamento em uma área que favoreça não só a Regional Bairro Novo, mas também os bairros próximos das regionais vizinhas Boqueirão e Pinheirinho. Analisando a localização do bairro, verifica-se que o Sítio Cercado corresponde ao “centro” da região Sul de Curitiba, e que o mesmo se mantém conectado aos outros bairros através da Rede Integrada de Transporte, conferindo fácil acesso ao local. Isso incentiva e permite que pessoas de outras localidades possam desenvolver atividades no centro cultural através do pagamento de uma única passagem e deslocamento rápido.

Figura 133 – Localização favorável do Sítio Cercado



FONTE: elaborado pela autora

Após decidir o bairro no qual o centro cultural viria a ser implantado, tornou-se necessária a escolha da região ideal para a seleção futura de um terreno apropriado. Como já retratado anteriormente, a idéia é de que o centro cultural esteja em um local de fácil acesso e em uma região com grande concentração de equipamentos a fim de que, juntos, formem uma espécie de complexo multiuso. Ou seja, deverá haver articulação do centro cultural com os equipamentos urbanos próximos, favorecendo ligações com os espaços já existentes, como escolas, ginásios, praças, Rua da Cidadania, Barracões Empresariais, entre outros.

Analisando os indicadores e dados já exibidos no estudo da regional, foram encontrados no Sítio Cercado dois pontos interessantes para a implantação do equipamento proposto. Um deles seria próximo ao Terminal de ônibus, na Rua Izaac Ferreira da Cruz, dada a facilidade de acesso e o grande movimento de pessoas e comércio na região. O outro, o qual veio a ser posteriormente escolhido, localiza-se próximo à Rua da Cidadania, na Rua Tijucas do Sul, uma das principais vias do bairro, onde se localizam uma série de equipamentos urbanos e terrenos livres para equipamentos que possam vir a ser implantados. As duas opções atendiam aos requisitos básicos para a escolha do local: concentração de equipamentos para propor integração com os mesmos e facilidade de acesso.

Figura 134 – Pontos de facilidade de acesso e concentração de serviços



FONTE: elaborado pela autora

Em visita ao bairro, considerou-se a opção de proximidade com Rua da Cidadania, na Rua Tijucas do Sul, mais interessante. Isso porque a área se trata de um “pólo de desenvolvimento” do Linhão do Emprego, havendo vários equipamentos urbanos interessantes próximos, existindo a possibilidade de integração com os mesmos. Além disso, há vários terrenos amplos próximos à Rua da Cidadania que se encontram livres e possuem um grande potencial para estabelecer conexões com os equipamentos vizinhos. Vale lembrar que estes terrenos livres fazem parte do plano de loteamento da prefeitura no início da década de 90, em que foram reservados alguns espaços grandes para a futura implantação de equipamentos, como no caso do centro cultural em questão. O fato de a região ser um “pólo de desenvolvimento” do Linhão do Emprego estimula a implantação de equipamentos na área, tendo em vista que há a intenção de se fazer um complexo com as mais variadas ofertas de serviços e atividades. Próximos aos terrenos estão localizados os seguintes equipamentos para estabelecer relações: Rua da Cidadania, barracão da FAS (onde já existe uma sala da FCC) e um centro de esporte e lazer. Este último compreende um ginásio de esportes, e ao seu lado está sendo construído um centro aquático que terá duas piscinas. Em frente à Rua da Cidadania há uma estação tubo abastecida pela Linha Direta Bairro Novo (Ligeirinho), a qual integra o local com o terminal de transporte.

A localização próxima ao Terminal também parecia viável, principalmente pela facilidade do transporte coletivo na área. Porém, o contexto se mostrou menos interessante, uma vez que não foi encontrado um terreno adequado próximo ao Terminal em alguma rua mais movimentada, como a Rua Izaac Ferreira da Cruz ou a Rua dos Pioneiros. Foram

encontrados terrenos livres apenas mais afastados da malha urbana principal, não atendendo aos requisitos de entorno urbano desejado para o centro cultural. Além disso, os equipamentos mais próximos não se tratavam de opções muito adequadas para estabelecer conexões com o espaço a ser implantado, seja por estarem relativamente longe ou pela sua função, a qual não estabelece relação com um centro cultural (hospital, por exemplo). Para implantação do centro cultural em uma área interessante próxima ao terminal, seriam necessárias muitas desapropriações, o que não é algo muito viável e politicamente correto. Um outro fator que não levou à escolha desta localização é o fato de ela não estar em uma área mais central do bairro, distanciando-se mais dos bairros Umbará e Ganchinho.

Diante deste cenário, adotou-se a área próxima à Rua da Cidadania como a região onde deve ser implantado o centro cultural. A área próxima ao Terminal de Transporte fica como uma opção secundária.

Figura 135 – Contexto urbano da Rua da Cidadania



FONTE: elaborado pela autora

Figura 136 – Contexto urbano do Terminal de Transporte



CONCLUSÃO: OPÇÃO SECUNDÁRIA DE LOCALIZAÇÃO

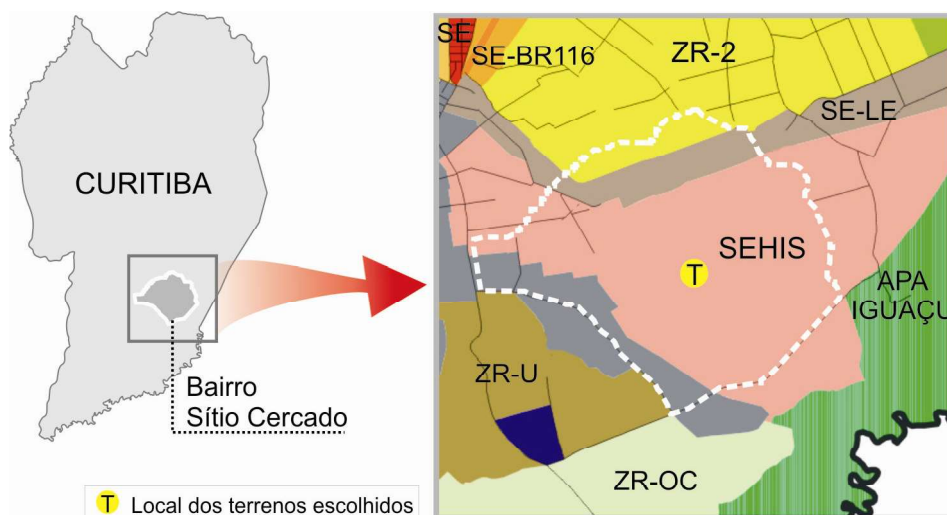
FONTE: elaborado pela autora

5.4.1 Terrenos

Após determinado que a localização mais apropriada para o centro cultural seria próximo à Rua da Cidadania, tornou-se possível escolher o terreno tendo em vista as diretrizes traçadas para o projeto.

Como já citado anteriormente, existem algumas opções de terrenos livres nesta região. Para a escolha do lote mais adequado, adotou-se como requisito básico possuir testada para a Rua Tijucas do Sul. Isso porque, além de se tratar de uma via importante no bairro com alto tráfego de veículos e pessoas, possui parâmetros especiais de uso e ocupação do solo em relação aos lotes vizinhos. De acordo com o mapa de zoneamento de Curitiba, a zona na qual a Rua da Cidadania se encontra é denominada SEHIS (Setor Especial de Habitação de Interesse Social). Porém, os lotes desta zona que apresentam testada para a Rua Tijucas do Sul possuem parâmetros que permitem um maior potencial construtivo em relação aos demais terrenos, pois fazem parte do Linhão do Emprego. Analisando a diferença de potencial construtivo entre as duas áreas, imaginou-se que seria mais adequado implantar o centro cultural em um local que permite maior aproveitamento do solo, de frente para a Rua Tijucas do Sul, tendo em vista o porte do edifício a ser proposto.

Figura 137 – Zoneamento



FONTE: IPPUC / grafismo da autora

Figura 138 – Parâmetros de uso e ocupação do solo

Parâmetros de uso e ocupação do solo para edificação de uso COMUNITÁRIO	Parâmetros que serão utilizados	
	SEHIS	SEHIS Especial Linhão do Emprego
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	0,6	1
TAXA DE OCUPAÇÃO MÁXIMA	30%	50%
ALTURA MÁXIMA (PAVIMENTOS)	2	4
RECUO FRONTAL MÍNIMO	5m	3m
AFASTAMENTO MÍNIMO DAS DIVISAS	2,5m	2,5m
TAXA DE PERMEABILIDADE	25%	25%

FONTE: guia amarela / grafismo da autora

Tendo em vista a relativa variedade de terrenos livres na Rua Tijucas próximos à Rua da Cidadania, foram estabelecidos dois requisitos básicos que o terreno deveria atender a fim de que fosse selecionada uma opção adequada:

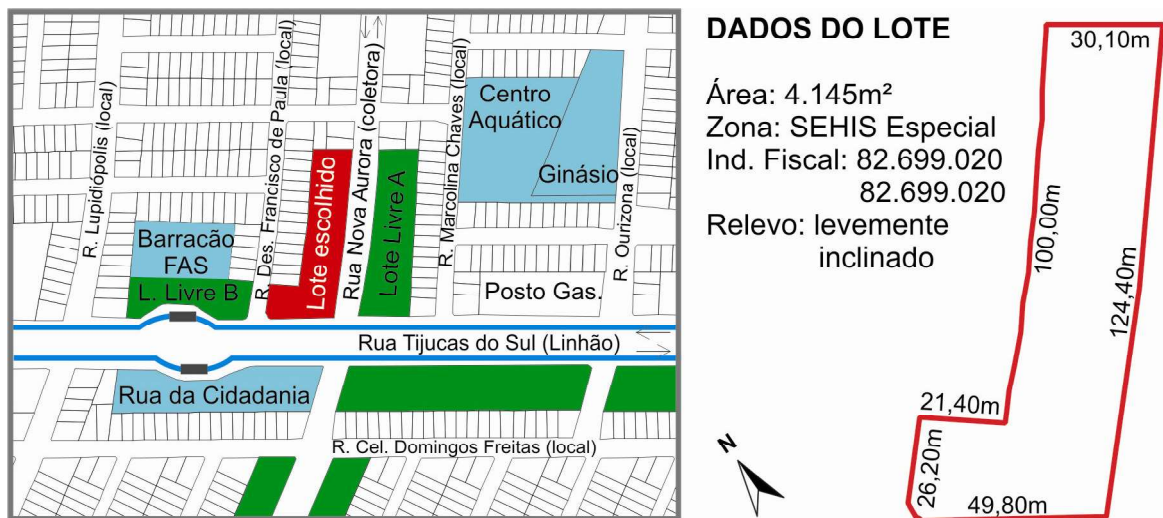
- Se o coeficiente de aproveitamento dos lotes na área são 1, e que o centro cultural proposto prevê uma área construída de 3.392m², supõem-se que o terreno a ser escolhido deva ter, no mínimo essa mesma metragem.
- O terreno para a implantação do edifício deve estar, preferencialmente, no centro dos equipamentos Rua da Cidadania, barracão da FAS, centro aquático e ginásio, a fim de que de que o centro cultural possa servir como um articulador destes espaços.

Diante desses requisitos, adotou-se como terreno principal para implantação do edifício o lote mostrado na figura a seguir:

Figura 139 – Entorno do terreno escolhido



Figura 140 – Lotes



FONTE: elaborado pela autora

Figura 141 – Terreno e entorno

BARRACÃO FAS

TERRENO ESCOLHIDO

TERRENO LIVRE "A"



TERRENO LIVRE "A"

RUA NOVA AURORA

TERRENO ESCOLHIDO



BARRACÃO DA FAS

ESTAÇÃO TUBO

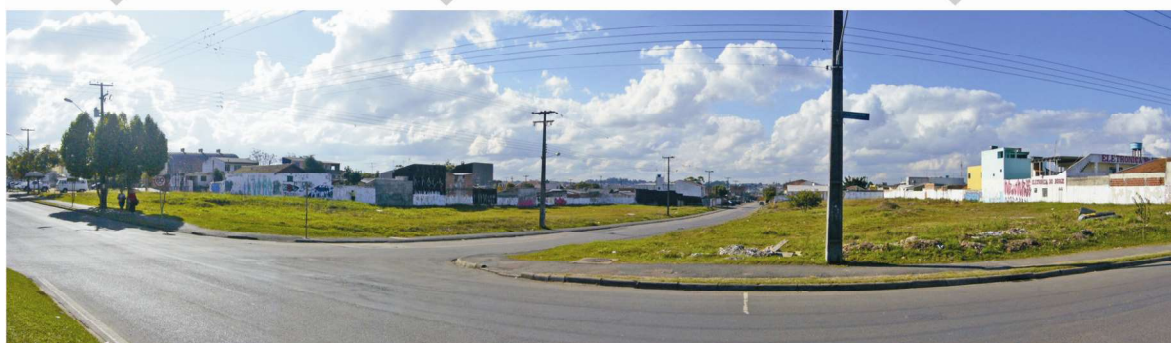
RUA DA CIDADANIA



BARRACÃO DA FAS

TERRENO ESCOLHIDO

TERRENO LIVRE "A"



FONTE: elaborado pela autora

A existência de terrenos livres de ambos os lados do lote escolhido se torna interessante, uma vez que é possível estabelecer relações com os espaços do outro lado da rua. O denominado terreno livre “B” se localiza em frente ao barracão, e atualmente é utilizado como estacionamento. Como há a idéia de se fazer uma praça ou área de convívio externa no lote do centro cultural, imagina-se que este terreno livre “B” possa ser uma continuação da mesma, a fim de integrar o barracão de atividades da FAS com o novo equipamento.

Já do outro lado do lote está o terreno livre “A”. A princípio, a idéia é utilizar apenas o terreno escolhido, já que este pode abrigar todos os espaços previstos no programa. Porém, caso haja necessidade de muitas vagas de estacionamento, há necessidade de se prever um outro local para implantar o mesmo, o que poderia vir a ser o terreno livre “A”. Além disso, a Rua da Cidadania terá a sua área de estacionamento substituída por um ginásio de esportes, o que demandará também um outro local para o estacionamento. Caso o terreno livre “B” venha a ser realmente utilizado, torna-se interessante fazer uma proposta mais ousada para o centro cultural. Os espaços e ambientes poderiam se dividir entre os dois terrenos de acordo com sua função, e a Rua Nova Aurora passaria a fazer parte do equipamento, pois integraria as duas partes distintas. A rua seria diferenciada das demais através de algumas de algumas intervenções artísticas na mesma, expressando à população de que ali se produz e consome cultura. Seriam intervenções meramente plásticas, em que nada afetariam a função do sistema viário. Vale lembrar que isso se trata apenas de uma sugestão para o centro cultural proposto, já que só se saberá o rumo do projeto na medida em que for sendo desenvolvido o projeto arquitetônico do mesmo.

Outra questão a ser pensada também, caso o lote “B” venha a ser ocupado, é a ligação com o ginásio de esportes e o ainda não inaugurado centro aquático. Porém, todos os lotes que se encarregariam de fazer esta conexão já estão ocupados por residências. Uma medida para isso seria a desapropriação dos lotes, embora esta seja uma medida relativamente inadequada para o caso em questão, uma vez que famílias seriam deslocadas por um motivo não muito convincente. O que poderia ser realizado, por exemplo, é um projeto de desenho urbano e paisagismo nas vias que unem os equipamentos tratados, a fim de unificar os espaços de cultura e lazer em uma espécie de complexo multi-uso.

Figura 142 – Levantamento fotográfico



FONTE: elaborado pela autora

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil é um país rico em suas manifestações culturais, caracterizando-se por uma nação repleta de cores, festividades e criatividade. A amplitude do seu território faz com que a haja grupos com identidades e costumes bastante variados, e sua história permitiu a mescla das culturas indígena, européia e africana. Somado a isso, têm-se também os valores de outras localidades difundidos no país através do processo de globalização. Essa mistura de valores e culturas gerou resultados interessantes, embora muito do potencial cultural brasileiro não seja aproveitado da devida maneira. É muito comum encontrar artistas desconhecidos das mais variadas vertentes culturais que nunca tiveram a oportunidade de aperfeiçoar o seu talento, permanecendo esquecidos. Há também casos de pessoas que precisam de um leve estímulo para terem suas habilidades desenvolvidas, mas que, pelos mais variados motivos, não encontram condições de freqüentar atividades ou espaços culturais.

Em Curitiba, nota-se uma situação bastante parecida. Trata-se de uma cidade com elevado poder cultural, que coloca à disposição inúmeras opções de cultura e lazer, com uma potencialidade que vêm aumentando gradativamente. Porém, grande parcela da população encontra dificuldade de acesso a estes equipamentos, principalmente os habitantes com renda relativamente baixa dos bairros mais periféricos. Esta barreira de acesso pode ocorrer por diversos motivos: grande distância dos equipamentos em relação às moradias, custo para participação nas atividades ou simplesmente a falsa idéia da cultura como um privilégio da elite.

Cabe ao poder público minimizar as diferenças entre os “culturalmente integrados” e os “excluídos”, promovendo a implantação de equipamentos públicos e ações na cidade que possam atender esta população mais carente. Em Curitiba, nota-se que existem vários espaços e atividades públicas voltados à prática de atividades culturais, embora estejam relativamente mal distribuídos pelo território, desfavorecendo algumas regiões da cidade, como o caso da Sul. Além disso, a grande demanda por atividades do gênero resulta em turmas lotadas, inviabilizando o acesso de grande parte da população à cultura.

Tendo em vista o crescimento da cidade na direção Sul e a concentração de problemas na mesma, torna-se de urgente necessidade a implantação de um centro cultural na Regional Bairro Novo. Em visita às salas improvisadas da FCC na regional, percebe-se que existe vontade de realizar melhorias, embora os recursos físicos dos espaços não possam ser considerados nem básicos. Mesmo assim, há uma procura enorme pelos cursos ofertados nos locais, havendo grandes listas de espera por uma vaga nas atividades, já que a dimensão dos espaços é muito reduzida para atender a demanda existente.

Certamente, um espaço cultural mais apropriado despertaria muito mais o interesse de leigos e iniciantes, atingindo um público ainda mais amplo e tornando a cultura e o lazer como instrumentos muito mais presentes nas tentativas de desenvolvimento intelectual, superação de dificuldades e inclusão social. Além disso, poderia fomentar as manifestações culturais locais, como por exemplo, o movimento *hip-hop* e o *graffiti*, as quais são atualmente consideradas uma demanda reprimida.

Com a implantação do centro cultural, os moradores da região passariam a ter o edifício como referência de sua identidade. Além disso, seria desmistificada a idéia da cultura como um privilégio da elite, evidenciando a idéia de que todos os indivíduos são produtores culturais. É importante também que o centro promova intercâmbio de atividades com outras comunidades, a fim de que se conheça o novo e que as diferenças culturais sejam respeitadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAVENA, Alejandro. **Los hechos de la arquitectura**. Santiago: Ediciones ARQ, 1999. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq045/arq045_02.asp>. Acesso em: mai. 2008.

BOUGESTHOS, Henrique. **Planejamento Urbano e Lazer**. In: **1º Seminário Nacional sobre Lazer**. Rio de Janeiro: SESC, 1974.

CAMARGO, L. O. L. **O que é Lazer**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

COELHO, Teixeira. **Para um centro público de cultura**. Estudo preliminar para a criação de um centro público de cultura na Regional Bairro Novo. Março 2007, Curitiba.

DUDEQUE, Irã José Taborda. **Espiraís de madeira**: uma história da arquitetura de Curitiba. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2001.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FERRAZ, Marcelo Carvalho. **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1993.

GIBSON, J. J. **Perception of the visual world**. Connecticut: Greenwood Press Publishers, 1974.

LAMBERTS, Roberto; DUTRA, Luciano; PEREIRA, Fernando Oscar Ruttkay Pereira. **Eficiência energética na arquitetura**. 2. ed. São Paulo: ProLivros, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LYRA, Cyro Corrêa e SOUZA, Alcídio Mafra. **Guia dos Bens Tombados - Paraná**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. São Paulo: Editora Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Humanização**. Campinas: Editora Papirus, 1995.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Políticas Públicas Setoriais de Lazer: O Papel das Prefeituras**. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

MEDEIROS, Ethel Bauzer. **O Lazer no Planejamento Urbano**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

OLIVEIRA, Olivia. **Lina Bo Bardi: sutis substâncias da arquitetura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

ONO, Maristela. **Design e cultura: sintonia essencial**. Curitiba: Edição da autora, 2006.

PIANO, Renzo. **Renzo Piano: buildings and projects, 1971-1989**. Nova York: Rizzoli, 1989.

REQUIXA, Renato. **O Lazer no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Normas para apresentação de Documentos Científicos**: Teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. 2v.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Normas para apresentação de Documentos Científicos**: Referências. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. 6v.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Normas para apresentação de Documentos Científicos**: Citações e notas de rodapé. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. 7v.

SANTINE, Rita. **Dimensões do lazer e da recreação. Questões espaciais, sociais e psicológicas**. São Paulo: Editora Angelotti, 1993.

SCHMID, Aloísio Leoni. **A idéia de conforto: reflexões sobre o ambiente construído**. Curitiba: Pacto Ambiental, 2005.

_____. BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **Cores da Cidade – Riachuelo e Generoso Marques**. Vol.23, mar. 1996, Curitiba.

_____. GAZETA DO POVO. **O arquipélago de Curitiba**. 25 mar. 2007, Curitiba.

_____. GAZETA DO POVO. **As faces do subúrbio**. 01 jun. 2008, Curitiba.

_____. GAZETA DO POVO. **Barrados no shopping, de novo**. 02 jun. 2008, Curitiba.

_____. REVISTA AU. São Paulo: Pini, n. 87, dez. 1999.

Websites consultados

Centre Georges Pompidou. Disponível em: <<http://www.galinsky.com/buildings/pompidou/>>. Acesso em: mai. 2008.

Centre Georges Pompidou. Disponível em: <<http://www.handicap.centrepompidou.fr/>>. Acesso em: mai. 2008.

Centre Georges Pompidou. Disponível em: <<http://www.cnac-gp.fr/education/ressources/ENS-architecture-Centre-Pompidou/>>. Acesso em: mai. 2008.

Fundação Cultural de Curitiba. Disponível em: <<http://www.fccdigital.com.br>>. Acesso em: abr. 2008.

Mapas e dados de Curitiba. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br>>. Acesso em: mai. 2008.

Reflexões sobre a construção da forma pertinente. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq045/arq045_02.asp>. Acesso em: mai. 2008.

Secretarias e Órgãos de Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/secretaria>>. Acesso em: abr. 2008.

Entrevistas

NIEDERHEITMANN, Waltraudt. Coordenadora da Fundação Cultural de Curitiba na Regional Pinheirinho. Entrevista concedida em 22 de abril de 2008, Curitiba.

SANTOS, Leilor. Coordenadora do setor de Lazer na SMEL. Entrevista concedida em 10 de maio de 2008, Curitiba.

SIMPLICIO, Luzia. Coordenadora da Fundação Cultural de Curitiba na Regional Bairro Novo. Entrevista concedida em 30 de abril de 2008, Curitiba.

SOUZA, Ozanam. Antropólogo da Casa da Memória. Entrevista concedida em 06 de maio de 2008, Curitiba.

TEIXEIRA, Dóris Regina. Arquiteta do setor de Projetos da Fundação Cultural de Curitiba. Entrevista concedida em 16 de abril de 2008, Curitiba.

ANEXOS